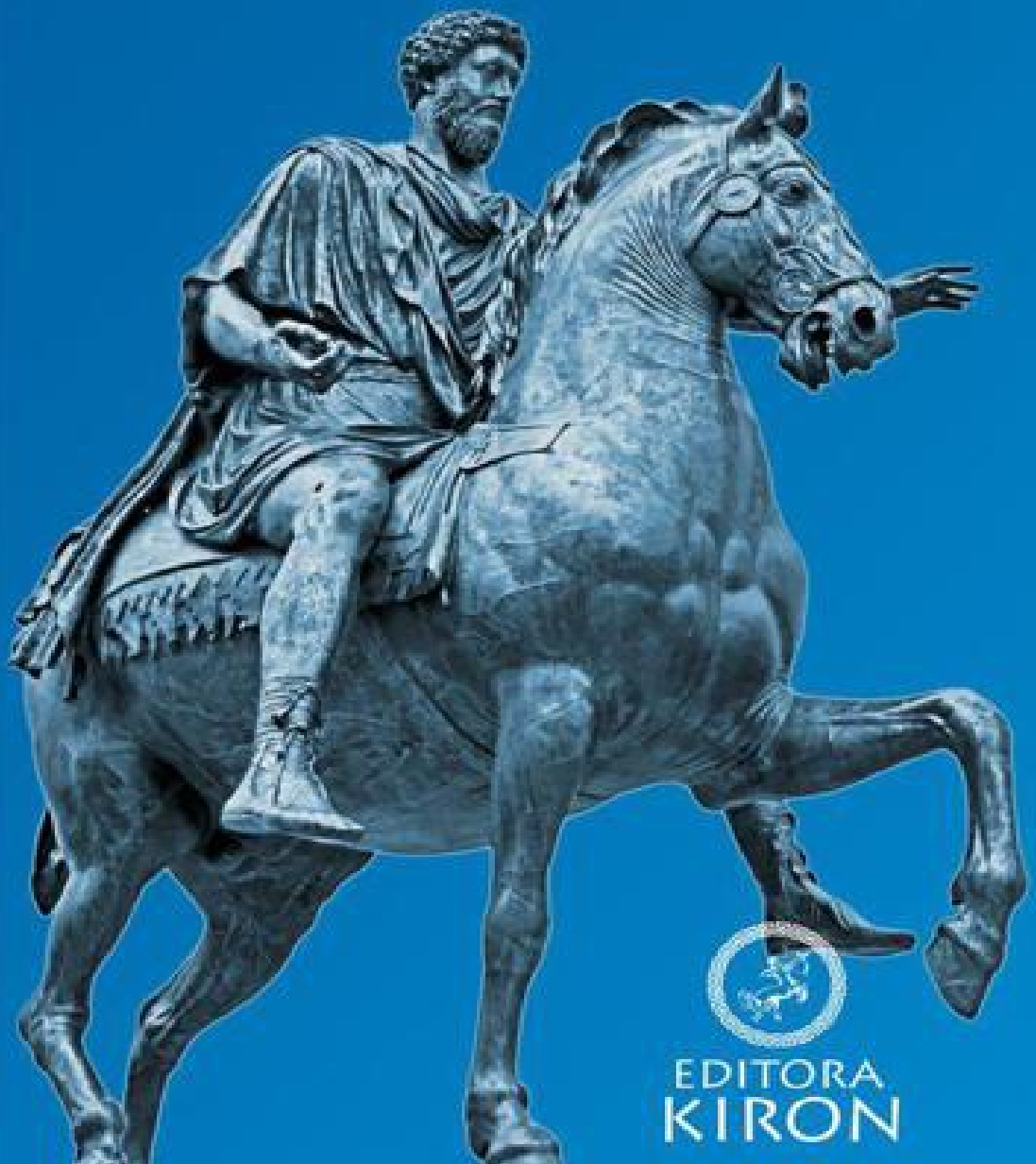
*Coleção Filosofia à Maneira Clássica*

# Meditações

## *Marco Aurélio*



EDITORA
KIRON

Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website

# Ficha Catalográfica

**Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica**
Denny Guimarães de Souza Salgado
Willy de Almeida Rodrigues Salgado
*Editora Kiron*

**Editoração Eletrônica da Capa**
Paulo de Tarso Soares Silva
*Editora Kiron*

**Organizador da Coleção**
Daniel Alves Machado

**Tradução**
Thainara Castro Lima

**Revisão**
André Vasconcelos Barros

**Impressão e Acabamento**
*Editora Kiron (61) 3563-5048 / (83) 3042-5757 www.editorakiron.com.br / editora@editorakiron.com.br*

1491

Marco Aurélio

Meditações / Marco Aurélio. Tradução de Thainara Castro. – Brasília: Editora Kiron, 2011.

188 p. : il ; 15 cm

ISBN 978-85-8113-030-9

1. Filosofia. 2. Estoicismo. I. Título.

CDU: 180

# Coleção Filosofia à Maneira Clássica

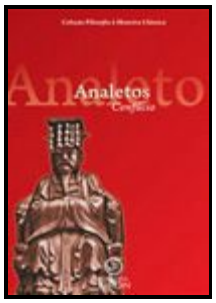



## Da brevidade da vida

Disse Sêneca: "O tempo que temos não é curto; mas perdendo muito dele, fazemos que o seja, e a vida é suficientemente larga para se fazer coisas grandes, se a empregarmos bem. Mas perdemos muito da vida em ócio e em deleites, e não a ocupamos em louváveis exercícios; e quando chega o último momento dela, conhecemos que se passou muito rápido, sem que tenhamos percebido que caminhávamos. O certo é que a vida que temos não é breve, fazemos com que assim seja; e que não somos pobres, e sim pródigos do tempo."

**MAIS INFORMAÇÕES**

---




## Analetos

Os analetos, também conhecidos como Diálogos de Confúcio, constituem o livro mais importante desse Mestre de Sabedoria. A obra apresenta uma seleção de textos creditados aos seus discípulos. Confúcio acreditava que a sociedade só estaria em harmonia se todos os indivíduos que nela viviam estivessem harmonizados dentro de si.

**MAIS INFORMAÇÕES**

---

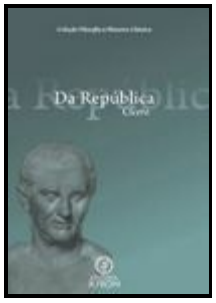



## Dhammapada

O Dhammapada é um escrito budista tradicionalmente considerado uma das principais obras que contém os ensinamentos do próprio Buda, que não compilou nem escreveu seus preceitos. Podemos extrair desses ensinamentos o que é próprio da essência humana, aquilo que perdura através dos tempos, apesar de todas as mudanças. Aquilo que nos leva a paz interior e estimula a cada um a trilhar o caminho da libertação.

**MAIS INFORMAÇÕES**

---

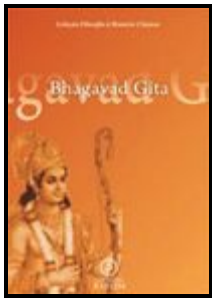



## Da república, de Cicero

Marcus Tullius Cicero, ou Marco Túlio Cícero em português, nasceu no ano 106 a.C., na cidade de Arpino, uma comuna italiana da região do Lácio, e é proveniente de uma família humilde. Grande filósofo, orador, escritor, advogado e político, Cícero foi considerado uma das mentes mais versáteis de Roma. Foi ele quem apresentou aos Romanos as escolas da filosofia grega e criou um vocabulário filosófico em latim.

**MAIS INFORMAÇÕES**

---

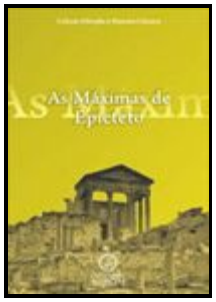



## Bhagavad Gita

Bhagavad Gîta é uma parte da grande epopéia hindu: o Mahabarata. Nesta epopéia se narra a luta sustentada por dois grandes exércitos inimigos para conquistar a gloriosa cidade de Hastinapura. O significado etimológico de Bhagavad Gîta "Canção do Senhor" ou "Canto do Mestre", nos demonstra que a canção está composta pelas mágicas palavras da divindade que, com seu imenso caudal de conhecimento, mostram o sentido da Vida.

**MAIS INFORMAÇÕES**

---




## As máximas de Epicteto

As coisas, dizia Epicteto, são de duas classes: umas dependem de nós, as outras, não. Dentre estas últimas estão o nosso corpo e sua integridade, as riquezas e as honras que nos são inteiramente alheias. Nosso bem e nosso mal, ao contrário, estão completamente dentro da esfera de nosso poder. Agir bem é agir conforme a nossa natureza e a nossa razão.

**MAIS INFORMAÇÕES**

---




## Meditações

Os escritos de Marco Aurélio apresentam bem as ideias estóicas que giram em torno da negação de uma emoção, de uma habilidade, que, segundo o imperador, libertarão o homem das dores e dos prazeres do mundo material. A única maneira de um homem ser atingido pelos outros seria se ele permitisse que sua reação tomasse conta de si. Marco Aurélio não mostra qualquer fé

religiosa em particular nos seus escritos, mas parecia acreditar que algum tipo de força lógica e benevolente organizasse o universo de tal maneira que até mesmo os acontecimentos "ruins" ocorressem para o bem do todo.

**MAIS INFORMAÇÕES**

---




## Tao Te King

O Tao Te King contém antigos escritos pelo sábio chinês Lao Tsé, e é considerada uma das obras mais importantes da filosofia. Os ensinamentos desse mestre de sabedoria foram guardados na obra Tao Te King, termo que é traduzido como "O Livro do Caminho e da sua Virtude". Trata-se de um texto filosófico e moral, que mostrava como o ser humano pode ter uma boa conduta, dentro daquilo que é sua natureza: ser um humano.

**MAIS INFORMAÇÕES**

---

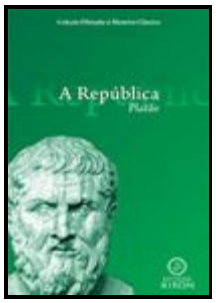



## A voz do silêncio

Ainda que conhecido superficialmente, "A Voz do Silêncio" é um dos livros mais notáveis da literatura oriental, apresentado ao mundo, principalmente o ocidental, pela filósofa e tratadista russa Helena Petrovna Blavatsky. A "voz do silêncio" de que fala o título é uma alusão à inspiração verdadeiramente divina, à comunicação direta do devoto com sua alma imortal, condição obtida somente após um longo e árduo processo de treinamento, desenvolvimento e purificação pessoal, que pode levar diversas vidas para ser completado.

**MAIS INFORMAÇÕES**

---




## A República

Nascido em Atenas no ano de 427 a.C., Platão é considerado um dos principais filósofos da história. Suas ideias e teorias influenciaram, e influenciam até hoje, o pensamento ocidental. O método utilizado por Platão em suas obras é o diálogo. Este termo vem do grego "dia logos", que significa "duas inteligências", ou seja, por meio da dualidade chega-se à verdade.

**MAIS INFORMAÇÕES**

---

# Apresentação

A palavra filosofia vem do grego philos (amigo ou amante) e sophia (sabedoria). O filósofo é, portanto, aquele que ama a sabedoria e, por não tê-la, busca-a constantemente, em toda forma de conhecimento e em todos os lugares.

A Coleção Filosofia à Maneira Clássica resgata as grandes obras do pensamento universal, que são como ferramentas para essa busca. Possibilita um estudo comparativo de diversas tradições, tanto do Oriente quanto do Ocidente, visando a responder aqueles questionamentos que todo ser humano se faz: “Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?”.

Estude Filosofia de forma prática, dinâmica e atrativa, aprendendo com os grandes mestres de sabedoria a encontrar respostas e entender melhor a si mesmo e ao mundo!

# Introdução

Marco Marco Aurélio Antonino Augusto, conhecido como Marco Aurélio, nasceu em 26 de abril de 121 e foi imperador romano desde 161 até sua morte em 17 de Março de 180.

Seu nome de nascimento é, na verdade, Marco Ânio Catílio Severo. Em seguida, tomou o nome de Marco Ânio Vero pelo casamento. Somente ao ser ser designado imperador, mudou o nome para Marco Aurélio Antonino, acrescentando-lhe os títulos de Imperador, César e Augusto. Aurelius significa "dourado", e a referência a Antoninus deve-se ao facto de ter sido adotado pelo seu tio e imperador Antonino Pio.

O imperador Antonino Pio designou Marco Aurélio como herdeiro em 25 de Fevereiro de 138 (pouco depois de ele mesmo ter sucedido ao imperador Adriano). Marco Aurélio tinha, então, apenas 17 anos de idade. Antonino, no entanto, também designou Lúcio Vero como sucessor. Quando Antonino faleceu, Marco Aurélio subiu ao trono em conjunto com Vero, na condição de serem co-imperadores Augusto.

Não se sabe ao certo os motivos da sucessão conjunta, mas especula-se que pode ter sido motivada pelas cada vez maiores exigências militares que o Império atravessava. Durante o reinado de Marco Aurélio, as fronteiras de Roma foram constantemente atacadas por diversos povos: na Europa, germanos tentavam penetrar na Gália; e na Ásia, os partos renovaram os seus assaltos. Sendo necessária uma figura autoritária para guiar as tropas, e não podendo o mesmo imperador defender as duas fronteiras simultaneamente.

Sendo assim, Marco Aurélio teria resolvido a questão enviando o co-imperador Vero como comandante das legiões situadas no Oriente. Vero era suficientemente forte para comandar tropas, e ao mesmo tempo já detinha parte do poder, o que certamente não o encorajava a querer derrubar Marco Aurélio. O plano deste último revelou-se um sucesso - Lúcio Vero permaneceu leal até à sua morte, em campanha, no ano 169.

Marco Aurélio casou-se com Faustina, a jovem, filha de Antonino Pio e da imperatriz Faustina, a Velha, em 145. Durante os seus trinta anos de casamento, Faustina gerou 13 filhos, entre os quais Cômodo, que se tornou imperador após Marco Aurélio, e Lucila, a qual casou com Lúcio Vero para solidificar a sua aliança com Marco Aurélio.

O imperador faleceu em 17 de março de 180, durante uma expedição contra os marcomanos, que cercavam Vindobona (atual Viena, na Áustria). As suas cinzas foram trazidas para Roma, e depositadas no mausoléu de Adriano. Diz-se que, com a morte de Marco Aurélio, também foi a morte da Pax Romana (paz romana), período de relativa paz, instaurado em 27 a.C. por Augusto César, no qual a população romana viveu protegida do seu maior

receio: as invasões dos bárbaros que viviam junto às fronteiras.

Porém, nem as misérias, nem as inúmeras calamidades que se desencadearam sobre o Império, nem as constantes lutas contra os bárbaros que incessantemente planejavam invadir, e invadiam, Roma, nem as desgraças familiares puderam debilitar aquela inteligência e aquela vontade presente no imperador. Essa é uma característica marcante nesse imperador-filósofo, que manteve sempre sua honra, sua bondade e seu senso de justiça.

Em meio a tudo isso, Marco Aurélio escrevia reflexões pessoais para si mesmo, repletas dos mais altos códigos morais, aproveitando os momentos livres que lhe deixavam suas campanhas, como uma fonte para sua própria orientação e para se melhorar como pessoa. Provavelmente, ele não teve a intenção de publicar seus escritos, cujo título inicial foi Solilóquios, ou A mim mesmo.

Os escritos apresentam bem as ideias estóicas que giram em torno da negação de uma emoção, de uma habilidade, que, segundo o imperador, libertarão o homem das dores e dos prazeres do mundo material. A única maneira de um homem ser atingido pelos outros seria se ele permitisse que sua reação tomasse conta de si. Marco Aurélio não mostra qualquer fé religiosa em particular nos seus escritos, mas parecia acreditar que algum tipo de força lógica e benevolente organizasse o universo de tal maneira que até mesmo os acontecimentos “ruins” ocorressem para o bem do todo.

Posteriormente, foi intitulado, “Meditações” e é, com certeza, uma das mais célebres obras da humanidade.

# Livro I

1. Aprendi com meu avô Verus: o bom caráter e a serenidade.

2. Da reputação e memória legadas por meu pai: o caráter discreto e viril.

3. De minha mãe: o respeito aos deuses, a generosidade e a abstenção não somente do agir mal, como também de incorrer em semelhante pensamento; mais ainda, a frugalidade no regime de vida e o distanciamento do modo de viver próprio dos ricos.

4. Do meu bisavô: o não haver frequentado as escolas públicas e ter desfrutado de bons mestres em casa, e ter compreendido que, para tais fins, é preciso gastar com generosidade.

5. Do meu preceptor: o não ter pertencido à facção nem dos Verdes, nem dos Azuis, nem partidário dos Grandes-Escudos, nem dos Pequenos-Escudos; o suportar as fatigas e ter poucas necessidades; o trabalho com esforço pessoal e a abstenção de excessivas tarefas, e a desfavorável acolhida à calúnia.

6. De Diogneto: o evitar inúteis ocupações; e a desconfiança do que contam os que fazem prodígios e feiticeiros sobre encantamentos e invocação de espíritos, e de outras práticas semelhantes; e o não dedicar-me à criação de codornas nem sentir paixão por essas coisas; o suportar a conversa franca e familiarizar-me com a filosofia; e o ter escutado primeiro a Báquio, depois a Tandárido e Marciano; ter escrito diálogos na infância; e ter desejado a cama coberta de pele de animal, e todas as demais práticas vinculadas à formação helênica.

7. De Rústico: o ter concebido a idéia da necessidade de direcionar e cuidar do meu caráter; o não ter me desviado para a emulação sofista, nem escrever tratados teóricos nem recitar discursos de exortação nem fazer-me passar por pessoa ascética ou filantrópica com vistosos alardes; e o ter me afastado da retórica, da poética e dos belos modos. E o não passear de toga pela casa e nem fazer coisas semelhantes. Também o escrever as cartas de maneira simples, como aquela que ele mesmo escreveu em Sinuessa para minha mãe; o estar disposto a aceitar com indulgência a chamada e a reconciliação com os que nos ofenderam e incomodaram, assim que queiram retratar-se; a leitura com precisão, sem contentar-me com umas considerações gerais, e o não dar meu consentimento com prontidão aos charlatões; o haver tido contato com os Comentários de Epicteto, das quais me entregou uma cópia sua.

8. De Apolônio: a liberdade de critério e a decisão firme, sem vacilo nem recursos fortuitos; não dirigir o olhar a nenhuma outra coisa além da razão, nem sequer por pouco tempo; o ser

sempre inalterável, nas fortes dores, na perda de um filho, nas enfermidades prolongadas; o ter visto claramente, em um modelo vivo, que a mesma pessoa pode ser muito rigorosa e, ao mesmo tempo, despreocupada; o não mostrar um caráter irracional nas explicações; o ter visto um homem que claramente considerava como a mais ínfima de suas qualidades a experiência e a diligência ao transmitir as explicações teóricas; o ter aprendido como se deve aceitar os aparentes favores dos amigos, sem desejar ser subornado por eles nem rejeitá-los sem tato.

9. De Sexto: a benevolência, o exemplo de uma casa governada patriarcalmente, o projeto de viver conforme a natureza; a dignidade sem afetação; o atender aos amigos com presteza; a tolerância para com os ignorantes e para com os que opinam sem refletir; a harmonia com todos, de tal forma que seu trato era mais agradável que qualquer adulação, e os demais, naquele preciso momento, sentiam o máximo respeito por ele; a capacidade de descobrir com método indutivo e ordenado os princípios necessários para a vida; o não ter dado nunca a impressão de cólera nem de nenhuma outra paixão, mas antes, ser o menos afetado possível pelas paixões e, ao mesmo tempo, ser o que mais profundamente ama a humanidade; o elogio, sem estridências; o saber multifacetado, sem alardes.

10. De Alexandre, o gramático: a aversão à crítica; o não repreender com injúrias os que tenham proferido um barbarismo, solecismo ou som mal pronunciado, mas proclamar com destreza o termo preciso que deveria ser pronunciado, em forma de resposta, ou de ratificação ou de uma consideração em comum sobre o próprio tema, não sobre a expressão gramatical, ou por meio de qualquer outra sugestão ocasional e apropriada.

11. De Frontão: o ter me detido a pensar como é a inveja, a astúcia e a hipocrisia própria do tirano, e que, em geral, os que entre nós são chamados “eupátridas”, são, de certa forma, incapazes de afeto.

12. De Alexandre, o platônico: o não dizer a alguém muitas vezes e sem necessidade ou lhe escrever por carta: “estou ocupado”, e não recusar, assim, sistematicamente, as obrigações que impõem as relações sociais, com a justificativa de ter muitas ocupações.

13. De Catulo: o não dar pouca importância à queixa de um amigo, ainda que casualmente fosse infundada, mas tentar consolidar a relação habitual; o elogio cordial aos mestres, como faziam Domício e Atenodoto; o amor verdadeiro pelos filhos.

14. De “meu irmão” Severo: o amor à família, à verdade e à justiça; o ter conhecido, graças a ele, a Tráseas, Helvídio, Catão, Dião, Bruto; o ter concebido a idéia de uma constituição baseada na igualdade ante a lei, regida pela equidade e pela liberdade de expressão igual para todos, e de uma realeza que honra e respeita, acima de tudo, a liberdade de seus súditos. Dele também: a uniformidade e constante aplicação a serviço da filosofia; a beneficência e generosidade constante; o otimismo e a confiança na amizade dos amigos; nenhuma

dissimulação para com os que mereciam sua censura; o não requerer que seus amigos conjecturassem sobre o que queriam ou o que não queriam, pois estava claro.

15. De Máximo: o domínio de si mesmo e o não deixar-se arrastar por nada; o bom humor em todas as circunstâncias e, especialmente, nas enfermidades; a moderação de caráter, doce e, ao mesmo tempo, grave; a execução, sem teimar, das tarefas propostas; a confiança que todos tinham nele, porque suas palavras respondiam a seus pensamentos e em suas atuações procedidas sem má fé; o não surpreender-se nem perturbar-se; em nenhum caso, precipitação ou lentidão, nem impotência, nem abatimento, nem riso a gargalhadas, seguidas de acessos de ira ou de receio. A benevolência, o perdão e a sinceridade; o dar a impressão de homem reto e inflexível mais que retificado; que ninguém se sentisse menosprezado por ele, nem suspeitasse que se considerava superior a ele; sua amabilidade enfim.

16. De meu pai: a mansidão e a firmeza serena nas decisões profundamente examinadas. O não vangloriar-se com as honras aparentes; o amor ao trabalho e à perseverança; o estar disposto a escutar aos que podiam contribuir de forma útil para a comunidade. O dar, sem vacilo, a cada um segundo seu mérito. A experiência para distinguir quando é necessário um esforço sem desmaios, e quando é preciso relaxar. O saber por fim às relações amorosas com os adolescentes. A sociabilidade e o não consentir aos amigos que participassem, sempre, de suas refeições e que não o acompanhassem, necessariamente, em seus deslocamentos; mas antes, quem o tivesse deixado, momentaneamente, por alguma necessidade, o encontrasse sempre igual. O exame minucioso nas deliberações e na tenacidade, sem aludir a indignação, satisfeito com as primeiras impressões. O zelo ao conservar os amigos, sem mostrar nunca desgosto nem louca paixão. A auto-suficiência em tudo e a serenidade. A previsão de longe e a regulação prévia dos detalhes mais insignificantes sem cenas trágicas. A repressão das aclamações e de toda adulação dirigida a sua pessoa. O velar constantemente pelas necessidades do Império. A administração dos recursos públicos e a tolerância à crítica em qualquer uma dessas matérias; nenhum temor supersticioso em relação aos deuses, nem disposição para captar o favor dos homens mediante agasalhos ou esmolas ao povo; pelo contrário, sobriedade em tudo e firmeza, ausência absoluta de gostos vulgares e de desejo inovador. O uso dos bens que contribuem para uma vida fácil e a fortuna, os usufruía em abundância, sem orgulho e, ao mesmo tempo, sem pretextos, de tal forma que os acolhia com naturalidade, quando os possuía, mas não sentia necessidade deles quando lhe faltavam. O fato de que ninguém o tivesse tachado de sofista, vulgar ou pedante; pelo contrário, era tido por homem maduro, completo, inacessível à adulação, capaz de estar à frente dos assuntos próprios e alheios. Além disso, o apreço pelos que filosofam de verdade, sem ofender aos demais nem deixar-se, tampouco, ser enganado por eles; mais ainda, seu trato afável e bom humor, mas não em excesso. O cuidado moderado do próprio corpo, não como quem ama a vida, nem com excessos nem com negligência, mas de maneira que, graças ao seu cuidado pessoal, em contadíssimas ocasiões, teve necessidade de

assistência médica, de fármacos e remédios. E, especialmente, sua complacência, isenta de inveja, aos que possuíam alguma faculdade, por exemplo, a facilidade de expressão, o conhecimento da história, das leis, dos costumes ou de qualquer outra matéria; seu afinco em ajudá-los para que cada um conseguisse as honras de acordo com sua peculiar excelência; procedendo em tudo segundo as tradições ancestrais, mas procurando não fazer ostentação nem sequer disso: de velar por essas tradições. Além disso, não era propício a movimentar-se nem a agitar-se facilmente, mas gostava de permanecer nos mesmos lugares e ocupações. E, imediatamente, depois das fortes dores de cabeça, rejuvenescido e em plenas faculdades, se entregava às tarefas habituais. O não ter muitos segredos, mas muito poucos, excepcionalmente, e apenas sobre assuntos de Estado. Sua sagacidade e cautela na celebração de festas, na construção de obras públicas, nas designações e em outras coisas semelhantes, é próprio de uma pessoa que olha exclusivamente para o que deve ser feito, sem se preocupar com a aprovação popular em relação às obras realizadas. Nem banhos fora do tempo, nem amor à construção de casas, nem preocupação pelas comidas; nem pelas telas, nem pelas cores dos vestidos, nem pela boa aparência de seus servidores; a vestimenta que usava procedia de sua casa de campo em Lorio, e a maioria de suas vestes, das que tinha em Lanúvio. Como tratou o cobrador de impostos em Tusculo que lhe fazia reclamações! E todo o seu caráter era assim; não foi nem cruel, nem arrebatador, nem duro, de maneira que jamais se pudesse falar sobre ele: “até o suor”, mas tudo havia sido calculado com exatidão, como se lhe sobrasse tempo, sem perturbação, sem desordem, com firmeza, concertadamente. E caberia bem a ele o que se recorda de Sócrates: que era capaz de abster-se e desfrutar daqueles bens, cuja privação debilita a maior parte, enquanto que seu desfrute lhe faz abandoná-los. Seu vigor físico e sua resistência, e a sobriedade, em ambos os casos, são propriedades de um homem que tem uma alma equilibrada e invencível, como mostrou durante a enfermidade que lhe levou à morte.

17. Dos deuses: o ter bons avós, bons pais, boa irmã, bons mestres, bons amigos íntimos, parentes e amigos, quase todos bons; o não haver me deixado levar facilmente, nunca, a ofender nenhum deles, apesar de ter uma disposição natural idônea para poder fazer algo semelhante, se a ocasião tivesse sido apresentada. É um favor divino que não me apresentava nenhuma combinação de circunstâncias que me colocassem à prova; o não ter sido educado muito tempo junto à concubina do meu avô; o ter conservado a flor da minha juventude e o não ter demonstrado antes do tempo minha virilidade, mas, inclusive, ter demorado por algum tempo; o ter estado submetido às ordens de um governante, meu pai, que deveria arrancar de mim todo orgulho e me fazer compreender que é possível viver no palácio sem ter necessidade de guarda pessoal, de vestimentas suntuosas, de candelabros, de estátuas e outras coisas semelhantes e de um luxo parecido; mas, que é possível centrar-se em um regime de vida muito próximo ao de um simples cidadão, e nem por isso ser mais desgraçado ou mais negligente no cumprimento dos deveres que, soberanamente, a comunidade exige de nós. O ter tido sorte de ter um irmão capaz, por seu caráter, de incitar-me ao cuidado de mim mesmo e

que, ao mesmo tempo, me alegrava por seu respeito e afeto; o não ter tido filhos anormais ou disformes; o não ter progredido demasiadamente na retórica, na poética e nas demais disciplinas, nas quais, talvez, pudesse ter me detido, se tivesse percebido que estava progredindo em um bom ritmo. O ter me antecipado a situar meus educadores no ponto de dignidade que imaginava que desejavam, sem demorar, com a esperança de que, já que eram tão jovens, o faria na prática mais tarde. O ter conhecido Apolônio, Rústico, Máximo. O ter me mostrado claramente e em muitas ocasiões o que é a vida de acordo com a Natureza, de maneira que, na medida em que depende dos deuses, de suas comunicações, de seus socorros e de suas inspirações, nada impedia já que vivia de acordo com a natureza, e se continuo ainda longe desse ideal, é culpa minha por não observar as sugestões dos deuses e, com dificuldade, seus ensinamentos; a resistência do meu corpo durante longo tempo em uma vida com essas características; o ter me afastado de Benedita e de Teodoto, e inclusive, mais tarde, embora ter sido vítima de paixões amorosas, ter me curado delas; o não ter me excedido, nunca, com Rústico, apesar das frequentes disputas, do qual teria me arrependido; o fato de que minha mãe, que deveria morrer jovem, vivesse, entretanto, comigo, nos últimos anos; o fato de que todas as vezes que quis socorrer um pobre ou necessitado de outras coisas, jamais ouvi dizer que não tinha dinheiro disponível; o não ter caído, eu mesmo, em uma necessidade semelhante para pedir ajuda alheia; o ter uma esposa de tais qualidades: tão obediente, tão carinhosa, tão simples; o ter conseguido facilmente, para meus filhos, educadores adequados; o ter recebido, por meio de sonhos, remédios, principalmente para não escarrar sangue e para evitar enjôos, e o de Gaeta, em forma de oráculo; o não ter caído, quando me enamorei pela filosofia, nas mãos de um sofista, nem ter me entretido na análise de autores ou de silogismos, nem ocupar-me demasiado com os fenômenos celestes. Tudo isso “requer ajudas dos deuses e da Fortuna”.

# Livro II

1. Ao despontar a aurora, faça estas considerações prévias: encontrarei com um indiscreto, com um ingrato, com um insolente, com um mentiroso, com um invejoso, com um não-sociável. Tudo isso lhes ocorre por ignorância do bem e do mal. Mas eu, que observei que a natureza do bem é o belo, e que a do mal é o vergonhoso, e que a natureza do próprio pecador, que é meu parente, porque participa, não do mesmo sangue ou da mesma semente, mas das inteligência e de uma porção da divindade, não posso receber dano de nenhum deles, pois nenhum me cobrirá de vergonha; nem posso me aborrecer com meu parente nem odiá-lo. Pois, nascemos para colaborar, como os pés, as mãos, as pálpebras, os dentes, superiores e inferiores. Agir, pois, como adversários uns para com os outros é contrário à natureza. E é agir como adversário o fato de manifestar indignação e repulsa.

2. Isso é tudo o que sou: um pouco de carne, um breve fôlego vital e o guia interior. Deixe os livros! Não te distraias mais; não está permitido a ti. Mas que, na idéia de que já és um moribundo, despreza a carne: sangue e pó, ossos, fino tecido de nervos, de pequenas veias e artérias. Olha também em que consiste o fôlego vital: vento, e nem sempre o mesmo, pois em todo momento se expira e de novo se aspira. Em terceiro lugar, pois, te resta o guia interior. Reflete assim: és velho; não o consintas por mais tempo que seja escravo, nem que siga ainda arrastando-se como marionete por instintos egoístas, nem que maldigas o destino presente ou tenhas receio do futuro.

3. As obras dos deuses estão cheias de providência. As da Fortuna não estão separadas da natureza ou da trama e entrelaçamento das coisas governadas pela Providência. Disso flui tudo. Acrescenta-se o necessário e o conveniente para o conjunto do universo, do qual és parte. Para qualquer parte da natureza, é bom aquilo que colabora com a natureza do conjunto e o que é capaz de preservá-la. E conservam o mundo tanto as transformações dos elementos simples como as dos compostos. Sejam suficientes para ti essas reflexões, se são princípios básicos. Afasta tua sede de livros, para não morrer amargurado, mas verdadeiramente resignado e grato de coração aos deuses.

4. Lembra de quanto tempo faz que diferencias isso e quantas vezes recebeste avisos prévios dos deuses sem aproveitá-los. É preciso que a partir desse momento percebas de que mundo és parte e de que governante do mundo procedes como emanação, e compreenderás que tua vida está circunscrita em um período de tempo limitado. Caso não aproveites essa oportunidade para serenar-te, ela passará, e tu também passarás, e já não haverá outra.

5. Em todas as horas, preocupa-te resolutamente, como romano e homem, em fazer o que tens nas mãos com pontual e não fingida gravidade, com amor, liberdade e justiça, e procura tempo livre para libertar-te de todas as demais distrações. E conseguirás teu propósito se executas cada ação como se fosse a última da tua vida, desprovida de toda irreflexão, de toda aversão apaixonada que tenha te afastado do domínio da razão, de toda hipocrisia, egoísmo e despeito no que se refere ao destino. Estás vendo como são poucos os princípios que precisamos dominar para viver uma vida de curso favorável e de respeito aos deuses. Porque os deuses nada mais reclamarão a quem observa esses preceitos.

6. Humilha-te, humilha-te, alma minha! E já não terás ocasião para honrar-te. Breve é a vida para cada um! Tu, praticamente, a consumiste sem respeitar a alma que te pertence, e, entretanto, torna dependente a tua felicidade à alma de outros.

7. Não permitas te arrastem os acidentes exteriores; procura tempo livre para aprender algo bom e pare de girar como um peão. Adiante, deves precaver-te também de outros desvios. Porque deliram também, em meio a tantas ocupações, os que estão cansados de viver e não têm alvo ao qual dirigir todo impulso e, em resumo, sua imaginação.

8. Não é fácil ver um homem desacreditado por não ter sondado o que se passa na alma de outros. Mas quem não segue com atenção os movimentos de sua própria alma, forçosamente é infeliz.

9. É preciso ter sempre presente isso: qual é a natureza do conjunto e qual é a minha, e como se comporta em relação àquela e qual parte, a qual conjunto pertence; ter presente também que ninguém te impeça de agir sempre e dizer o que é consequente com a natureza, da qual és parte.

10. A partir de uma perspectiva filosófica, afirma Teofrasto, em sua comparação das faltas, como poderia compará-las um homem segundo o sentido comum, que as faltas cometidas por concupiscência são mais graves que as cometidas por ira. Porque o homem irado parece desviar-se da razão com certa dor e aperto no coração; enquanto que a pessoa que peca por concupiscência, derrotado pelo prazer, mostra-se mais fraco e lânguido em suas faltas. Com razão, pois, e de maneira digna de um filósofo, disse que o que peca com prazer merece maior reprovação que o que peca com dor. Resumindo, o primeiro se parece mais a um homem que foi vítima de uma injustiça prévia e que se viu forçado a sentir ira por dor; o segundo, lançou-se à injustiça por si mesmo, movido a agir por concupiscência.

11. Na convicção de que pode sair da vida a qualquer momento, faça, fale e pense todas e cada uma das coisas em consonância com essa ideia. Pois distanciar-se dos homens, se existem deuses, em absoluto é temível, porque estes não poderiam atirar-te ao mar. Mas, se em verdade não existem, ou não lhes importam os assuntos humanos, para que viver em um mundo vazio

de deuses ou vazio de providência? Mas sim, existem, e lhes importam as coisas humanas, e criaram todos os meios a seu alcance para que o homem não sucumba aos verdadeiros males. E se restar algum mal, também haveriam previsto, a fim de que contasse o homem com todos os meios para evitar cair nele. Mas o que não torna pior um homem, como isso poderia fazer pior a sua vida? Nem por ignorância nem conscientemente, mas por ser incapaz de prevenir ou corrigir esses defeitos, a natureza do conjunto o teria consentido. E, tampouco, por incapacidade ou inabilidade teria cometido um erro de tais dimensões como acontece aos bons e aos maus indistintamente, bens e males em partes iguais. Entretanto, morte e vida, glória e infâmia, dor e prazer, riqueza e penúria, tudo isso acontece indistintamente ao homem bom e ao mal, pois não é nem belo nem feio, porque, efetivamente, não são bons nem maus.

12. Como em um instante tudo desaparece: no mundo, os próprios corpos, e no tempo, sua memória! Como tudo é sensível, especialmente o que nos atrai pelo prazer ou nos assusta pela dor ou o que nos faz gritar por orgulho! Como tudo é vil, desprezível, sujo, facilmente destrutível e cadavérico! Isso deve considerar a faculdade da inteligência! O que é isso, cujas opiniões e palavras procuram boa fama? Que é a morte? Porque se a vemos exclusivamente e se abstraem, pela divisão de seu conceito, os fantasmas que a recobrem, já não sugerirá outra coisa senão que é obra da natureza. E se alguém teme a ação da natureza, é uma infantilidade. Mas não somente a morte é uma ação de natureza, mas, também, uma ação útil da natureza.

13. Nada mais infeliz que o homem que percorre em círculo todas as coisas e que pergunta sobre as “profundidades da terra” e que busca, mediante conjecturas, o que ocorre na alma do vizinho, mas sem perceber que é necessário, apenas, estar junto à única divindade que habita seu interior e ser seu sincero servo. E o culto que se deve a essa divindade consiste em preservá-la pura da paixão, da falta de reflexões e do desgosto contra o que procede dos deuses e dos homens. Porque o que procede dos deuses é respeitável por excelência, mas o que procede dos homens nos é querido por nosso parentesco e, às vezes, inclusive, de certa forma inspira compaixão, por sua ignorância acerca do bem e do mal, uma cegueira que nos impede de discernir entre o branco e o escuro.

14. Ainda que pudesses viver três mil anos e outras tantas vezes dez mil, ainda assim lembra-te de que ninguém perde outra vida além da que vive, nem vive outra além da que perde. Consequentemente, o mais longo e o mais curto confluem em um mesmo ponto. O presente, de fato, é igual para todos; o que se perde é também igual, e o que se separa é, evidentemente, um simples instante. Assim, nem o passado nem o futuro podem ser perdidos, porque, o que não se tem, como alguém nos poderia tirar? Tenha sempre presente, portanto, essas duas coisas: uma, que tudo, desde sempre, se apresenta de forma igual e descreve os mesmos círculos, e nada importa que se contemple a mesma coisa durante cem anos, duzentos ou um tempo indefinido; a outras, que o que viveu mais tempo e o que morrerá mais prematuramente, sofrem perda idêntica. Porque somente podemos ser privados do presente, posto que possuímos apenas o

presente, e o que não se possui, não se pode perder.

15. “Tudo é opinião”. Evidente é isso o que diz o cínico Mônimo. Também, a utilidade do que ele diz é clara, se extrairmos o essencial.

16. A alma do homem confronta-se, principalmente, quando, no que dela depende, converte-se em um tumor e em algo parecido a uma excrescência do mundo. Porque incomodar-se com algum acontecimento é uma separação da natureza, em cuja parcela estão abrigadas as naturezas de cada um dos seres restantes. Em segundo lugar, confronta-se, também, quando sente aversão a qualquer pessoa ou comporta-se hostilmente com intenção de machucá-la, como é o caso das naturezas dos que se deixar levar pela cólera. Em terceiro lugar, confronta-se, quando sucumbe ao prazer e ao pesar. Em quarto lugar, quando é hipócrita e faz ou diz algo com ficção ou contra a verdade. Em quinto lugar, quando se desentende de uma atividade ou impulso que lhe é próprio, sem perseguir nenhum objetivo, mas que, à sorte ou inconscientemente, dedica-se a qualquer tarefa sendo que, inclusive as mais insignificantes atividades, deveriam ser realizadas considerando-se sua finalidade. E a finalidade dos seres racionais é obedecer à razão e a lei da cidade e constituição mais venerável.

17. O tempo da vida humana: um ponto. Sua substância: um fluxo. Sua sensação: trevas. A composição do conjunto do corpo: facilmente corruptível. Sua alma: um remoinho. Sua felicidade: algo difícil de conjecturar. Sua fama: indecifrável. Em poucas palavras: tudo o que pertence ao corpo, um rio; sonho e vapor, o que é próprio da alma; a vida, guerra e estância em terra estranha; a fama póstuma, esquecimento. O que pode, então, fazer-nos companhia? Única e exclusivamente a filosofia.

E ela consiste em preservar o guia interior, isento de ultrajes e de danos, dono de prazeres e dores, sem fazer nada por acaso, sem valer-se da mentira nem da hipocrisia, à margem do que outro faça o deixe de fazer; mais ainda, aceitando o que acontece e o reconhecendo como precedente daquele lugar de onde ele mesmo viera. E, principalmente, aguardando a morte com pensamento favorável, com a convicção de que a morte não é outra coisa além da dissolução de elementos que compõem cada ser vivo. E se para os mesmos elementos não existe nada de temível no fato de que cada um se transforma continuamente em outro, por que temer a transformação e dissolução do todas as coisas? Pois isso está de acordo com a natureza, e nada pode ser mal se está em conformidade com a natureza. Isso foi escrito em Carnuntum.

# Livro III

1. Não deves considerar apenas isso: que a cada dia se gasta a vida e nos sobra uma parte menor dela. Mas deves refletir também que, se uma pessoa prolonga sua existência, não está claro se sua inteligência será igualmente capaz, mais a frente, para a compreensão das coisas e da teoria que tende ao conhecimento das coisas divinas e humanas. Porque, no caso dessa pessoa começar a caducar, a respiração, a nutrição, a imaginação, os instintos e todas as demais funções semelhantes não lhe faltarão. No entanto, a faculdade de dispor de si mesmo, de calibrar com exatidão o número dos deveres, de analisar as aparências, de deter-se a refletir sobre se já chegou o momento de abandonar essa vida e quantas necessidades de características semelhantes precisarem um exercício exaustivo da razão, tudo isso se extinguirá antes. Convém, pois, apressar-te não somente porque a cada instante estamos mais perto da morte, mas também porque cessa com antecedência a compreensão das coisas e a capacidade de nos acomodarmos a elas.

2. Convém, também, observar que inclusive as mudanças das coisas naturais têm algum encanto e atrativo. Por exemplo, o pão, ao ser assado, abre-se em certas partes; essas aberturas que se formam e que, de certo modo, são contrárias à promessa da arte do padeiro, são adequadas, e excitam singularmente o apetite. Assim também são os figos, que quando estão muito maduros, entreabrem-se. Assim, também, as azeitonas, que ficam maduras nas árvores, e sua mesma proximidade à podridão acrescenta ao fruto uma beleza singular. Igualmente as espigas que se inclinam para baixo, o pelo do leão e a espuma que brota do focinho dos javalis e muitas outras coisas, examinadas em particular, estão longe de serem belas. Entretanto, ao ser consequência de certos processos naturais, apresentam um aspecto belo e são atrativas. De maneira que, se uma pessoa tem sensibilidade e inteligência suficientemente profunda para captar o que acontece no conjunto, quase nada lhe parecerá, inclusive entre as coisas que acontecem por efeitos secundários, não conter algum encanto singular. E essa pessoa verá as goelas ameaçadoras das feras com o mesmo agrado que todas as suas reproduções realizadas por pintores e escultores. Inclusive, poderá ver com seus sagazes olhos certa plenitude e maturidade na anciã e no ancião e, também, nas crianças, seu amável encanto. Muitas coisas semelhantes não se encontrarão ao alcance de qualquer um, mas, exclusivamente, para o que de verdade esteja familiarizado com a natureza e suas obras.

3. Hipócrates, depois de ter curado muitos enfermos, adoeceu também e morreu. Os caldeus predisseram a morte de muitos, e também o destino os alcançou. Alexandre, Pompeu e Caio César, depois de terem arrasado, tantas vezes, até os cimentos de cidades inteiras e de terem

destruído, em ordem de combate, numerosas miríades de cavaleiros e infantes, também eles acabaram por perder a vida. Heráclito, depois de ter feito pesquisas sobre a conflagração do mundo, acabou hidrópico[1], coberto de excrementos. A Demócrito, mataram vermes. Vermes também, mas diferentes, acabaram com Sócrates. O que isso significa? Já eu embarcaste, atravessaste mares, atracaste: desembarca! Se for para entrar em outra vida, tampouco ali deverá estar vazia de deuses, assim como aqui não é. Mas se for para encontrar-te na insensibilidade, deixarás de suportar fadigas e prazeres e de estar a serviço de uma envoltura quanto pior e quanto mais superior for a parte subordinada. Esta é inteligência e divindade. Aquela, terra e sangue mesclada com pó.

4. Não consumas a parte da vida que te resta fazendo conjecturas sobre outras pessoas, a não ser que teu objetivo aponte para o bem comum; porque certamente te privas de outra tarefa. Ao querer saber, ao imaginar o que faz fulano e por que, e o que pensa e o que trama e tantas coisas semelhantes que provocam teu raciocínio, tu te afastas da observação do teu guia interior. Convém, consequentemente, que, no encadear das tuas ideias, evites admitir o que é fruto do azar e supérfluo, mas muito mais o inútil e pernicioso. Deves também acostumar-te a ter unicamente aquelas ideias sobre as quais, se te perguntassem de súbito “em que pensas agora?”, com franqueza pudesses responder no mesmo instante “nisso e naquilo”, de maneira que no mesmo instante se manifestasse que tudo em ti é simples, benévolo e próprio de um ser isento de toda cobiça, inveja, receio ou qualquer outra paixão, da qual pudesses envergonhar-te ao reconhecer que a possui em teu pensamento. Porque o homem com essas características, que já não demora em situar-se entre os melhores, converte-se em sacerdote e servo dos deuses, posto ao serviço também da divindade que habita seu interior; tudo que o imuniza contra os prazeres, o faz invulnerável a toda dor, intocável a todo excesso, insensível a toda maldade, atleta da mais excelsa luta, luta que se entrava para não ser abatido por nenhuma paixão, impregnado a fundo de justiça, apegado, com toda a sua alma, aos acontecimentos e a tudo o que lhe tenha acontecido. E, raramente, a não ser por uma grande necessidade e tendo em vista o bem comum, cogita o que a outra pessoa diz, faz ou pensa. Colocará unicamente em prática aquelas coisas que lhe correspondem, e pensa sem cessar no que lhe pertence, o que foi alinhado ao conjunto. Enquanto, por um lado, cumpre o seu dever, por outro, está convencido de que é bom. Porque o destino designado a cada um está envolvido no conjunto e ao mesmo tempo o envolve. Tem também presente que todos os seres racionais têm parentesco e que preocupar-se com todos os homens está de acordo com a natureza humana Mas não deves considerar a opinião de todos, mas somente a opinião daqueles que vivem conforme a natureza. E, em relação aos que não vivem assim, prossegue recordando até o fim como são em casa e fora dela, pela noite e durante o dia, e com que classe de gente convivem. Consequentemente, não considera o elogio de tais homens que nem consigo mesmos estão satisfeitos.

5. Não ajas contra tua vontade, nem de maneira insociável, nem sem reflexão, nem arrastado em sentidos opostos. Não trates de mascarar teu pensamento. Nem sejas demasiadamente eloquente, nem multifacetado. Mais ainda, sê o deus que em ti habita, protetor e guia de um homem venerável, cidadão, romano e chefe que a si mesmo designou seu posto, como um homem que aguarda o chamado para deixar a vida, bem desprovido de ataduras, sem ter necessidade de juramento nem tampouco de pessoa alguma na qualidade de testemunha. Habitam em ti a serenidade, a ausência de necessidade de ajuda externa e da tranquilidade que outros procuram. Convém, consequentemente, manter-se reto antes que retificado.

6. Se no percurso da vida humana encontras um bem superior à justiça, à verdade, à moderação, à valentia e, em suma, a tua inteligência que se basta a si mesma, naquelas coisas nas quais te facilita agir de acordo com a reta razão, e de acordo com o destino das coisas repartidas sem seleção prévia; se percebes, digo, um bem de maior valor que esse, dirige-te a ele com toda a alma e desfruta do bem supremo que descobriste. Mas se nada melhor aparece que a própria divindade que em ti habita, que o haver submetido a seu domínio os instintos particulares, que vigia as ideias e que, como dizia Sócrates, tenha se desapegado das paixões sensuais, que tenha se submetido à autoridade dos deuses e que, preferencialmente, se preocupa com os homens; se encontras todo o restante como menor e vil, não dá lugar a nenhuma outra coisa, porque uma vez arrastado e inclinado a ela, já não serás capaz de estimar preferencialmente e de contínuo aquele bem que te é próprio e te pertence. Porque não é lícito opor ao bem da razão e da convivência outro bem de distinto gênero, como, por exemplo, o elogio da multidão, dos cargos públicos, da riqueza ou do gozo de prazeres. Todas essas coisas, ainda que pareçam momentaneamente harmonizar com nossa natureza, prontamente se impõem e nos desviam. Portanto, reitero: escolha simples e livremente o melhor e persevere nisso. “Mas o melhor é o conveniente”: se assim é para ti, tanto quanto seja racional, observa-o. Mas se assim é para a parte animal, manifesta-o e conserva teu juízo sem orgulho. Trata somente de fazer teu exame de modo seguro.

7. Nunca estimes como útil para ti o que um dia te forçará a transgredir tua fé, a renunciar ao pudor, a odiar alguém, a mostrar-te receoso, a maldizer, a fingir, a desejar algo que precisa de paredes e cortinas. Porque a pessoa que prefere, diante de tudo, sua própria razão, sua divindade e os ritos do culto devido à excelência desta, não se presta a espetáculos, não se lamenta, não precisará de solidão e nem de aglomerações de pessoas. E o que é mais importante: viverá sem perseguir nem fugir. Tanto se for maior o tempo que viverá o corpo unido à alma, quanto se for menor, não lhe importa em absoluto, porque ainda no caso de precisar se desprender dele, irá tão resolutamente como se fosse empreender qualquer outra das tarefas que podem ser executadas com discrição e decoro; tratando de evitar, durante toda a vida, somente isso: que seu pensamento se comporte de maneira imprópria de um ser dotado de inteligência e sociável.

8. No pensamento do homem que se disciplinou e se purificou profundamente, nada purulento, nem manchado, nem mal cicatrizado poderias encontrar. E o destino não arrebata sua vida incompleta, como se poderia afirmar do ator que se retirasse da cena antes de ter finalizado seu papel e concluído a obra. É mais, nada escravo há nele, nenhuma afetação, nada acrescentado, nem dissociado, nada submetido a redenção de contas nem necessitado de esconderijo.

9. Venera a faculdade intelectual. Nela radica tudo, para que não se encontre jamais em teu guia interior uma opinião inconsequente com a natureza e com a disposição do ser racional. Essa faculdade garante a ausência de precipitação, a familiaridade com os homens e a conformidade com os deuses.

10. Abandona, pois, todo o restante e conserve somente uns poucos preceitos. E, além disso, lembra que cada um vive exclusivamente o presente, o instante fugaz. O restante, ou se viveu ou é incerto. Insignificante é, portanto, a vida de cada um, e insignificante também o cantinho da terra onde vives. Pequena é assim a fama póstuma, inclusive a mais prolongada, e esta se dá por meio de uma sucessão de homenzinhos que logo morrerão, que nem sequer conhecem a si mesmos, nem tampouco ao que morreu há tempos.

11. Aos conselhos mencionados, acrescenta ainda um: delimitar ou descrever a imagem que sobrevém, de maneira que se possa vê-la tal qual é em essência, nua, totalmente inteira através de todos os seus aspectos, e possa designar-se com seu nome preciso e com os nomes daqueles elementos que a constituíram e nos quais se desintegrará. Porque nada é tão capaz de engrandecer o ânimo, com a possibilidade de comprovar, com método e veracidade, cada um dos objetos que se apresentam na vida, e vê-los sempre de tal modo que possa, então, compreender-se em que ordem se encaixa, qual a sua utilidade, que valor tem em relação ao todo, e qual valor tem o cidadão da cidade mais excelsa, da qual as demais cidades são como casas. O que é, e de que elementos está composto e quanto tempo é natural que perdure esse objeto que provoca agora em mim essa imagem, e que virtude preciso em relação a ele, por exemplo: mansidão, coragem, sinceridade, fidelidade, simplicidade, auto-suficiência etc. Por essa razão, deves dizer em relação a cada uma: “Isso procede de Deus” ou “Aquilo se dá segundo o encadeamento dos fatos, segundo a trama compacta, segundo uma causalidade”. Isso procede de um ser da minha raça, de um parente, de um colega que, no entanto, ignora o que está de acordo com a natureza. Mas eu não o ignoro. Por essa razão me relaciono com ele, de acordo com a lei natural própria da comunidade, com benevolência e justiça. Com tudo, em relação às coisas de menos importância, dou o merecido valor.

12. Se executares a tarefa presente seguindo a reta razão, diligentemente, com firmeza, com benevolência e sem nenhuma preocupação alheia, antes, vele pela pureza de teu deus, como se já fosse preciso restituí-lo. E, além disso, se nada esperas nem evitas, mas te conformas com a atividade presente conforme a natureza e com a verdade heróica em tudo o que digas e

comentes, viverás feliz. E ninguém será capaz de te impedir.

13. Do mesmo modo que os médicos sempre têm à mão seus instrumentos para as emergências, assim também, tem tu à mão os princípios fundamentais para conhecer as coisas divinas e as humanas, e assim realizar tudo, inclusive a ação mais trivial, recordando a relação íntima e mútua das coisas umas com as outras. Pois não terá final feliz nenhuma atividade humana sem relacioná-la, ao mesmo tempo, com as atividades divinas, nem tampouco o inverso.

14. Não divagues mais, porque nem lerás tuas próprias memórias, nem tampouco os feitos dos romanos antigos e gregos, nem as seleções de escritos que reservavas para a tua velhice. Apressa-te, pois, ao fim, e renuncie às vãs esperanças e acode em tua própria ajuda, se é que algo de ti mesmo te importa, enquanto te resta essa possibilidade.

15. Desconhecem-se os conceitos corretos dos termos: roubar, semear, comprar, viver em paz, ver o que se deve fazer. Esses conceitos não se consegue com os olhos, mas com uma visão diferente.

16. Corpo, alma, inteligência. São próprias do corpo, as sensações; da alma, os instintos; da inteligência, os princípios. Receber impressões por meio da imagem é próprio também dos animais. Ser movido como um fantoche pelos instintos corresponde também às feras, aos andróginos, aos Falaris[2] e aos Neros. Mas ter a inteligência como guia em relação aos deveres aparentes pertence também aos que não crêem nos deuses, aos que abandonam sua pátria e aos que agem a seu prazer, uma vez que se fecharam as portas. Portanto, se o restante é comum aos seres mencionados, resta, como peculiar do homem bom, amar e abraçar o que lhe sobrevém e se entrelaça com ele, e o não confundir nem perturbar jamais a Deus, que tem a morada dentro de seu peito com múltiplas imagens, mas antes, velar para que se conserve propício, submisso, disciplinadamente a Ele, sem mencionar uma palavra contrária à verdade, sem fazer nada contrário à justiça. E se todos os homens desconfiam desse homem bom, de que vive com simplicidade, modéstia e bom humor, nem por isso ele se aborrece com ninguém, nem se desvia do caminho traçado que o leva ao fim de sua vida, objetivo ao qual deve encaminhar-se, puro, tranquilo, livre, sem violências e em harmonia com seu próprio destino.

[1] Hidrópico – Acúmulo de água no corpo.

[2] Falaris, governador de Agrigento, na Sicília, no século VI a. C. Ficou conhecido por sua crueldade desumana. Diz-se que queimou os seus prisioneiros vivos dentro de um touro de bronze, sendo a primeira vítima o seu inventor, Périlo. As apócrifas “Epístolas de Falaris” são hoje lembradas devido, principalmente, ao erudito inglês Richard Bentley, que provou, na “Dissertação Imortal” (Porton), que lhe deu fama, que elas eram falsificações.

# Livro IV

1. Quando está de acordo com a natureza, o nosso "dono interior" adota, em relação aos acontecimentos, uma atitude tal que sempre, e com facilidade, pode adaptar-se às possibilidades que lhe são dadas. Não tem predileção por nada predeterminado, mas se lança instintivamente frente o que lhe é apresentado, com prevenção, e converte em seu favor inclusive o que lhe era obstáculo. Como o fogo, quando se apropria dos objetos que caem sobre ele, sob os quais uma pequena chama haveria sido apagada. Mas um fogo resplandecente com grande rapidez se familiariza com o que se encontra sobre ele e o consome totalmente levantando-se a maior altura com esses novos escombros.

2. Nenhuma ação deve empreender-se sem motivo nem de modo divergente à norma consagrada pela arte.

3. As pessoas buscam retiros no campo, na costa e no monte. Tu também tens o costume de desejar tais retiros. Mas tudo isso é do mais vulgar, porque podes, no momento em que queiras, retirar-te em ti mesmo. Em nenhuma parte o homem se retira com maior tranquilidade e mais calma que em sua própria alma. Sobretudo aquele que possui em seu interior tais bens, que, ao se inclinar a eles, de imediato consegue uma tranquilidade total. E denomino tranquilidade única e exclusivamente à boa ordem. Concede-te, pois, sem pausa, esse retiro e recupera-te. Sejam breves e elementares os princípios que, tão logo sejam localizados, serão suficientes para enclausurar-te em toda a tua alma e para enviar-te de novo, sem aborrecimento, àquelas coisas da vida frente as que te retiras. Porque, contra quem te aborrecerás? Contra a maldade dos homens? Lembra-te que os seres racionais nasceram uns para os outros, que a tolerância é parte da justiça, e que seus erros são involuntários. Lembra, também, quantos inimigos, suspeitos ou odiosos, feridos por lança, estão detidos, reduzidos a cinzas. Modera-te de uma vez.

Mas estás aborrecido pela parte que te cabe? Lembra-te do dilema: "Se não há uma providência, então só há os átomos", e graças a quantas provas foi demonstrado que o mundo é como uma cidade.

Preocupam-te ainda as coisas corporais? Reconhece que o pensamento não se mistura com o hábito vital que se move suave ou violentamente, uma vez que se recuperou e compreendeu seu peculiar poder. Enfim, tem presente o que ouviste e aceitaste em relação à dor e ao prazer.

Acaso te arrastará a vanglória? Dirige teu olhar à profundidade com que se esquece tudo e ao

abismo do tempo infinito por ambos os lados, à veracidade do eco, à versatilidade e irreflexão dos que dão a impressão de elogiar-te, à amargura do lugar em que se circunscreve a glória. Porque a terra inteira é um ponto, e quanto ocupa o nosso cantinho que habitamos nela? E ali, quantos e que classe de homens elogiar-te-ão? Considera que resta-te, pois, o refúgio que se encontra nesse pequeno campo de ti mesmo. E, acima de tudo, não te atormentes nem te esforces demasiadamente; antes, seja um homem livre e olha as coisas como varão, como homem, como cidadão, como ser mortal. E entre as máximas que terás à mão e às quais te inclinará, estejam presentes essas duas: uma, que as coisas não alcançam a alma, mas se encontram fora dela, desprovidas de temor, e as perturbações surgem da única opinião interior. E a segunda, que todas essas coisas que estás vendo, logo se transformarão e já não existirão. Pensa também, constantemente, de quantas transformações tu mesmo já fostes testemunha.

O mundo é uma constante transformação; e a vida, opinião".

4. Se a inteligência nos é comum, também a razão, segundo a qual somos racionais, nos é comum. Admitido isso, a razão que ordena o que deve ser feito ou evitado, também é comum. Concedido isso, também a lei é comum. Sendo assim, somos cidadãos. Aceito isso, participamos de uma cidadania. Se isso é assim, o mundo é como uma cidade, pois, de que outra comum cidadania poder-se-á afirmar que participa toda a espécie humana? Disso, dessa cidade em comum, procedem tanto a inteligência mesma como a razão e a lei. Ou, de onde? Porque assim como a parte de terra que existe em mim é oriunda de certa terra, a parte úmida, de outro elemento, a parte que infunde vida, de certa fonte, e a parte cálida e ígnea de uma fonte particular (pois nada se origina de nada, como tampouco nada desemboca no que não é), do mesmo modo a inteligência procede de alguma parte.

5. A morte, assim como o nascimento, é um mistério da natureza, combinação de certos elementos (e dissolução) neles mesmos. Em suma, nada acontece nela pelo qual alguém pudesse sentir vergonha, pois não é a morte contrária à continuação de um ser inteligente nem tampouco à lógica de sua constituição.

6. É natural que essas coisas sejam produzidas necessariamente assim a partir de tais homens. E o que assim o aceita, pretende que a figueira não produza seu suco. Enfim, lembra-te de que dentro de brevíssimo tempo, tu e ele estareis mortos, e pouco depois, nem sequer vosso nome perdurará.

7. Destrói a opinião e destruído estará o pensamento "fui prejudicado". Destrói a queixa "fui prejudicado" e destruído estará o dano.

8. O que não deteriora o homem, tampouco deteriora sua vida e não lhe prejudica nem externa nem internamente.

9. A natureza do útil está obrigada a produzir utilidade.

10. “Tudo o que acontece, por justiça acontece”. Tu constatarás isso, se prestares a devida atenção. Não digo somente que acontece de forma ordenada, mas também segundo o justo e inclusive como se alguém atribuísse à parte correspondente segundo o seu mérito. Segue, pois, observando como ao princípio, e o que fizeres, faze-o com o desejo de ser um homem de bem, de acordo com o conceito próprio do homem de bem. Conserva esta norma em toda ação.

11. Não consideres as coisas tal como as julga o homem insolente ou como quer que as julgues. Mas antes, examina-as tal como são em realidade.

12. É preciso ter sempre preparadas essas duas disposições: uma, a de executar exclusivamente aquilo que a razão de tua faculdade real e legislativa te sugira para favorecer os homens; outra, a de mudar de atitude, caso apareça alguém que te corrija e que te faça desistir de alguma das tuas opiniões. Entretanto, é preciso que essa nova orientação tenha sempre sua origem em certa convicção de justiça ou de interesse à comunidade e as motivações devem ter exclusivamente tais características, não o que pareça agradável ou popular.

13. Tens razão? – Tenho – Então porque não a utilizas? Pois se isso já demonstra o seu papel, que mais queres?.

14. Existes como parte. Desaparecerás no que te engendrou. Melhor dizendo, serás reabsorvido, mediante um processo de transformação, dentro de tua razão geradora.

15. Muitos pequenos grãos de incenso encontram-se sobre o altar: um caiu primeiro, outro, depois. Tanto faz.

16. Dentro de dez dias parecerás um deus aos que agora têm a impressão de que és uma besta e um bruto, se retornares aos princípios e à veneração da razão.

17. Não ajas na ideia de que viverás dez mil anos. A necessidade inevitável paira sobre ti. Enquanto vives, enquanto é possível, sê virtuoso.

18. Quanto tempo livre ganha o que não olha o que o outro disse, fez ou pensou, mas exclusivamente o que ele mesmo faz, a fim de que sua ação seja justa, santa ou inteiramente boa. Não dirijas o olhar à escuridão, mas corre direto para a linha de chegada, sem se desviar.

19. O homem que se deslumbra pela glória póstuma não imagina que cada um dos que se lembraram dele morrerá também em breve. Depois, a sua vez, morrerá o que lhe sucedeu, até que se extinga toda sua lembrança em um avanço progressivo por meio de objetos que se acendem e se apagam. Mas, supõe que são imortais os que de ti se lembrarão, e imortal também a tua lembrança: em que isso afeta? E não quero dizer que nada em absoluto afete o morto; mas ao vivo, que lhe importa o elogio? A não ser em algum caso, por determinado propósito. Abandona agora, pois, essa glória que depende de algo externo.

20. Além do mais, tudo o que é belo, seja o que for, belo é por si mesmo, e em si mesmo

completo, sem considerar o elogio como parte de si mesmo. Em consequência, o referido objeto nem se torna pior nem melhor. Afirmo isso, inclusive, tratando-se das coisas que comumente são denominadas belas, como, por exemplo, os objetos materiais e os objetos fabricados. O que, em verdade, é realmente belo de que tens necessidade? Nada mais que a lei, a verdade, a benevolência ou o pudor. Qual dessas coisas é bela pelo fato de ser elogiada o se destrói por ser criticada? A esmeralda se deteriora porque não a elogiam? E o que dizer do ouro, do marfim, da púrpura, da lira, do punhal, da flor, do arbusto?

21. Se as almas sobrevivem desde a eternidade, consegue o ar dar-lhes vida? E como a terra é capaz de conter os corpos dos que vêm sendo enterrados há tanto tempo? Assim como, depois de certa permanência, a transformação e a dissolução desses corpos cede lugar a outros cadáveres, também as almas transportadas aos ares, depois de um período de residência ali, se transformam, se dispersam e se inflamam fundindo-se na razão geradora do conjunto, e, dessa forma, dão espaço às almas que vivem em outro lugar. Isso poderia ser respondido na hipótese da sobrevivência das almas. E convém considerar não somente a multidão de corpos que assim são enterrados, mas também a dos animais que diariamente comemos e inclusive o resto de seres vivos. Pois, quão grande número é consumido e, de certa forma, é sepultado nos corpos dos que com eles se alimentam! E, entretanto, têm lugar porque se convertem em sangue, se transformam em ar e fogo. Como investigar a verdade sobre esse ponto? Mediante a diferenciação entre a causa material e a formal.

22. Não te deixes arrastar. Pelo contrário, em todo impulso, corresponde com o justo, e em toda fantasia, conserva a faculdade de compreender.

23. Harmoniza comigo tudo o que para ti é harmonioso, ó mundo! Nenhum tempo oportuno para ti mesmo é prematuro nem tardio para mim. É fruto para mim tudo o que produzem tuas estações, ó natureza! De ti procede tudo, em ti reside tudo, tudo volta a ti. Aquele diz: “Querida cidade de Cecrops!”, e tu não dirás: “Ah, querida cidade de Zeus!”?

24. Disse alguém: “Realiza poucas atividades, se queres manter o bom humor”. Não seria melhor fazer o necessário e tudo quanto prescreve, e da maneira que o prescreve, a razão do ser sociável por natureza? Porque este procedimento não somente procura boa disposição de ânimo para agir bem, mas também é otimismo que provém de estar pouco ocupado. Pois a maior parte das coisas que dizemos e fazemos, ao não serem necessárias, se fossem suprimidas, reportariam bastante mais ócio e tranquilidade. Em consequência, é preciso questionar-se pessoalmente em cada coisa: “não estará isso entre o que não é necessário?” E não somente é preciso eliminar as atividades desnecessárias, mas inclusive as fantasias. Assim, deixarão de acompanhá-las atividades supérfluas.

25. Comprova como é a vida do homem de bem que se contenta com a parte do conjunto que lhe cabe e que tem o suficiente com sua própria atividade justa e com sua benévola disposição.

26. Viste aquilo? Vê também isso. Não te espantes. Mostra-te simples. Erra alguém? Erra consigo mesmo. Aconteceu algo contigo? Está bem. Tudo o que te sucede estava determinado pelo conjunto desde o princípio e estava tramado. Em resumo, breve é a vida. Devemos aproveitar o presente com bom juízo e justiça. Sê sóbrio ao relaxar-te.

27. Ou um mundo ordenado, ou uma mistura confusa muito revoltosa, mas sem ordem. É possível que exista em ti certa ordem e, ao contrário, no todo desordem, precisamente quando tudo está tão transformado, distinto e solidário?

28. Caráter sombrio, caráter afeminado, caráter teimoso, feroz, bruto, infantil, indolente, falso, palhaço, vigarista, tirânico!

29. Se estranho ao mundo é quem não conhece o que há nele, não menos estranho é também quem não conhece o que nele acontece. Desertor é o que foge da razão social. Cego o que tem fechados os olhos da inteligência. Mendigo o que tem necessidade de outro e não tem perto de si tudo o que é necessário para viver. Alheio ao mundo o que renuncia e se afasta da razão da natureza comum pelo fato de que está contrariado com o que lhe acontece, pois produz isso aquela natureza que também em te produziu. É um fragmento da cidade, o que separa sua alma particular da dos seres racionais, pois a ala é uma só.

30. Um, sem túnica, vive como filósofo; o outro, sem livro; aquele outro, seminu, diz: “Não tenho pão, mas preservo a razão”. E eu tenho os recursos que proporcionam os estudos e não persevero.

31. Ama, admite o pequeno ofício que aprendeste, e passa o resto de tua vida como uma pessoa que confiou, com toda a sua alma, todas as suas coisas aos deuses, sem tornar-te um tirano nem um escravo de nenhum homem.

32. Pensa, por exemplo, nos tempos de Vespasiano. Verás sempre as mesmas coisas: pessoas que se casam, criam seus filhos, adoecem, morrem, promovem a guerra, celebram festas, comerciam, cultivam a terra, adulam, são orgulhosos, receiam, conspiram, desejam que alguns morram, murmuram contra a situação presente, amam, aprisionam, ambicionam os consulados e os poderes reais... Pois bem, a vida daqueles já não existe em parte alguma. Lembra-te, agora, dos tempos de Trajano: encontraremos idêntica situação, também aquele modo de viver desapareceu. Da mesma forma, contempla e dirige o olhar ao resto de documentos dos tempos e de todas as nações, quantos, depois de tantos esforços, caíram pouco depois e se desintegraram em seus elementos. Especialmente, deves refletir sobre aquelas pessoas que tu mesmo viste esforçarem-se em vão, e que se esqueceram de fazer o que estava de acordo com sua constituição: perseverar sem descanso nisso e contentar-se com isso. De tal modo, é necessário considerar que a atenção adequada a cada ação tem seu próprio valor e proporção. Pois, assim, não desanimarás, a não ser que ocupes mais tempo do apropriado em tarefas

bastante fúteis.

33. As palavras, antes familiares, são agora locuções caducas. O mesmo ocorre com os nomes de pessoas, que muito celebrados em outros tempos, são agora, de certa forma, locuções caducas: Camilo, Cesônio,Voleso, Leonato. E pouco depois também Cipião e Catão. Também Augusto. E mais tarde Adriano e Antonino. Tudo se extingue e pouco depois se converte em legendários. E logo cai em um total esquecimento. E me refiro aos que, de certa forma, alcançaram surpreendente destaque, porque os demais, desde que desapareceram, são desconhecidos, não relembrados. Mas, o que é, afinal, a lembrança eterna? Vaidade total. O que é, então, o que deve impulsionar nosso afã? Tão somente isso: um pensamento justo, umas atividades consagradas ao bem comum, uma linguagem incapaz de enganar, uma disposição para abraçar tudo o que acontece, como necessário, como familiar, como fluente do mesmo princípio e da mesma fonte.

34. Entrega-te sem reservas à Parca e deixa-a tecer a trama com os acontecimentos que queira.

35. Tudo é efêmero: a lembrança e o objeto lembrado.

36. Contempla continuamente que tudo nasce por transformação, e habitua-te a pensar que nada ama tanto a natureza do conjunto como transformar as coisas existentes e criar novos seres semelhantes. Todo ser, de certa forma, é semente do que dele surgirá. Mas tu somente imaginas as sementes que se lançam à terra ou a uma matriz. E isso é ignorância excessiva.

37. Estarás morto em seguida, e ainda não és nem simples, nem imperturbável, nem andas sem receio de que possam causar-te dano desde o exterior, nem tampouco és benévolo para com todos, nem medes a sensatez na prática exclusiva da justiça.

38. Examine com atenção seus guias interiores e indague o que evitam os sábios e o que perseguem.

39. Não consiste teu mal em um guia interior alheio nem tampouco na variação e alteração do que te circunda. Em que, pois? Naquilo em ti que opina sobre os males. Por tanto, que não opine essa parte e tudo irá bem. E ainda no caso de que seu mais próximo vizinho, o corpo, seja cortado, queimado ou apodreça, permaneça com tudo tranquila a pequena parte que sobre isso opina, ou seja, não julgues nem mal nem bom o que igualmente pode acontecer a um homem mau e a um bom. Porque o que acontece tanto ao que vive conforme a natureza como ao que vive contra ela, isso nem é conforme a natureza nem contrário a ela.

40. Conceba sem cessar o mundo como um ser vivo único, que contém uma só substância e uma alma única, e como tudo se refere a uma só faculdade de sentir, a sua, e como tudo o faz com um só impulso, e como tudo é responsável solidariamente de tudo o que acontece, e qual é a trama e contexto.

41. “É suma pequena alma que sustenta um cadáver”, como dizia Epíteto.

42. Nenhum mal acontece ao que está em vias de transformação, como tampouco nenhum bem ao que nasce por consequência de uma transformação.

43. O tempo é um rio e uma corrente impetuosa de acontecimentos. Mal se deixa ver cada coisa, é arrastada; aparece outra, e esta também será arrastada.

44. Tudo o que acontece é tão habitual e bem conhecido como a rosa na primavera e os frutos no verão; algo parecido ocorre com a enfermidade, a morte, a difamação, a conspiração e tudo quanto alegra ou aflige os ignorantes.

45. As consequências estão sempre vinculadas com os antecedentes; pois não se trata de uma simples enumeração isolada e que contam tão somente o determinado pela necessidade, mas de uma combinação racional. E assim como as coisas que existem têm uma coordenação harmônica, assim também os acontecimentos que se produzem manifestam não uma simples sucessão, mas certa admirável afinidade.

46. Ter sempre presente a máxima de Heráclito: “a morte da terra é converter-se em água, a morte da água é converter-se em ar, a morte do ar é converter-se em fogo, e o inverso”. E recordar também o do que esquece para onde conduz o caminho. E também que “com aquilo que mais frequente trato têm, a saber, com a razão que governa o conjunto do universo, com isso disputam, e lhes parecem estranhas as coisas que diariamente lhes sucedem”. E ainda: “não se deve agir nem falar como se estivesse dormindo”, pois também então nos parece que agimos e falamos. E que “não é preciso ser como filhos dos pais”, ou seja, aceitar as coisas de forma simples, como forma herdadas.

47. Como se um deus tivesse dito a ti: “amanhã morrerás ou, em todo caso, depois de amanhã”, não terias colocado maior emprenho em morrer depois de amanhã que amanhã, a menos que fosses extremamente vil (porque, quanta é a diferença?). Da mesma forma, não consideres de grande importância morrer daqui a muitos anos em vez de amanhã.

48. Considere sem cessar quantos médicos morreram depois de terem fechado os olhos repetidas vezes os seus doentes; quantos astrólogos, depois de terem previsto, como fato importante, a morte de outros; quantos filósofos, depois de terem sustentado inúmeras discussões sobre a morte ou sobre a imortalidade; quantos chefes, depois de terem matado muitos; quantos tiranos, depois de terem abusado, como se fossem imortais, com tremenda arrogância, de seu poder sobre vidas alheias, e quantas cidades inteiras, por assim dizer, morreram: Hélica, Pompéia, Herculanum e outras incontáveis. Acrescente também, um após o outro, todos o que conheceste. Este, depois haver tributado as honras fúnebres a aquele, foi sepultado em seguida por outro; e assim sucessivamente. E tudo em pouco tempo. Assim, examine sempre as coisas humanas como efêmeras e carentes de valor: ontem, germe; amanhã,

múmia ou cinza. Portanto, percorra este pequeno lapso de tempo obediente à natureza e termine tua vida alegremente, como a azeitona que, madura, caísse elogiando a terra que lhe deu vida e dando graças à árvore que a produziu.

49. Ser igual ao rochedo contra o qual, sem interrupção, se quebram as ondas. Este se mantém firme, e em torno dele adormece a espuma da onda. “Sou infeliz, porque isso me aconteceu”. Mas não, ao contrário: “sou feliz, porque, devido ao que me ocorreu, persisto até o fim sem aflição, nem perturbado com o presente nem assustado com o futuro”. Porque algo semelhante poderia acontecer a todo mundo, mas nem todo mundo poderia seguir até o fim, sem aflição, depois disso. E por que, então, será isso um infortúnio mais que boa fortuna? Acaso denominas, afinal, desgraça de um homem ao que não é desgraça da natureza do homem? E acreditas ser aberração da natureza humana o que não vai contra o desígnio de sua própria natureza? Por que, então? Aprendeste tal desígnio? Esse fato te impede de ser justo, magnânimo, sensato, prudente, reflexivo, sincero, discreto, livre, etc., conjunto de virtudes com as quais a natureza humana contém o que lhe é peculiar? Lembra-te, a partir de agora, em todo acontecimento que te induza à aflição, de utilizar este princípio: não é isso um infortúnio, mas uma felicidade suportá-lo com dignidade.

50. Remédio simples, mas eficaz, para menosprezar a morte, é lembrar-se dos que se apegaram com tenacidade à vida. O que mais têm em relação aos que morreram prematuramente? Em qualquer caso, jazem em alguma parte Ceciliano, Fábio, Juliano, Lépido e outros como eles, que a tantos levaram à tumba, para serem também eles levados depois. Em resumo, pequeno é o intervalo de tempo; e esse, através de quantas dificuldades, em companhia de que tipo de homens e em que corpo passarás! Depois não o tenhas por negócio. Olhe atrás de ti o abismo da eternidade e diante de ti outro infinito. À vista disso, em que se distinguem a criança que viveu três dias e o que viveu três vezes mais que Gereneo?

51. Corra sempre pelo caminho mais curto, e o mais curto é o que está de acordo com a natureza. Em consequência, fale e aja em tudo da maneira mais correta, pois tal propósito libera das aflições, da disciplina militar, de toda preocupação administrativa e afetação.

# Livro V

1. Ao amanhecer, quando de má vontade e de forma preguiçosa te despertas, recorra a este pensamento: “desperto para cumprir uma tarefa própria de homem”. Irei, pois, continuar insatisfeito, se me encaminho para fazer aquela tarefa que justifica minha existência e para a qual nasci? Ou, por acaso, nasci para me esquentar, reclinado entre pequenos cobertores? “Mas isso é mais agradável”. Nasci, pois, para desfrutar? E, em resumo, nasci para a passividade ou para a atividade? Não vês que os arbustos, os pássaros, as formigas, as aranhas, as abelhas, cumprem sua função própria, contribuindo por sua conta para a ordem do mundo? E tu, então, te recusas a fazer o que é próprio do homem? Não persegues com afinco o que está de acordo com a sua natureza? “Mas é necessário também repousar”. Sim, é necessário; também eu repouso. Mas também a natureza delimitou limites para o repouso, como também fixou limites na comida e na bebida e, apesar disso, não ultrapassas a medida, excedendo-te mais do que é suficiente? E em tuas ações não somente não cumpres o suficiente, como também ficas aquém de tuas possibilidades. Assim, não te amas a ti mesmo, porque certamente naquele caso amarias tua natureza e seu propósito. Outros, que amam sua profissão, consomem-se no exercício do trabalho idôneo, sem cuidarem de sua higiene e sem comer. Mas tu estimas menos tua própria natureza que o cinzelador sua cinzeladura, o dançarino sua dança, o avarento seu dinheiro, o presunçoso sua vanglória. Estes, entretanto, quando sentem paixão por algo, nem comer nem dormir querem antes de terem contribuído para o progresso daqueles objetivos aos quais se entregam. E a ti, parecem-te que as atividades comunitárias são desprovidas de valor e merecedoras de menos atenção?

2. Quão fácil é recusar e apagar toda imaginação incômoda ou imprópria, e imediatamente encontrar-se em uma calma total!

3. Julga-te digno de toda palavra e ação de acordo com a natureza; e que a crítica que alguns suscitarão a seu propósito não te desvie do teu caminho; pelo contrário, se é bom ter agido e ter falado, não te consideres indigno. Pois aqueles têm seu guia particular e se valem de sua particular inclinação. Mas não cobices essas coisas; antes, atravesse o reto caminho em consonância com tua própria natureza e com a natureza comum; pois o caminho de ambas é único.

4. Caminho seguindo as trilhas de acordo com a natureza, até cair e ao fim descansar, expirando neste ar que respiro todos os dias e caindo nesta terra de onde meu pai colheu a semente, minha mãe o sangue e minha ama o leite; de onde, a cada dia, depois de tantos anos,

me alimento e me refresco; que me sustenta, enquanto caminho, e que dele posso aproveitar de tantas maneiras.

5. “Não podem admirar tua perspicácia”. Está bem. Mas existem outras muitas qualidades sobre as quais não podes dizer: “não tenho dons naturais”. Procura-te, pois, aquelas que estão inteiramente em tuas mãos: a integridade, a gravidade, a resistência ao esforço, o desprezo aos prazeres, a resignação frente ao destino, a necessidade de poucas coisas, a benevolência, a liberdade, a simplicidade, a austeridade, a magnanimidade. Não percebes quantas qualidades podes procurar já, em relação às quais não tens pretexto algum de incapacidade natural nem de insuficiente aptidão? Contudo, persistes ainda por própria vontade aquém de tuas possibilidades. Acaso te vês obrigado a murmurar, a ser mesquinho, a adular, a culpar o teu corpo, a comprazer-te, a comportar-te imprudentemente, a ter tua alma tão inquieta por causa de tua carência de aptidões naturais? Não, pelos deuses! Há tempos poderias estar livre desses defeitos, e apenas ser acusado talvez de excessiva lentidão para compreender. Mas também isso é algo que deve ser exercitado, sem menosprezar a lentidão nem comprazer-se nela.

6. Existe certo tipo de homem que, quando faz um favor a alguém, está disposto também a cobrar-lhe o favor; enquanto outra pessoa não está disposta a agir assim. Mas, contudo, em seu interior, o considera como se fosse um devedor e é consciente do que fez. Um terceiro nem sequer, de certa forma, é consciente do que fez, mas é semelhante a uma vinha que produziu frutos e nada mais reclama depois de ter produzido o fruto que lhe é próprio, como o cavalo que galopou, o cachorro que seguiu o rastro da presa ou a abelha que produziu o mel. Assim, o homem que fez um favor, não persegue um benefício, mas o cede a outro, do mesmo modo que a vinha se empenha em produzir novos frutos a seu devido tempo. Depois, é preciso encontrar-se entre os que agem assim, de certa forma, inconscientemente? “Sim, mas é preciso perceber isso; porque é próprio do ser social, manifestar-se, perceber que age de acordo e conforme o bem comum, e, por Zeus, também querer que o outro perceba”. Certo é o que dizes, mas percebas o que acabo de dizer. Por isso tu serás um daqueles que mencionei anteriormente, pois aqueles também se deixam extraviar por certa aparência lógica. E se tentares compreender o sentido das minhas palavras, não temerás, por isso, realizar qualquer ação útil à sociedade.

7. Súplica dos atenienses: “Envia-nos a chuva, envia-nos a chuva, amado Zeus, sobre nossos campos de cultivo e prados”. Ou não é preciso rezar, ou é preciso fazê-lo assim, com simplicidade e espontaneidade.

8. Como é costume dizer: “Esculápio lhe ordenou a equitação, os banhos de água fria, o caminhar descalço”, de modo similar também isso: “a natureza universal ordenou para este uma doença ou uma mutilação ou a perda de um órgão ou alguma outra coisa semelhante”. Pois ali o termo “ordenou” significa algo assim como: “prescreveu a ti este tratamento como apropriado para recuperar a saúde”. E aqui: “o que acontece a cada um lhe foi, de certa forma,

designado como correspondente ao seu destino". Assim também nós dizemos que o que nos acontece nos convém, assim como os pedreiros costumam dizer que nas muralhas ou nas pirâmides as pedras quadrangulares encontram-se umas com as outras, harmoniosamente, segundo determinado tipo de combinação. Em resumo, harmonia não há mais que uma, e do mesmo modo que o mundo, corpo de tais dimensões, complementa-se com os corpos, assim também o Destino, causa de tais dimensões, complementa-se com todas as causas. E inclusive, os mais ignorantes compreendem minhas palavras. Pois dizem: "o Destino trouxe isso". Assim, isso lhe foi trazido e lhe foi designado. Aceitemos, pois, esses acontecimentos como as prescrições de Esculápio. Muitas são, na verdade, duras, mas as abraçamos com a esperança da saúde. Gere em ti impressão semelhante o cumprimento e consumação do que decide a natureza comum, como se fosse a tua própria saúde. E da mesma forma abrace tudo o que lhe acontece, ainda que lhe pareça penoso, porque conduz àquele objetivo, à saúde do mundo, ao progresso e ao bem-estar de Zeus. Pois não haveria acontecido algo assim se não fosse importante para o todo; porque a natureza, qualquer que seja, nada produz que não se adapte ao ser governado por ela. Assim, convém amar o que acontece a ti por duas razões: uma, porque para ti se foi feito, e a ti foi designado e, de certa forma, a ti estava vinculado desde cima, encadeado por causas muito antigas; e em segundo lugar, porque o que acontece a cada um em particular é causa do progresso, da perfeição e, por Zeus, da mesma continuidade daquele que governa o conjunto do universo. Pois fica mutilado o conjunto inteiro, se for cortada, ainda que minimamente, sua conexão e continuidade, tanto de suas partes como de suas causas. E, assim, quebra-se dito encadeamento, na medida em que de ti depende, sempre que desanimas e, de certa forma, o destrói.

9. Não fiques insatisfeito, nem desanimes, nem fiques impaciente, se nem sempre for possível agir de acordo com retos princípios. Pelo contrário, quando fores menosprezado, recobre a tarefa com renovado ímpeto e fique satisfeito se a maior parte de tuas ações forem mais humanas e se amas aquilo ao qual, novamente, encaminhas teus passos, e não recorras à filosofia como a um professor de escola, mas como os que têm alguma enfermidade nos olhos se encaminham à esponja e à clara de ovo, como outro recorre à cataplasma, como outro à loção. Pois assim não te colocarás contrário à razão, mas, sim, repousarás nela. Lembre-se também de que a filosofia só quer o que a tua natureza quer, enquanto que tu querias outra coisa contrária à natureza. Porque, que coisa é mais agradável que isso? Não nos seduz o prazer por seus atrativos? Mas, examine se é mais agradável a grandeza da Alma, a liberdade, a simplicidade, a benevolência, a santidade. Existe algo mais agradável que a própria sabedoria, sempre que consideres que a estabilidade e o progresso procedem em todas as circunstâncias da faculdade da inteligência e da ciência?

10. As coisas encontram-se, de certa forma, em uma envoltura tal, que muitos filósofos, e não quaisquer filósofos, acreditaram que elas são absolutamente incompreensíveis; aliás, inclusive

os próprios estóicos acreditam que são difíceis de compreender. Todos os nossos julgamentos podem mudar; pois, onde está o homem que não muda? Pois bem, encaminhe teus passos aos objetos submetidos à experiência; quão efêmeras são, sem valor e capazes de estarem em posse de um libertino, de uma prostituta ou de um ladrão! Em seguida, passe a indagar o caráter dos que contigo vivem: dificilmente se pode suportar o mais agradável deles, por não dizer que inclusive a si mesmo se suporta com dificuldade. Assim, pois, em meio a tal escuridão e sujeira, e de tão grande fluxo da substância e d tempo, do movimento dos objetos móveis, não concebo que coisa pode ser especialmente desejada ou, em resumo, objeto de nossos afãs. Pelo contrário, é preciso exortar-se a si mesmo e esperar a desintegração natural, e não inquietar-se por sua demora, mas acalmar-se com esses únicos princípios: um, que nada me acontecerá em desacordo com a natureza do todo; e outro, que tenho a possibilidade de não fazer nada contrário a meu Deus e Gênio interior. Porque ninguém me forçará a ir contra eles.

11. Para que me serve agora a minha Alma? Em todo caso, fazer-me esta pergunta e indagar o que tenho agora nessa parte que precisamente chamam guia interior, e de quem tenho alma no momento presente. Acaso de uma criança, de um jovem, de uma mulher, de um tirano, de uma besta, de uma fera?

12. Quais são as coisas que o vulgo considera boas, poderias compreendê-lo pelo seguinte: porque se alguém pensasse de verdade que certas coisas são boas, como a sabedoria, a prudência, a justiça, a valentia, depois de uma compreensão prévia desses conceitos, não seria capaz de ouvir isso: “tão cheio está de bens”, pois não harmonizaria com ele tal característica. Enquanto que se um concebe previamente o que o vulgo reputa por bom, ouvirá e aceitará facilmente como designação apropriada o que o poeta cômico diz. Até tal ponto o vulgo intui a diferença! Entretanto, esse verso não deixaria de chocar nem de ser repudiado, enquanto que aquele, tratando-se da riqueza e boa fortuna que conduzem ao luxo ou à fama, o acolhemos como apropriada e elegantemente. Prossiga, pois, e pergunte se deves estimar e imaginar tais coisas como boas, essas que se fossem avaliadas apropriadamente, poderia concluir-se que seu possuidor, devido à abundância de bens, “não tem onde esvaziar”.

13. Fui composto por causa formal e matéria; nenhum desses elementos acabará no não-ser, da mesma forma que tampouco surgiram do não-ser. Assim, qualquer parte minha será designada por transformação a uma parte do universo; por sua vez, aquela se transformará em outra parte do universo, e assim até o infinito. E por uma transformação similar eu nasci, e também meus progenitores, sendo possível remontarmos até outro infinito. Porque nada impede falar assim, ainda que o universo seja governado por períodos limitados.

14. A razão e o método lógico são faculdades auto-suficientes para si e para as operações que lhes concernem. Partem, assim, do princípio que lhes é próprio e caminham a um fim preestabelecido; por isso tais atividades são denominadas “ações retas”, porque indicam a

retidão do caminho.

15. Nenhuma das coisas que não competem ao homem, enquanto homem, deve este observar. Não são exigências do homem, nem sua natureza as anuncia, nem tampouco são perfeições da natureza do homem. Pois bem, tampouco reside nelas o fim do homem, nem tampouco o que contribui a culminar o fim: o bem. E mais: se algumas dessas coisas pertencessem ao homem, não seria de sua incumbência menosprezá-las nem revoltar-se contra elas; tampouco poderia ser elogiado o homem que se apresentasse como se não tivesse necessidade delas, se realmente elas fossem bens. Mas agora, quanto mais alguém se despoja dessas coisas ou outras semelhantes ou inclusive suporta ser despojado de uma delas, tanto mais é homem de bem.

16. Como formares tua imaginação, repetidas vezes, assim será tua inteligência, pois a alma é colorida por sua imaginação. Tinge-a, pois, com uma sucessão de pensamentos como estes: onde é possível viver, também ale é possível viver bem e é possível viver em um palácio, logo é possível também viver bem no palácio. E assim como cada ser tende ao fim pelo qual foi constituído e em virtude do qual foi constituído. E onde está o fim, ali também o interesse e o bem de cada um se encontra. Naturalmente, o bem de um ser racional é a comunidade. Que efetivamente nascemos para viver em comunidade, que há tempos foi demonstrado. Não estava claro que os seres inferiores existem com vistas aos superiores, e estes para ajudarem-se mutuamente? E os seres animados são superiores aos inanimados, e os racionais superiores aos animados.

17. Perseguir o impossível é próprio de loucos; mas é impossível, também, que os maus deixem de ter algumas necessidades.

18. A ninguém acontece nada que não possa, por sua natureza, suportar. A outro lhe acontece o mesmo e, seja por ignorância do ocorrido, seja por ostentar magnanimidade, mantém-se firme e resiste sem dano. É terrível, de fato, que a ignorância e a excessiva complacência sejam mais poderosas que a sabedoria.

19. As coisas por si mesmas não tocam em absoluto a alma nem têm acesso a elas nem podem girá-la nem movê-la. Somente ela se gira e move a si mesma, e faz com que as coisas submetidas a ela sejam semelhantes aos juízos que estime dignos de si.

20. Em um aspecto o homem é o mais estritamente vinculado a nós, tanto que devemos lhes fazer bem e suportá-los. Mas enquanto que alguns criam obstáculos para as ações que nos são próprias, converte-se o homem em uma das coisas indiferentes para mim, não menos que o sol, o vento ou a besta. E por culpa desses poderia ser criado obstáculo para alguma das minhas atividades, mas graças ao meu instinto e à minha disposição, não são obstáculos, devido à minha capacidade de seleção e de adaptação às circunstancias. Porque a inteligência derruba e afasta tudo o que é obstáculo para sua atividade encaminhada ao objetivo proposto, e converte-

se em ação o que retinha essa ação, e em caminho o que era obstáculo nesse caminho.

21. Respeito o melhor que há no mundo; e isso é o que serve de tudo e cuida de tudo. E igualmente estime o melhor que reside em ti; e isso é do mesmo gênero que aquilo. E em ti o que aproveita aos demais é isso e isso é o que governa tua vida.

22. O que não é prejudicial à cidade, tampouco prejudica o cidadão. Sempre que imagines que tenhas sido vítima de um mal, busque esse princípio: se a cidade não é prejudicada por isso, tampouco eu serei prejudicado. Mas se a cidade é prejudicada, não deves irritar-te com o que prejudica a cidade? O que justifica tua negligência?

23. Reflita repetidamente sobre a rapidez de trânsito e afastamento dos seres existentes e dos acontecimentos. Porque a substância é como um rio em incessante fluir, as atividades estão mudando continuamente e as causas sofrem inúmeras alterações. Quase nada persiste e muito perto está este abismo infinito do passado e do futuro, no qual tudo desaparece. Como, pois, não estará louco o que nessas circunstancias se orgulha, se desespera ou se queixa por ter sofrido alguma dor por certo tempo e inclusive longo tempo?

24. Lembre-se de que a totalidade da substância, da qual participa minimamente, e a totalidade do tempo, do qual lhe foi destinado um intervalo breve e insignificante, e do destino, do qual, que parte ocupas?

25. Comete outro, uma falta contra mim? Ele verá. Tem sua peculiar disposição, seu peculiar modo de agir. Tenho eu agora o que a comum natureza quer que tenha agora, e faço o que minha natureza quer que agora faça.

26. Seja o guia interior e soberano de tua alma uma parte indiferente ao movimento, suave ou áspero, da carne, e não se misture, mas que se circunscreva, e limite aquelas paixões aos membros. E quando estas progredirem e alcançarem a inteligência, por efeito dessa outra simpatia, como em um corpo unificado, então não terá que enfrentar-se à sensação, que é natural, mas tampouco acrescente o guia interior de por si opinar de que se trata de um bem ou de um mal.

27. “Conviver com os deuses”. E convive com os deuses aquele que constantemente lhes demonstra que sua alma está satisfeita com a parte que lhe foi destinada, e faz tudo quanto quer o gênio divino, que, na qualidade de protetor e guia, fração de si mesmo, designou Zeus a cada um. E esta divindade é a inteligência e razão de cada um.

28. Tu te incomodas com o que cheira a bode? Tu te incomodas com o homem que te mau hálito? Que podes fazer? Assim é sua boca, assim são suas axilas; é necessário que tal emanação saia de tais causas. “Mas o homem tem razão, afirma, e pode compreender, se reflete, a razão pela qual se incomoda”. Seja parabenizado! Pois também tu tens razão. Incite com tua disposição lógica a disposição lógica dele, faça que compreenda, sugira a ele. Pois se

te atender, lhe curarás e não haverá necessidade de irritar-se. Nem ator trágico nem prostituta.

29. Tal como projetas viver depois de partir daqui, assim será possível viver neste mundo; mas caso não lhe permitam, então saia da vida, mas convencido de que não sofres nenhum mal. Há fumaça e irei. Por que consideras isso um negócio? Enquanto nada semelhante me coloque para fora, permaneço livre e ninguém me impedirá de fazer o que quero. E eu quero o que está de acordo com a natureza de um ser vivo racional e social.

30. A inteligência do conjunto universal é sociável. Assim, por exemplo, foram feitas as coisas inferiores em relação com as superiores e foram harmonizadas as superiores entre si. Vês como foi subordinado, coordenado e distribuído a cada um segundo seu mérito, e foram reunidos os seres superiores com o objetivo de uma concórdia mútua.

31. Como tens se comportado até a data com os deuses, com teus pais, teus irmãos, tua mulher, teus filhos, teus Mestres, teus preceptores, teus amigos, teus familiares, teus criados? Acaso no trato com todos até agora podes aplicar: “nem fazer mal a ninguém nem dizê-lo”. Lembra-te de que também por quais lugares passaste e que cansaço foste capaz de aguentar; e, mesmo assim, que a história de tua vida já está completa e teu serviço cumprido; e quantas coisa belas viste, quantos prazeres e dores desdenhaste, quantas ambições de glória ignoraste; com quantos insensatos te comportaste com deferência.

32. Por que almas rudes e ignorantes confundem uma alma instruída e sábia? Qual é, pois, uma alma instruída e sábia? A que conhece o principio e o fim e a razão que abarca a substância do conjunto e que, ao longo de toda a eternidade, governa o Todo de acordo com ciclos determinados.

33. Dentro de pouco, cinza e esqueleto, e ou bem um nome ou nem sequer um nome; e o nome, um ruído e um eco. E inclusive as coisas mais estimadas na vida são vazias, podres, pequenas, cães que se mordem, crianças que amam a briga, que riem e em seguida choram. Pois a confiança, o pudor, a justiça e a verdade, “ao Olimpo, longe da terra de largos caminhos”. O que é, pois, o que ainda te detém aqui, se as coisas sensíveis são mutáveis e instáveis, se os sentidos são cegos e susceptíveis de receber facilmente falsas impressões, e o mesmo hálito vital é uma exalação do sangue, e a boa reputação entre gente assim algo vazio? O que, então? Aguardarás benévolo tua extinção ou teu traslado? Mas, quando se apresenta aquela oportunidade, o que basta? E que outra coisa senão venerar e bendizer aos deuses, fazer bem aos homens, lhes dar suporte e abster-se? E em relação a quanto se encontra dentro dos limites de tua carne e hálito vital, lembra-te de que isso nem é teu e nem depende de ti.

34. Podes viver bem a tua vida, se és capaz de caminhar pelo bom caminho, se és capaz de pensar e agir com método. Essas duas coisas são comuns à alma de Deus, à alma do homem e à alma de todo ser racional: o não ser impedido por outro, o buscar o bem em uma disposição e

atuação justa e o colocar fim a tua aspiração aqui.

35. Se isso nem é maldade pessoal nem resultado de minha maldade nem prejudica a comunidade, por que inquietar-me por isso? E qual é o mal à comunidade?

36. Não te deixes arrastar totalmente pela imaginação; antes, ajude na medida de tuas possibilidades e segundo o mérito de cada um; e ainda que estejam em inferioridade nas coisas medíocres, não imagines, entretanto, que isso é prejudicial, pois seria um mau hábito. E assim como o ancião que, ao partir, pedia o pião de seu pequeno, sabendo que era apenas um pião, também tu procedes assim. Logo te encontrarás na tribuna gritando. Homem, é que esqueceste de que se tratava? “Sim, mas outros nessas coisas colocam grande empenho”. Acaso por isso, irás tu também enlouquecer?

# Livro VI

1. A substância do conjunto universal é dócil e maleável. E a razão que a governa não teme m si nenhum motivo para fazer mal, pois não tem maldade, e nem faz mal algum nem nada recebe mal daquela. Tudo se origina e chega a seu fim de acordo come ela.

2. Seja indiferente para ti passar frio ou calor, se cumpres com teu dever, passar a noite em vigia ou saciar-te de dormir, ser criticado ou elogiado, morrer ou fazer outra coisa. Pois uma das ações da vida é também aquela pela qual morremos. Assim, basta também para este ato "dispor bem o presente".

3. Olhe o interior; que de nenhuma coisa te escape nem sua peculiar qualidade nem seu mérito.

4. Todas as coisas que existem rapidamente serão transformadas e, ou evaporarão, se a substância é uma, ou se dispersarão.

5. A razão que governa sabe como se encontra, o que faz e sobre qual matéria.

6. A melhor maneira de defender-te é não te assemelhar a eles.

7. Regozija-te e repouse em uma só coisa: em passar de uma ação útil à sociedade a outra ação útil à sociedade, tendo sempre Deus presente.

8. O guia interior é o que desperta a si mesmo, que se gira e se faz a si mesmo com quer, e faz que todo acontecimento lhe pareça tal como ele quer.

9. Todas e cada uma das coisas chegam ao seu fim de acordo com a natureza do conjunto, e não segundo outra natureza que abarque o mundo exteriormente, ou esteja incluída em seu interior, ou esteja desvinculada no exterior.

10. Barulho, entrelaçamento e dispersão, ou bem união, ordem e providência. Se efetivamente é o primeiro, por qual desejo demorar minha estância em uma mistura azarada e confusão? E por que terá importância outra coisa que não seja saber como "converter-me um dia em terra?". E por que perturbar-me? Pois a dispersão me alcançará, faça o que faça. E se é o segundo, venero, persisto e confio no que governa.

11. Sempre que te vejas obrigado pelas circunstancias a sentir-te confuso, retorne a ti mesmo rapidamente e não te desvies fora de teu ritmo mais do que o necessário. Pois serás mais dono da harmonia graças a teu contínuo retomá-la.

12. Se tivesses simultaneamente uma madrasta e uma mãe, atenderias àquela, mas, contudo, as

visitas a tua mãe seriam contínuas. Isso tu tens agora: o palácio e a filosofia. Assim, pois, retorne frequentemente a ela e nela repouse; graças a esta, as coisas de lá te parecem suportáveis e tu és suportável entre eles.

13. Assim como se tem um conceito das carnes e peixes e comestíveis semelhantes, sabendo que isso é um cadáver de peixe, aquele cadáver de um pássaro ou de um porco; e também que o Falerno é suco de uva, e a toga pretexta lã de ovelha tingida com sangue de marisco; e em relação ao ato sexual, que é uma fricção do intestino e uma ejaculação acompanhada de certa convulsão. Como, de fato, esses conceitos alcançam seus objetos e penetram em seu interior, de modo que se pode ver o que são! Assim, é preciso agir ao longo da vida inteira, e quando as coisas te derem a impressão de serem dignas de crédito em excesso, analise-as e observe seu nulo valor, e despoje-as da ficção, pela qual se vangloriam. Pois o orgulho é um terrível enganador da razão, e quando pensas ocupar-te principalmente das coisas sérias, então, ainda assim, te enganas. Olhe, por exemplo, o que diz Crates sobre o próprio Xenócrates.

14. A maior parte das coisas que o vulgo admira se referem às mais gerais, às constituídas por uma espécie de ser ou natureza: pedras, madeira, figueiras, vinhas e oliveiras. As pessoas um pouco mais comedidas tendem a admirar os seres animados, como os rebanhos de vacas, ovelhas ou, simplesmente, a propriedade de escravos. E as pessoas ainda mais agraciadas, as coisas realizadas pelo espírito racional, mas não o universal, e sim aquele que tanto é hábil nas artes ou engenhoso de outras maneiras (ou simplesmente capaz de adquirir multidão de escravos). Mas o que honra a alma racional universal e social não direciona seu olhar a nenhuma das demais coisas, e diante de tudo, procure conservar sua alma em disposição e movimento em acordo com a razão e o bem comum, e colabore com seu semelhante para alcançar esse objetivo.

15. Coloque sempre seu empenho em chegar a ser algumas coisas, em outras coloque seu afã em persistir, mas uma parte do que chega a ser já se extinguiu. Fluxos e alterações renovam incessantemente o mundo, assim como o passo ininterrupto do tempo proporciona sempre nova a eternidade infinita. Em meio a esse rio, sobre o qual não é possível deter-se, que coisa entre as que passam correndo poderiam ser estimadas? Como se alguém começasse a se apaixonar pelas aves que voam ao nosso redor, e logo desaparecem diante de nossos olhos. Tal é de certa forma a vida de cada um, como a exalação do sangue e a inspiração do ar. Pois, assim como o inspirar uma vez o ar e expulsá-lo, coisa que fazemos a cada momento, também é devolver ali, de onde retiraste pela primeira vez, toda a faculdade respiratória, que tu adquiriste ontem ou anteontem, recém chegado ao mundo.

16. Nem é valoroso transpirar como as plantas, nem respirar como o gado e as feras, nem ser impressionado pela imaginação, nem ser movido como uma marionete pelos impulsos, nem agrupar-se como rebanhos, nem alimentar-se; pois isso é semelhante à evacuação das sobras de

comida. O que vale à pena, então? Ser aplaudido? Não. Assim, tampouco ser aplaudido pelo bater de línguas, porque os elogios do vulgo são bater de línguas. Portanto, renunciaste também à vanglória. O que sobra como digno de estima? Opino que o mover-se e manter-se de acordo com a própria constituição, fim ao qual conduzem as ocupações e as artes. Porque toda arte aponta para esse objetivo, para que a coisa constituída seja adequada à obra que motivou sua constituição. E tanto o homem que se ocupa do cultivo da vinha, como o domador de cavalos, e o que adestra cães, perseguem esse resultado. E a que objetivo tendem com afinco os métodos de educação e ensino? À vista está, pois, o que é digno de estima. E se nisso tens êxito, nenhuma outra coisa te preocupará. E não deixarás de estimar muitas outras coisas? Então nem serás livre, nem te bastarás a ti mesmo, nem estarás isento de paixões. Será necessário que invejes, tenhas ciúme, receies os que possam tirar-lhe os seus bens, e terás necessidade de conspirar contra os que têm o que tu estimas. Em resumo, forçosamente a pessoa que sente falta de alguns daqueles bens estará perturbada e, além disso, censurará muitas vezes aos deuses. Mas o respeito e a estima ao teu próprio pensamento farão de ti um homem satisfeito contigo mesmo, perfeitamente adaptado aos que convivem ao teu lado e em concordância com os deuses, isso é, um homem que louva o que lhe foi concedido e designado.

17. Para cima, para baixo, em círculo, são os movimentos dos elementos. Mas o movimento da virtude não se encontra em nenhum desses, mas é algo um tanto divino e segue seu curso favorável por um caminho difícil de conceber.

18. Curiosa atuação! Não querem falar bem dos homens de seu tempo e que vivem ao seu lado, e, em troca, têm em grande estima serem elogiados pelas gerações vindouras, a quem nunca viram nem verão. Isso vem a ser como se te afligisses, porque teus antepassados não tiveram para ti palavras de elogio.

19. Não penses, se algo te resulta difícil e doloroso, que isso seja impossível para o homem; antes bem, se algo é possível e natural ao homem, pense que também está ao teu alcance.

20. Nos exercícios dos ginásios, alguém nos arranhou com suas unhas e nos feriu com uma cabeçada. Entretanto, nem o colocamos de manifesto, nem nos incomodamos, nem suspeitamos mais tarde dele como conspirador. Mas sim, certamente, nos colocamos em guarda, mas não como se fosse um inimigo, nem com receio, mas esquivando-o benevolamente. Algo parecido ocorre nas demais conjunturas da vida. Deixemos de lado muitos receios mútuos dos que nos exercitamos como nos ginásios. Porque é possível, como dizia, evitá-los sem mostrar receio nem aversão.

21. Se alguém pode refutar-me e provar de modo conclusivo que penso ou procedo incorretamente, de bom grado mudarei minha forma de agir. Pois persigo a verdade, que nunca prejudicou ninguém; ao contrario, sim se prejudica o que persiste em seu próprio engano e

ignorância.

22. Eu, pessoalmente, faço o que devo; o demais não me atrai, porque é algo que carece de vida, ou de razão, ou anda extraviado e desconhece o caminho.

23. Aos animais irracionais e, em geral, ás coisas e aos objetos submetidos aos sentidos, que carecem de razão, tu, posto que estás dotado de entendimento, trate-os com magnanimidade e liberalidade; mas aos homens, como dotados de razão, trate-os ademais sociavelmente.

24. Alexandre, da Macedônia e seu tropeiro, uma vez mortos, encontram-se em uma mesma situação; pois, ou foram reabsorvidos pelas razões geradoras do mundo ou foram igualmente desagregados em átomos.

25. Perceba quantas coisas, no mesmo lapso de tempo, brevíssimo, brotam simultaneamente em cada um de nós, tanto corporais como espirituais. E assim não te surpreenderás de que muitas coisas, mais ainda, todos os acontecimentos da vida residam ao mesmo tempo no ser único e universal, que chamamos mundo.

26. Se alguém te faz a pergunta de como se escreve o nome de Antonino, não soletrarias cada uma de suas letras? E no caso de que se aborrecessem, replicarias tu também te aborrecendo? Não seguirias enumerando tranquilamente cada uma das letras? Da mesma forma, também aqui, considere que todo dever se cumpre mediante certos cálculos. É preciso olhá-los com atenção sem perturbar-se nem incomodar-se com os que se incomodam, e cumprir metodicamente o proposto.

27. Quão cruel é não permitir aos homens que dirijam seus impulsos ao que lhes parece apropriado e conveniente! E o certo é que, de algum modo, não estás de acordo em que façam isso, sempre que te aborreces com eles por suas falhas. Porque se mostram absolutamente arrastados ao que consideram apropriado e conveniente para si. “Mas não é assim”. Consequentemente, esclareça-os e demonstre a eles, mas sem irritar-se.

28. A morte é o descanso da reação sensitiva, do impulso instintivo que nos move como fantoches, da evolução do pensamento, do tributo que nos impõe a carne.

29. É vergonhoso que, no decorrer de uma vida na qual teu corpo não desfalece, neste desfaleça primeiramente tua alma.

30. Cuidado! Não te convertas em um César, não te manches sequer, porque costuma ocorrer. Mantenha-te, portanto, simples, bom, puro, respeitável, sem arrogância, amigo do justo, piedoso, benévolo, afável, firme no cumprimento do dever. Lute por conservar-te tal qual a filosofia quis fazer-te. Respeite os deuses, ajude a salvar os homens. Breve é a vida. O único fruto da vida terrena é uma piedosa disposição e atos úteis à comunidade. Em tudo, proceda como discípulo de Antonino; sua constância em agir conforme a razão, sua equanimidade em

tudo, a serenidade de seu rosto, a ausência nele de vanglória, seu afã no que se refere à compreensão das coisas. E lembra-te de como não haveria omitido absolutamente nada sem uma profunda análise prévia e sem uma compreensão com clareza; e como suportava sem replicar os que lhe censuravam injustamente; e como não tinha presa por nada; e como não aceitava as calúnias; e como era escrupuloso indagador dos costumes e dos feitos; mas não era insolente, nem lhe atemorizava a agitação, nem era desconfiado, nem charlatão. E como tinha bastante com pouco, para sua casa, por exemplo, para seu leito, para sua vestimenta, para sua alimentação, para seu serviço; e como era diligente e amistoso; e capaz de permanecer na mesma tarefa até o entardecer, graças à sua dieta frugal, sem ter necessidade de evacuar os resíduos fora da hora de costume; e sua firmeza e uniformidade na amizade; e sua capacidade de suportar aos que se opunham sinceramente a suas opiniões e de alegrar-se, se alguém lhe mostrava algo melhor; e como era respeitoso com os deuses sem superstição, para que assim te surpreendas, como a ele, a última hora com boa consciência.

31. Retorna a ti e reanima-te, e uma vez que tenhas saído de teu sonho e tenhas compreendido que te perturbavam pesadelos, novamente desperto, olhe essas coisas como olhavas aquelas.

32. Sou um composto de alma e corpo. Portanto, para o corpo tudo é indiferente, pois não é capaz de distinguir; mas ao espírito lhe são indiferentes quantas atividades não lhe são próprias, e, em troca, quantas atividades lhe são próprias, todas elas estão sob seu domínio. E, apesar disso, somente a atividade presente lhe preocupa, pois suas atividades futuras e passadas lhe são também, desde este momento, indiferentes.

33. Não é contrario à natureza nem o trabalho da mão nem tampouco o do pé, desde que o pé cumpra a tarefa própria do pé, e a mão, a da mão. Do mesmo modo, pois, tampouco é contrario à natureza o trabalho do homem, como homem, desde que cumpra a tarefa própria do homem. E, se não é contrário à sua natureza, tampouco lhe é nocivo.

34. Que classe de prazeres desfrutaram bandidos, lascivos, parricidas, tiranos!

35. Não vês como os artesãos se colocam de acordo, até certo ponto, com os profanos, mas não deixam de cumprir as regras de seu ofício e não aceitam renunciar a ele? Não é surpreendente que o arquiteto e o médico respeitem mais a razão de seu próprio ofício que o homem a sua própria, que compartilha com os deuses?

36. Ásia, Europa, cantos do mundo; o mar inteiro, uma gota de água; o Atos, um pequeno monte do mundo; todo o tempo presente, um instante da eternidade; tudo é pequeno, mutável, passageiro. Tudo procede de lá, arrancando daquele princípio norteador ou derivando dele. Assim, a boca do leão, o veneno e tudo o que faz mal, como as espinhas, como o lodo, são parte daquelas coisas veneráveis e belas. Não te imagines, pois, que essas coisas são alheias a aquele a quem tu veneras; mas antes, reflita sobre a fonte de todas as coisas.

37. Quem viu o presente, tudo viu: a saber, quantas coisas surgiram desde a eternidade e quantas coisas permanecerão até o infinito. Pois tudo tem uma mesma origem e um mesmo aspecto.

38. Medite com frequência sobre a conexão de todas as coisas existentes no mundo e em sua mútua relação. Pois, de certa forma, todas as coisas se entrelaçam umas com as outras e todas, nesse sentido, são amigas entre si; pois uma está à continuação da outra devido ao movimento ordenado, do hábito comum e da unidade da substância.

39. Amolda-te às coisas nas quais tens sorte; e aos homens com os quais tens de conviver, ame-os, mas de verdade.

40. Um instrumento, uma ferramenta, um objeto qualquer, se realiza o trabalho para o qual foi construído, é bom; ainda que esteja fora dali o que os construiu. Mas tratando-se das coisas que se mantêm unidas por natureza, em seu interior reside e persiste o poder construtor; por essa razão é preciso ter um respeito especial por ele e considerar, caso te comportes e procedas de acordo com seu propósito, que todas as coisas ocorrem segundo a inteligência. Assim também ao Todo suas coisas ocorrem conforme a inteligência.

41. Em qualquer coisa das alheias a tua livre vontade, que consideres boa ou má para ti, é inevitável que, segundo a evolução de tal dano ou da perda de semelhante bem, censures os deuses e odeies os homens como responsáveis de tua queda ou privação, ou como suspeitos de sê-lo. Também nós cometemos muitas injustiças devido às diferenças em relação a essas coisas. Mas no caso de que julguemos bom e mau unicamente o que depende de nós, nenhum motivo nos resta para culpar os deuses nem para manter uma atitude hostil frente aos homens.

42. Todos nós colaboramos para o cumprimento de um só fim, uns consciente e Consequentemente, outros sem sabê-lo; como Heráclito, creio, diz que, inclusive os que dormem, são operários e colaboradores do que acontece no mundo. Um colabora de uma maneira, outro de outra, e inclusive, por acréscimo, o que critica e tenta se opor e destruir o que faz. Porque também o mundo tinha necessidade de gente assim. Em consequência, pense com quem formarás partido adiante. Pois o que governa o conjunto do universo te dará um trato estupendo em tudo e te acolherá em certo posto entre seus colaboradores e pessoas dispostas a colaborar. Mas não ocupes um posto tal, como o vulgo e ridículo da tragédia que recorda Crisipo.

43. Acaso o sol acha justo fazer o que é próprio da chuva? Acaso Esculápio o que é próprio da deusa, portadora dos frutos? E o que dizer de cada um dos astros? Não são diferentes e, entretanto, cooperam na mesma tarefa?

44. Se, efetivamente, os deuses deliberaram sobre mim e sobre o que deve me acontecer, bem deliberaram; porque não é tarefa fácil conceber um deus sem decisão. E por qual razão iriam

desejar causar-me dano? Qual seria seu ganho ou da comunidade, que é sua máxima preocupação? E se não deliberaram em particular sobre mim, sim, ao menos, o fizeram profundamente sobre o bem comum, e dado que essas coisas me acontecem por consequência com este, devo abraçá-las e amá-las. Mas se é certo que sobre nada deliberam (dar crédito a isso é impiedade; não façamos sacrifícios, nem súplicas, nem juramentos, nem os demais ritos que todos e cada um fazem na idéia de que vão destinados a deuses presentes e que convivem com nós), se é certo que sobre nada do que nos concerne deliberam, então me é possível deliberar sobre mim mesmo e indagar sobre minha conveniência. E a cada um lhe convém o que está de acordo co sua constituição e natureza, e minha natureza é racional e sociável. Minha cidade e minha pátria, enquanto Marco Aurélio, é Roma, mas enquanto homem, é o mundo. Em consequência, o que beneficia a essas cidades é meu único bem.

45. O que acontece a cada um importa ao conjunto. Isso deveria ser suficiente. Mas ademais, em geral, verás, se percebeste atentamente, que o que é útil a um homem, o é também a outros homens. Aceite agora "a utilidade" na acepção mais comum, aplicada às coisas indiferentes.

46. Assim como os jogos do anfiteatro e de lugares semelhantes te inspiram repugnância, pelo fato de que sempre as mesmas coisas são vistas, e a uniformidade faz o espetáculo fastidioso, assim também ocorre ao considerar a vida em seu conjunto; porque todas as coisas, de cima para baixo, são as mesmas e procedem das mesmas. Até quando, pois?

47. Medite sem cessar na morte de homens de todas as classes, de todo tipo de profissões e de toda sorte de raças. De maneira que podes descender nessa enumeração até Filístio, Febo e Origânio. Passe agora aos outros tipos de gente. É preciso, pois, que nos desloquemos para lá, para onde se encontra tão grande número de hábeis oradores, tantos filósofos e veneráveis: Heráclito, Pitágoras, Sócrates, tantos heróis com anterioridade, e, depois, tantos generais, tiranos. E, além desses, Eudóxio, Hiparco, Arquimedes, outras naturezas agudas, magnânimos, diligentes, trabalhadores, ridicularizadores da mesma vida humana, mortal e efêmera, como Menipo, e todos os de sua classe. Medite sobre todos esses que há tempo nos deixaram. O que há nisso, pois, de terrível para eles? E o que há de terrível para os que de nenhuma forma são nomeados? Uma só coisa vale à pena: passar a vida em companhia da verdade e da justiça, benévolo com os mentirosos e com os injustos.

48. Sempre que queiras alegrar-te, pense nos méritos dos que vivem contigo, por exemplo, a energia no trabalho de um, a discrição de outro, a liberalidade de um terceiro e qualquer outra qualidade de outro. Porque nada produz tanta satisfação como os exemplos das virtudes, ao manifestarem-se no caráter dos que vivem conosco e ao serem agrupadas na medida do possível. Por essa razão devem ser tidas sempre à mão.

49. Ficas incomodado por pesar tantas libras e não trezentas? Da mesma forma, também, porque deves viver um número determinado de anos e não mais. Porque assim como te

contentas com a parte de substância que te foi designada, assim também com o tempo.

50. Tente persuadi-los; mas aja, inclusive contra a sua vontade, sempre que a razão da justiça o imponha. Entretanto, se alguém se opuser fazendo uso de alguma violência, mude para a complacência e para o bom trato, sirva-te dessa dificuldade para outra virtude e tenha presente que com discrição te movias, que não pretendias coisas impossíveis. Qual era, pois, tua pretensão? Alcançar tal impulso em certa maneira. E o consegues. Aquelas coisas às quais nos movemos, chegam a concretizar-se.

51. O que ama a fama considera bem próprio a atividade alheia; o que ama o prazer, seu próprio apreço; o homem inteligente, ao contrario, sua própria atividade.

52. Cabe a possibilidade, no que concerne a isso, de não haver conjectura alguma e de não turbar a alma; pois as coisas, por si mesmas, não têm uma natureza capaz de criar nossos juízos.

53. Acostuma-te a não estar distraído ao que diz outro, e inclusive, na medida de tuas possibilidades, adentre a alma do que fala.

54. O que não beneficia a colméia, tampouco beneficia a abelha.

55. Se os marinheiros insultassem seu piloto ou os enfermos o médico, se dedicariam a outra coisa além de colocar em prática os meios para salvar a tripulação, o primeiro, e para curar os que estão sob tratamento, o segundo?

56. Quanto, em companhia dos quais entrei no mundo, já partiram!

57. Aos ictéricos lhes parece amargo o mel; aos que foram mordidos por um cachorro raivoso são hidrófobos, e os pequenos gostam da bola. Por que, pois, aborrecer-te? Parece-te menos poderoso o erro que a bílis no ictérico e o veneno no homem mordido por um animal raivoso?

58. Ninguém te impedirá de viver segundo a razão de tua própria natureza; nada te ocorrerá contra a razão da natureza comum.

59. Quem são aqueles a quem quer agradar! E por quais ganhos, e graças a quais procedimentos! Quão rapidamente o tempo sepultará todas as coisas e quantas já sepultou!

# Livro VII

1. O que é a maldade? É o que tens visto muitas vezes. E a propósito de tudo o que acontece, tenhas presente que isso é o que tens visto muitas vezes. Em resumo, de baixo para cima, encontrarás as mesmas coisas, das que estão cheias as histórias, as antigas, as médias e as contemporâneas, das quais estão cheias agora as cidades e as casas. Nada novo; tudo é habitual e efêmero.

2. As máximas vivem. Como, de outro modo, poderiam morrer, a não ser que se extinguissem as imagens que lhes correspondem? Em tuas mãos está reavivá-las constantemente. Posso, em relação a isso, conceber que é preciso. E se, com é natural, posso, por que perturbar-me? O que está fora, de minha inteligência nenhuma relação tem com a inteligência. Aprenda isso e estarás no que é correto. É possível reviver. Olhe novamente as coisas como as tens visto, pois nisso consiste o reviver.

3. Vão desejo à pompa, representações em cena, rebanhos de gado menor e maior, lutas com lança, ossos jogados aos cães, migalhas destinadas aos viveiros de peixes, fatigas e colônias de formigas, idas e voltas de ratos assustados, fantoches movidos por fios. Convém, pois, presenciar esses espetáculos benevolamente e sem rebeldia, mas seguir e observar com atenção que o mérito de cada um é tanto maior quanto meritória é a tarefa objeto de seus afãs.

4. É preciso seguir, palavra por palavra, o que se diz, e, em todo impulso, seu resultado; e, no segundo caso, ver diretamente a que objetivo aponta a tentativa; e no primeiro, velar por seu significado.

5. Minha inteligência é suficiente para isso ou não? Se é suficiente, sirvo-me dela para esta ação como se fosse um instrumento concedido pela natureza do conjunto universal. Mas se não me basta, cedo a obra a quem seja capaz de cumpri-la melhor, a não ser, por outra lado, que isso seja de minha incumbência, ou bem coloco as mãos à obra como possa, com a colaboração da pessoa capaz de fazer, com a ajuda do meu guia interior, o que nesse momento é oportuno e benéfico à comunidade. Porque o que estou fazendo por mim mesmo, ou em colaboração com outro, deve tender, exclusivamente, ao benefício e à boa harmonia com a comunidade.

6. Quantos homens, que foram muito celebrados, caíram já no esquecimento! E quantos homens que os celebraram já há tempos partiram?

7. Não sintas vergonha de ser socorrido. Pois está estabelecido que cumpras a tarefa imposta como um soldado no assalto a uma muralha. Que farias, pois, se, vítima de ferimentos na

perna, não pudesses tu somente escalar as fortalezas e, em troca, isso te fosse possível com ajuda de outro?

8. Não te inquiete o futuro; pois irás a seu encontro, se for preciso, com a mesma razão que agora utilizas para as coisas presentes.

9. Todas as coisas se encontram entre si e seu comum vínculo é sagrado e quase nenhuma é estranha à outra, porque todas estão coordenadas e contribuem à ordem do mesmo mundo. Que um é o mundo, composto de todas as coisas; um é deus que se estende através de todas elas, única a substância, única a lei, uma só razão comum de todos os seres inteligentes, uma também a verdade, porque também uma é a perfeição dos seres do mesmo gênero e dos seres que participam da mesma razão.

10. Tudo o que é material se desvanece rapidamente na substância do conjunto universal; toda causa se funde rapidamente na razão do conjunto universal; a lembrança de todas as coisas fica em um instante sepultada na eternidade.

11. Para o ser racional o mesmo ato está de acordo com a natureza e com a razão.

12. Direito ou endireitado.

13. Como existem os membros do corpo nos indivíduos, também os seres racionais foram constituídos, por esse motivo, para uma idêntica colaboração, ainda que em seres diferentes. E mais te ocorrerá esse pensamento se muitas vezes fizer essa reflexão contigo mesmo. Sou um membro do sistema constituído por seres racionais. Mas se dissesses que és parte, com a mudança da letra "R", não amas ainda de coração os homens, ainda não te alegras integramente de fazer-lhes favores; mais ainda, se o fazes simplesmente como um dever, significa que ainda não compreendes que fazes um bem a ti mesmo.

14. Aconteça exteriormente o que se queira aos que estão expostos a serem afetados por este acidente. Pois aqueles, se querem, se queixarão de seus sofrimentos; mas eu, se não imagino que o acontecido é um mal, ainda não sofri dano algum. E de mim depende não imaginá-lo.

15. Digam ou façam o que queiram, meu dever é ser bom. Como se o ouro, a esmeralda ou a púrpura dissessem sempre isso: "Façam ou digam o que queiram, meu dever é ser esmeralda e conservar minha própria cor".

16. Meu guia interior não se altera por si mesmo; quero dizer, não se assusta nem se aflige. E se algum outro é capaz de assustá-lo ou afligi-lo, que o faça. Pois ele, por si mesmo, não se moverá conscientemente a semelhantes alterações. Preocupe-se o corpo, se pode, de não sofrer nada. E se sofre, manifeste-o. Também o espírito animal, que se assusta, que se aflige. Mas o que, em resumo, pensa sobre essas considerações, não há nenhum temor que sofra, pois sua condição não lhe impulsionará a um juízo semelhante. O guia interior, por sua mesma

condição, carece de necessidade, a não ser que as crie, e por isso mesmo não tem tribulações nem obstáculos, a não ser que se perturbe e se ponha obstáculos a si mesmo.

17. A felicidade é um bom numen ou um bom "espírito familiar". Que fazes, pois, aqui, ó imaginação? Vá, pelos deuses, como vieste! Não te necessito. Vieste segundo teu antigo costume. Não me aborreço contigo; unicamente, vá.

18. A mudança é temida? E que pode acontecer sem mudança? Existe algo mais querido e familiar à natureza do conjunto universal? Poderias tu mesmo lavar-te com água quente, se a lenha não se transformasse? Poderias alimentar-te se os alimentos não se transformassem? E outra coisa qualquer entre as úteis, poderia cumprir-se sem transformação? Não percebes, pois, que tua própria transformação é algo similar e igualmente necessária à natureza do conjunto universal?

19. Pela substância do conjunto universal, como através de uma torrente, cooperam todos os corpos, naturais e colaboradores do conjunto universal, como nossos membros entre si. Quantos Crisipos, quantos Sócrates, quantos Epítetos absorveu já o tempo! Idêntico pensamento tenhas tu em relação a todo tipo de homem e a todas as coisas.

20. Apenas uma coisa me inquieta: o temor de que faça algo que minha constituição de homem não quer, ou da maneira que não quer, ou o que agora não quer.

21. Próximo está seu esquecimento de tudo, próximo também o esquecimento de tudo em relação a ti.

22. Próprio do homem é amar inclusive os que tropeçam. E isso se consegue quando pensas que são teus familiares e que pecam por ignorância e contra sua vontades e que, dentro de pouco tempo, ambos estarão mortos e que, ante tudo, não te prejudicou, posto que não fez o teu guia interior pior do que era antes.

23. A natureza do conjunto universal, valendo-se da substância do conjunto universal, como de uma cera, modelou agora um potro; depois, o fundiu e utilizou sua matéria para formar um arbusto, depois, um homenzinho, e mais tarde outra coisa. E cada um desses seres subsistiu por pouquíssimo tempo. Mas não é nenhum mal um cofre ser desmontado nem tampouco ser montado.

24. O semblante rancoroso é demasiado contrário à natureza. Quando se afeta reiteradamente, sua beleza morre e finalmente se extingue, de maneira que torna-se impossível reavivá-la. Tente, ao menos, ser consciente disso, na convicção de que é contrário à razão. Porque se desaparece a compreensão do agir mal, que motivo para seguir vivendo nos sobra?

25. Tudo quanto vês, enquanto ainda não é, será transformado pela natureza que governa o conjunto universal, e outras coisas fará de sua substância, e ao mesmo tempo outras da

substância daquela, a fim de que o mundo sempre rejuvenesça.

26. Cada vez que alguém cometa uma falta contra ti, medite sobre que conceito do mal ou do bem tinha ao cometer dita falta. Porque, uma vez que tenhas examinado isso, terás compaixão dele e nem te surpreenderás, nem te irritarás com ele. Já que compreenderás tu também o mesmo conceito do bem que ele, ou outro similar. Em consequência, é preciso que lhe perdoemos. Mas ainda se não chegues a compartilhar com seu conceito do bem e do mal, serás mais facilmente benévolo com seu extravio.

27. Não imagines as coisas ausentes como já presentes; antes, selecione dentre as presentes as mais favoráveis, e, à vista disso, lembre-se como as buscarias, se não estivessem presentes. Mas ao mesmo tempo tenha precaução, não deixes que, por comprazer-te a tal ponto em seu prazer, habitua-te a subestimá-las, de maneira que, se alguma vez não estivessem presentes, pudesses sentir-te inquieto.

28. Recolha-te em ti mesmo. O guia interior racional pode, por natureza, bastar-se a sim mesmo praticando a justiça e, segundo essa prática, conservando a calma.

29. Apague a imaginação. Detenha o impulso de marionete. Circunscreva-te ao momento presente. Compreenda o que te acontece ou a outro. Divida e separe o objeto dado em seu aspecto causal e material. Pense em tua hora posterior. A falta cometida por aquele, deixe-a ali onde se originou.

30. Compare o pensamento com as palavras. Submerge teu pensamento nos acontecimentos e nas causas que o produziram.

31. Faça resplandecer em ti a simplicidade, o pudor e a indiferença no relativo ao que é intermediário entre a virtude e o vício. Ame o gênero humano. Siga a Deus. Aquele diz: “tudo é convencional, e em realidade só existem os elementos”. E basta lembrar que nem todas as coisas são convencionais, mas poucas.

32. Sobre a morte: ou dispersão, se existem átomos; ou extinção ou mudança, se existe unidade.

33. Sobre a dor: o que é insuportável mata, o que se prolonga é tolerável. E a inteligência, retirando-se, conserva sua calma e não aja em detrimento do guia interior. E em relação às partes danificadas pela dor, se há alguma possibilidade, manifestem-se sobre o particular.

34. Sobre a fama: examine quais são seus pensamentos, quais coisas evitam e quais perseguem. E que, assim como as dunas ao amontoar-se uma sobre outras ocultam as primeiras, assim também na vida os acontecimentos anteriores são rapidamente encobertos pelos posteriores.

35. E a aquele pensamento que, cheio de grandeza, alcança a contemplação de todo tempo e de

toda essência, crês que lhe parece grande coisa a vida humana? Impossível, disse. Então, tampouco tal homem considerará terrível a morte? De forma alguma.

36. “Cabe ao rei fazer o bem e receber calúnias”.

37. É vergonhoso que o semblante aceite acomodar-se e alienar-se como ordena a inteligência, e que, em troca, ela seja incapaz de acomodar-se e seguir sua linha.

38. “Não devemos nos irritar com as coisas, pois a elas nada lhes importa”.

39. “Oxalá pudesses dar motivos de regozijo aos deuses imortais e a nós!”.

40. “Ceifar a vida, tal como uma espiga madura, e que um exista e o outro não”.

41. “Se os deuses me esqueceram e esqueceram meus dois filhos, também isso tem sua razão”.

42. “O bem e a justiça estão comigo”.

43. Não associar-se a suas lamentações, nem a seus estremecimentos.

44. “Mas eu te responderia com esta justa razão: estás equivocado, amigo, se pensas que um homem deve calcular o risco de viver ou morrer, inclusive sendo insignificante a sua valia, e, em troca, pensas que não deve examinar, quando age, se são justas ou não suas ações e próprias de um homem bom ou mau”.

45. “Assim é, atenienses, em verdade. Onde quer que um esteja por considerar que é o melhor ou no posto que seja designado pelo general, ali deve, no meu entender, permanecer e correr risco, sem ter em conta em absoluto nem a morte nem nenhuma outra coisa com preferência à infâmia”.

46. Porque não deve o homem que valorize sê-lo preocupar-se com a duração da vida, tampouco deve ter excessivo apego a ela, mas confiar à divindade esses cuidados e dar crédito às mulheres quando afirmam que ninguém poderia evitar o destino. A obrigação que lhe incumbe é examinar de que modo, durante o tempo que viverá, poderá viver melhor.

47. Contemple o curso dos astros, como se tu evoluísses com ele, e considere sem cessar as transformações mútuas dos elementos. Porque esses pensamentos purificam a vida das sujeiras da vida terrena.

48. Belo o texto de Platão: “preciso é que quem faz discursos sobre os homens examine também o que acontece na terra, como do alto de um monte: manadas de tribunais, regiões desertas, populações bárbaras diversas, festas, trovões, reuniões públicas, toda a mistura e a conjunção harmoniosa procedente dos contrários”.

49. Com a observação dos acontecimentos passados e de tantas transformações que se produzem agora, também o futuro é possível prever. Porque inteiramente igual será seu

aspecto e não será possível sair do ritmo dos acontecimentos atuais. Em consequência, ter investigado a vida humana durante quarenta anos ou durante dez mil é a mesma coisa. Pois, o que mais verás?

50. “O que nasceu da terra à terra retorna; o que germinou de uma semente etérea volta novamente à abóboda celeste”. Ou também isso: dissolução dos entrelaçamentos nos átomos e dispersão semelhante dos elementos impassíveis.

51. “Com manjares, bebidas e feitiços, tratando de desviar o curso, para não morrer”. “É forçoso suportar o sopro do vento impulsionado pelos deuses entre sofrimentos sem lamentos”.

52. É melhor lutador; mas não mais generoso com os cidadãos, nem mais reservado, nem mais disciplinado nos acontecimentos, nem mais benévolo com os menosprezados dos vizinhos.

53. Quando pode cumprir-se uma tarefa de acordo com a razão comum aos deuses e aos homens, nada há que temer ali. Quando é possível obter um benefício graças a uma atividade bem embasada e que progrida de acordo com sua constituição, nenhum prejuízo deve suspeitar-se ali.

54. Em toda parte e continuamente, de ti depende estar piedosamente satisfeito com a presente conjectura, comportar-te com justiça com os homens presentes e colocar toda tua arte ao serviço da impressão presente, a fim de que nada se infiltre em ti de maneira imperceptível.

55. Não direciones seu olhar para guias interiores alheios, antes, dirija seu olhar diretamente ao ponto aonde te conduz a natureza do conjunto universal por meio dos acontecimentos que te sucedem, e a tua própria pelas obrigações que te exige. Cada um deve fazer o que corresponde a sua constituição. Os demais seres foram constituídos por causas dos seres racionais e, em toda outra coisa, os seres inferiores por causas dos superiores, mas os seres racionais foram constituídos para ajudarem-se mutuamente. Em consequência, o que prevalece na constituição humana é a sociabilidade. Em segundo lugar, a resistência às paixões corporais, pois é próprio do movimento racional e intelectual demarcar limites e não ser derrotado nunca nem pelo sensitivo nem pelo instintivo. Pois ambos são de natureza animal, enquanto que o movimento intelectual quer prevalecer e não ser subjugado por aqueles. Em terceiro lugar, na constituição racional não ocorre a precipitação nem a possibilidade de engano. Assim, que o guia interior, que possui essas virtudes, cumpra sua tarefa com retidão, e possua o que lhe pertence.

56. Como homem que já morreu e que não viveu até hoje, deves passar o resto de tua vida de acordo com a natureza.

57. Amar unicamente o que te acontece e o que é traçado pelo destino. Pois, o que pode adaptar-se melhor a ti?

58. Em cada acontecimento, conservar ante os olhos aqueles aos quais lhes aconteciam as

mesmas coisas, e logo se afligiam, se estranhavam, censuravam. E agora, onde estão aqueles? Em nenhuma parte. O que, então? Queres proceder de igual modo? Não queres deixar estas atitudes estranhas aos que as provocam e as sofrem, e aplicar-te inteiramente a pensar como servir-te dos acontecimentos? Os aproveitarás bem e terás matéria. Preste atenção e seja teu único desejo ser bom em tudo o que faças. E tenha presente estas máximas: o que importa são os atos, não os resultados.

59. Cave em teu interior. Dentro se encontra a fonte do bem, e é uma fonte capaz de brotar continuamente, se não deixas de escavar.

60. É preciso que o corpo fique solidamente fixo e não se distorça, nem no movimento nem no repouso. Porque do mesmo modo que a inteligência se manifesta em certa maneira no rosto, conservando-se sempre harmonioso e agradável à vista, assim também deve exigir-se no corpo inteiro. Mas todas essas precauções devem ser observadas sem afetação.

61. A arte de viver assemelha-se mais à luta que à dança no que se refere a estar firmemente disposto a fazer frente aos acidentes, inclusive imprevistos.

62. Considere sem interrupção quem são esses dos quais desejas que contribuam com seu testemunho, e quais guias interiores têm; pois, nem censurarás aos que tropeçam involuntariamente, nem terás necessidade de seu testemunho, se diriges teu olhar às fontes de suas opiniões e de seus instintos.

63. “Toda alma, afirmam, se vê privada contra sua vontade da verdade”. Igualmente também da justiça, da prudência, da benevolência e de toda virtude semelhante. E é bastante necessário que o tenhas presente em todo momento, pois serás mais condescendente com todos”.

64. Em qualquer caso de dor, reflita: não é indecoroso nem tampouco deteriorará a inteligência que me governa; pois não a destrói, nem no aspecto racional, nem no aspecto social. Nas maiores dores, entretanto, lembra-te da máxima de Epicuro: nem é insuportável a dor, nem eterna, se te lembras de teus limites e não imaginas além da conta. Lembra-te também de que muitas coisas, que são o mesmo que a dor, nos incomodam e não percebemos, assim, por exemplo, a sonolência, o calor exagerado, a inaptidão. Depois, sempre que te aborreças com alguma dessas coisas, diga para ti mesmo: cedi à dor.

65. Cuide de não experimentar com os homens não-humanos algo parecido ao que estes experimentam em relação aos homens.

66. De onde sabemos se Telauges não tinha melhor disposição que Sócrates? Pois não basta o fato de que Sócrates tenha morrido com mais glória nem que tenha dialogado com os sofistas com muito mais habilidade nem que tenha passado toda a noite sobre gelo mais pacientemente nem que, havendo recebido a ordem de prender Salaminio, tenha decidido opor-se com maior coragem, nem que tenha congregado tanta gente pelas ruas. Sobre o que não se sabe

precisamente nem se é certo. Mas é preciso examinar o seguinte: que tipo de alma tinha Sócrates e se podia conformar-se com ser justo nas relações com os homens e piedoso em suas relações com os deuses, sem indignar-se com a maldade, sem tampouco ser escravo da ignorância de ninguém, sem aceitar como coisa estranha nada do que era designado pelo conjunto universal ou resistir a ela como insuportável, sem tampouco dar ocasião a sua inteligência a consentir nas paixões da carne.

67. A natureza não te misturou com o composto de tal modo, que não te permitisse fixar-te uns limites e fazer o que te incumbe e é tua obrigação. Porque é possível em demasia converter-te em homem divino e não ser reconhecido por ninguém. Tenha sempre presente isso e ainda mais o que direi: em muito pouco radica a vida feliz. E não porque tenhas escassa confiança em chegar a ser um dialético ou um físico, renuncies com base nisso a ser livre, modesto, sociável e obediente a Deus.

68. Passa a vida sem violências em meio do maior júbilo, ainda que todos clamem contra ti as maldições que queiram, ainda que as feras despedacem os pobres membros dessa massa pastosa que te circunda e sustenta. Porque, o que impede que, no meio de tudo isso, tua inteligência se conserve calma, tenha um juízo verdadeiro do que acontece em torno de ti e esteja disposta a fazer uso do que está ao seu alcance? De maneira que eu juízo possa dizer ao que aconteça: “Tu, és isso em essência, ainda que te mostres diferente em aparências”. E teu uso possa dizer ao que aconteça: “Te buscava. Pois para mim o presente é sempre matéria de virtude racional, social e, em resumo, matéria da arte humana ou divina”. Porque tudo o que acontece se faz familiar a Deus ou ao homem, e nem é novo nem é difícil de manejar, mas conhecido e fácil de manejar.

69. A perfeição moral consiste nisso: em passar cada dia como se fosse o último, sem convulsões, sem entorpecimentos, sem hipocrisias.

70. Os deuses, que são imortais, não se irritam pelo fato de que durante tão longo período de tempo devam suportar de um modo ou outro, repetidamente, os malvados, que são de tais características e tão numerosos. Mas ainda, preocupam-se com eles de muitas maneiras diferentes. E tu, que quase estás a ponto de terminar, renuncias, e isso sendo tu um dos malvados?

71. É ridículo não tentar evitar tua própria maldade, o que é possível, e, em troca, tentar evitar a dos demais, o que é impossível.

72. O que a faculdade racional e sociável encontra desprovido de inteligência e sociabilidade, com muita razão o julga inferior a si mesma.

73. Quando tenhas feito um favor e outro o tenha recebido, que terceira coisa ainda continuas buscando, como os ignorantes?

74. Ninguém se cansa de receber favores, e a ação de favorecer está de acordo com a natureza. Não te canses, pois, de receber favores ao mesmo tempo em que tu o fazes.

75. A natureza universal empreendeu a criação do mundo. E agora, ou tudo o que acontece se produz por consequência, ou é irracional inclusive o mais sobressalente, objetivo ao qual o guia do mundo dirige seu impulso próprio. A lembrança desse pensamento te fará em muitos aspectos mais sereno.

# Livro VIII

1. Também isso te leva a desdenhar a vanglória, o fato de que já não podes ter vivido tua inteira, ou ao menos a que transcorreu desde tua juventude, como um filósofo; pelo contrario, deixaste claro para outras muitas pessoas, e inclusive, para ti mesmo que estás afastado da filosofia. Estás, pois, confuso, de maneira que já não te resultará fácil conseguir a reputação de filósofo. A isso se opõem inclusive os pressupostos de tua vida. Se, de fato, viste de verdade onde está o fundo da questão, esqueça a impressão que causarás. E seja suficiente para ti viver o resto da tua vida, dure o que durar, como tua natureza quer. Em consequência, pense em qual é seu desejo, e nada mais te inquiete. Comprovaste em quantas coisas andaste sem rumo, e em nenhuma parte encontraste a vida feliz, nem nas argumentações lógicas, nem na riqueza, nem na glória, nem no gozo, nem em parte alguma. Onde está, então? No fazer o que quer a natureza humana. Como consegui-lo? Com a posse dos princípios dos quais dependem os instintos e as ações. Quais princípios? Os que concernem ao bem e ao mal, na convicção de que nada é bom para o homem, se não lhe torna justo, sensato, valente, livre; como tampouco nada é mau, se não lhe produz os efeitos contrários ao dito.

2. Em cada ação, pergunte a ti mesmo: como é essa ação em relação a mim? Não me arrependerei depois de fazê-la? Dentro de pouco estarei morto e tudo terá desaparecido. O que mais buscarei, se minha presente ação é própria de um ser inteligente, sociável e sujeito à mesma lei de Deus?

3. Alexandre, César e Pompeu, o que foram em comparação a Diógenes, Heráclito e Sócrates? Estes viram coisas, suas causas, suas matérias, e seus princípios guias eram auto-suficientes; mas aqueles, quantas coisas ignoravam, de quantas coisas eram escravos!

4. Que não menos farão as mesmas coisas, ainda que te arrebentes.

5. Em primeiro lugar, não te confundas; pois tudo acontece de acordo com a natureza do conjunto universal, e dentro de pouco tempo não serás ninguém em nenhuma parte, como tampouco são ninguém Adriano nem Augusto. Depois, com os olhos fixos em tua tarefa, indague-a bem e tendo presente que teu dever é ser homem de bem, e o que exige a natureza do homem, cumpre-o sem desviar-te e do modo que te pareça mais justo: somente com benevolência, modéstia e sem hipocrisia.

6. A missão da natureza do conjunto universal consiste em transportar o que está aqui e ali, em transformá-lo, em levantá-lo daqui e levá-lo para lá. Tudo é mutação, de modo que não se pode

temer nada insólito; tudo é igual, mas também são equivalentes aos desígnios.

7. Toda natureza está satisfeita consigo mesma quando segue o bom caminho. E segue o bom caminho a natureza racional quando em suas imaginações não dá seu consentimento nem ao falso nem ao incerto e, em troca, vincula seus instintos somente a ações úteis à comunidade, quando se dedica a desejar e detestar aquelas coisas que dependem exclusivamente de nós, e abraça tudo o que lhe designa a natureza comum. Pois é uma parte dela, da mesma forma que a natureza da folha é parte da natureza da planta, com exceção de que, nesse caso, a natureza da folha é parte de uma natureza insensível, desprovida de razão e capaz de ser interrompida, enquanto que a natureza do homem é parte de uma natureza livre de obstáculos, inteligente e justa, se é que naturalmente distribui a todos com equidade e segundo o mérito, sua parte de tempo, substância, causa, energia, acidente. Adverte, entretanto, que não encontrarás equivalência em tudo, se colocas em relação uma coisa isolada com outra isolada, mas sim a encontrarás, se comparas globalmente a totalidade de uma coisa com o conjunto de outra.

8. Não te é possível ler. Mas sim podes conter tua arrogância; podes estar acima do prazer e da dor; podes menosprezar a vanglória; podes não irritar-te com insensatos e desgraçados, inclusive mais, podes preocupar-te com eles.

9. Ninguém te ouça censurar a vida na corte, nem sequer tu mesmo.

10. O arrependimento é certa censura pessoal por ter deixado de fazer algo útil. E o bem deve ser algo útil e deve preocupar-se com ele o homem íntegro. Pois nenhum homem íntegro se arrependeria por ter desdenhado um prazer; por consequência, o prazer nem é útil nem é bom.

11. O que é isso em si mesmo segundo sua peculiar constituição? Qual é sua substância e matéria? E qual é sua causa? E que faz no mundo? E quanto tempo leva subsistindo?

12. Sempre que de forma errônea te despertes de teu sonho, lembra-te de que está de acordo com tua constituição e com tua natureza corresponder com ações úteis à comunidade, e que dormir é também comum aos seres irracionais. Além disso, o que está de acordo com a natureza de cada um lhe resulta mais familiar, mais natural, e certamente também mais agradável.

13. Continuamente e, se for possível, em toda imaginação, explique-a partindo dos princípios da natureza, das paixões, da dialética.

14. Com quem te encontres, imediatamente faça essas reflexões: este, que princípios tem a respeito do bem e do mal? Porque se sobre o prazer e a dor e as coisas que produzem ambos e sobre a fama, a infâmia, a morte, a vida, tem tais princípios, não me parecerá em absoluto surpreendente ou estranho que aja assim; e me lembrarei de que se vê forçado a agir desse modo.

15. Considere que, do mesmo modo que é absurdo achar estranho que a figueira produza figos, também o é surpreender-se de que o mundo produza determinados frutos dos quais é portador. E igualmente seria vergonhoso para um médico e para um piloto surpreender-se de que haja febre ou de que tenha soprado um vento contrario.

16. Considere que trocar de critério e obedecer a quem te corrige é igualmente uma ação livre. Pois tua atividade termina de acordo com teu instinto e juízo e, particularmente, além disso, de acordo com tua própria inteligência.

17. Se depende de ti, por que não o fazes? Mas se depende de outro, a quem censuras? Aos átomos ou aos deuses? Em ambos os casos é loucura. A ninguém deves repreender. Porque, se podes, corrija-lhe, se não podes, corrija ao menos sua ação. E se tampouco isso é possível, de que adianta irritar-te? Porque nada deve ser feito por acaso.

18. Fora do mundo não cai o que more. Se permanece aqui, aqui se transforma e se dissolve em seus elementos próprios, elementos que são do mundo e teus. E esses elementos se transformam e não murmuram.

19. Cada coisa nasceu com uma missão, assim o cavalo, a videira. Por que te assombras? Também o Sol, dirá: “nasci para uma função, assim como os demais deuses”. E tu, para que? Para o prazer? Analise se é tolerável a idéia.

20. Não menos comanda a natureza ao fim de cada coisa que a seu princípio e transcurso, como o que joga uma bola. Que bem, então, obtém a pequena bola ao elevar-se ou que mal ao descender ou inclusive ao ter caído? E que bem obtém a bolha formada ou que mal, quando dissolvida? E o mesmo pode ser dito em relação à lâmpada.

21. Gire-o e contemple como é, e como chega a ser depois de envelhecer, adoecer e expirar. Curta é a vida do que elogia e do que é elogiado, do que se lembra e do que é lembrado. Além disso, acontece em um canto dessa região e tampouco aqui se colocam de acordo todos, e nem sequer alguém se coloca de acordo consigo mesmo; e a terra inteira é um ponto.

22. Preste atenção ao que tens nas mãos, seja atividade, princípio ou significado. Justamente tens este sofrimento, pois preferes ser bom amanhã a ser bom hoje.

23. Faço algo? O faço considerando o benefício aos homens. Acontece algo a mim? O aceito oferecendo-o aos deuses e à fonte de tudo, da qual emanam todos os acontecimentos.

24. Como te apresenta o banho: óleo, suor, sujeira, água viscosa, tudo o que provoca repugnância, assim também te apresenta toda parte da vida e todo objeto que nos é oferecido.

25. Lucila sepultou Verus; depois, Lucila; Segunda sepultou Máximo; em seguida, Segunda; Epitincano sepultou Diótimo; depois, Epiticano; Antonino sepultou Faustina; depois, Antonino. E assim, tudo. Celer sepultou Adriano; depois, Celer. E onde estão aqueles homens

talentosos e perspicazes, já conhecedores do futuro, já presunçosos? (Assim, por exemplo, talentosos, Carax, Demétrio, o platônico, Eudemão e seus semelhantes). Tudo é efêmero, o tempo morreu. Alguns não perduraram na lembrança sequer um instante; outros passaram a lenda, e outros inclusive desapareceram das lendas. Considere, pois, isto: será preciso que tua composição se dissemine, que teu hálito vital se extinga ou que mude de lugar e se estabeleça em outra parte.

26. A felicidade do homem consiste em fazer o que é próprio do homem. E é próprio do homem o trato benevolente com seus semelhantes, o menosprezo dos movimentos dos sentidos, o discernir as idéias que inspiram crédito, a contemplação da natureza do conjunto universal e das coisas que se produzem de acordo com ela.

27. Três são as relações: uma com a causa que nos rodeia, outra com a causa divina, de onde tudo nos acontece, e a terceira com os que vivem conosco.

28. A dor, ou é um mal para o corpo, e em consequência que a manifeste, ou para a alma. Mas a ela lhe é possível conservar sua própria serenidade e calma, e não opinar que a dor seja um mal. Porque todo juízo, instinto, desejo e aversão estão dentro, e nada se remonta até aqui.

29. Apague as imaginações dizendo a ti mesmo continuamente: “agora de mim depende que não se instale nessa alma nenhuma perversidade, nem desejo, nem, em resumo, nenhuma perturbação; entretanto, contemplando todas as coisas tal como são, sirvo-me de cada uma delas de acordo com seu mérito”. Considere essa possibilidade de acordo com a tua natureza.

30. Fale, seja no Senado, seja diante de qualquer um, com elegância e certeiramente. Utilize uma terminologia sã.

31. A corte de Augusto, sua mulher, sua filha, seus descendentes, seus ascendentes, sua irmã, Agripa, seus parentes, seus familiares, Areos, Mecenas, seus médicos, seus encarregados pelos sacrifícios; morte de toda a corte. E assim às demais…, não à morte de um só homem, por exemplo, a dos Pompeus. Considere aquilo que costuma ser gravado nas tumbas: “o último de sua linhagem”. Quantas convulsões sofreram seus antecessores, com o fim de deixar um sucessor, depois foi inevitável que existisse um último; de novo aqui a morte de toda uma linhagem.

32. É preciso regrar a vida de acordo com cada uma das ações e, se cada uma consegue seu fim, dentro de suas possibilidades, contentar-se. E que baste a seu fim, ninguém pode impedir-te. “Mas alguma ação externa se oporá”. Nada, ao menos no referente a agir com justiça, com moderação e reflexivamente. Mas talvez alguma outra atividade encontrará obstáculos. Entretanto, graças à acolhida favorável do mesmo obstáculo e em troca inteligente no que te é oferecido, ao ponto se substituí outra ação que harmoniza com a composição da qual falava.

33. Receber sem orgulho, desprender-se sem apego.

34. Alguma vez viste uma mão amputada, um pé ou uma cabeça decepada em algum lugar distante de onde jaz o corpo. Algo parecido faz consigo, na medida em que dele depende, o que não se conforma com o que acontece e se separa, ou o que faz algo contrário ao bem comum. Tu de alguma maneira te excluíste da união com a natureza, pois dela formavas parte por natureza. Mas agora tu mesmo te separaste. Entretanto, tão admirável é aquela, que te é possível unir-te de novo a ela. A nenhum outro membro permitiu Deus separar-se e desgarrar-se, para reunir-se de novo. Mas examine a bondade com a qual Deus honrou o homem. Pois em suas mãos deixou a possibilidade de não separar-se absolutamente do conjunto universal e, uma vez separado, a de reunir-se, combinar-se em um todo e recobrar a posição de membro.

35. Assim como a natureza dos seres racionais distribuiu a cada um da sua forma as demais faculdades, assim também nós recebemos dela esta faculdade. Pois da mesma maneira que aquela converte tudo o que se opõe e resiste, o situa na ordem de seu destino e o faz parte de si mesma, assim também o ser racional pode fazer todo obstáculo material de si mesmo e servir-se dele, fosse o que fosse o objeto ao que estivesse tendencioso.

36. Não te confunda a imaginação da vida inteira. Não abarques em teu pensamento que tipo de fadigas e quantas podem sobrevir; pelo contrario, em cada uma das fadigas presentes, pergunta-te: o que é o intolerável e o insuportável dessa ação? Sentirás vergonha de confessá-lo. Depois lembra-te que nem o futuro nem o passado são incômodos, mas sempre o presente. E este se minimiza, no caso de que delimites exclusivamente a si mesmo e refutes tua inteligência, se não é capaz de enfrentar essa insignificância.

37. Estão agora junto ao túmulo de Verus, Pantea e Pérgamo? E junto à tumba de Adriano, Cabrias ou Diótimo? Ridículo. Se estivessem sentados, saberiam os mortos? Se percebessem, iriam comprazer-se? Se isso acontecesse, seriam imortais? Não estava assim decretado que primeiro chegariam a ser velhos e velhas, para depois morrerem? Então, que deveriam fazer posteriormente aqueles, mortos já estes? Tudo isso é fedor e sangue misturados.

38. “Se és capaz de olhar com perspicácia, olhe e julgue, afirma Epíteto, com a máxima habilidade”.

39. Na constituição de um ser racional não vejo virtude rebelde à justiça, mas sim vejo a temperança em oposição ao prazer.

40. Se eliminares tua opinião acerca do que acreditas que te aflige, tu mesmo te afirmas na maior segurança. “Quem é tu mesmo?”. A razão. “Mas eu não sou razão”. Seja. Em consequência, não se aflija a razão. E se alguma outra parte de ti se sente mal, opine ela no que lhe pertence.

42. Um obstáculo à sensação é um mal para a natureza animal; um obstáculo ao instinto é igualmente um mal para a natureza animal. Existe, além disso, outro obstáculo e mal próprios

da constituição vegetal. Assim, pois, um obstáculo à inteligência é um mal para a natureza inteligente. Todas estas considerações, aplique-as a ti mesmo. Detém-te uma dor, um prazer? A sensação o verá. Tiveste alguma dificuldade quando empreendeste instintivamente algo? Se o empreendes sem uma reserva mental, já é um mal para ti, enquanto ser racional. Mas se recobras a inteligência, ainda foi gerado dano nem impedimento. O que é próprio da inteligência somente ela costuma criar obstáculo. Porque nem o fogo, nem o ferro, nem a infâmia, nem nenhuma outra coisa a alcançam. Quando consegue converter-se em "esfera arredondada", permanece.

42. Não mereço causar-me aflição, porque nunca a outro voluntariamente afligi.

43. Um se alegra de uma maneira, outro de outra. Em relação a mim, se tenho saudável meu guia interior, me alegro por não refutar nenhum homem nem nada do que aos homens acontece; antes, me alegro por olhar todas as coisas com olhos benévolos e aceitando e usando cada coisa de acordo com seu mérito.

44. Procure acolher com agrado para ti mesmo o tempo presente. Os que mais perseguem a fama póstuma não calculam que eles serão iguais a estes aos que importunam. Também eles serão mortais. E o que significa para ti, em resumo, que aqueles repitam teu nome com tais vozes ou que tenham de ti tal opinião?

45. Levanta-me e me coloque onde queiras! Pois ali terei minha divindade propícia, isso é, satisfeita, se se comporta e age consequentemente com sua própria constituição. Acaso vale à pena que minha alma esteja mal por isso e seja de pior condição, envelhecida, apaixonada, agitada? E o que encontrarás merecedor disso?

46. A nenhum homem pode acontecer algo que não seja natural do humano, nem a um boi que não seja próprio do boi, nem a uma videira algo que não seja próprio da videira, nem a uma pedra o que não seja próprio da pedra. Depois se a cada um lhe acontece o que é habitual e natural, por que te incomodarás? Porque nada insuportável te infligiu a natureza comum.

47. Se te afliges por alguma causa externa, não é ela o que te importuna, mas o juízo que fazes dela. E depende de ti apagar esse juízo. Mas se te aflige algo que se encontra em tua disposição, quem te impede de retificar teu critério? E de igual modo, se te aflige por não executar essa ação que te parece sã, por que não a colocas em prática em vez de afligir-te? "Mas o obstáculo é maior que eu". Não te aflijas, pois, dado que não é tua a culpa de que não o executes. "Mas não mereço viver se não o executo". Vá, pois, da vida tranquilamente, da maneira que more o que cumpre sua missão, indulgente com os que te colocam obstáculos.

48. Considere que o guia interior chega a ser invencível, sempre que, concentrado em si mesmo, se conforme abstendo-se de fazer o que não quer, ainda que se oponha sem razão. O que, pois, ocorrerá, quando reflexiva e atentamente formule algum juízo? Por essa razão, a

inteligência livre de paixões é uma fortaleza. Porque o homem não dispõe de nenhum reduto mais fortificado no qual possa refugiar-se e ser adiante impossível de expugnar. Em consequência, o que não percebeu isso é um ignorante; mas quem percebeu e não se refugia nela é um infeliz.

49. Não digas a ti mesmo outra coisa que o que te anunciam as primeiras impressões. Se te foi anunciado que um tal fala mal de ti. Isso te foi anunciado. Mas não te foi anunciado que sofreste dano. Vejo que meu filho está enfermo. O vejo. Mas que esteja em perigo, não o vejo. Assim, pois, mantenha-te sempre nas primeiras impressões, e nada acrescentes a teu interior e nada te acontecerá. Ou melhor, acrescente como pessoa conhecedora de cada uma das coisas que acontecem no mundo.

50. Amargo é o pepino. Joga-o fora. Existem espinhos no caminho. Desvia-te. Basta isso? Não acrescentes: "por que acontece isso no mundo?". Porque serás ridicularizado pelo homem que estuda a natureza, como também o serás pelo carpinteiro e o sapateiro se lhes condenasses pelo fato de que em suas oficinas se vêem cavacos e retalhos dos materiais que utilizam. E, em verdade, aqueles ao menos têm onde colocá-los, mas a natureza universal nada tem fora; mas o admirável desta arte consiste em que, de maneira que nem tem necessidade de substâncias exteriores, nem precisa de um lugar onde colocar esses podres desperdícios. Em consequência, se conforma com seu próprio lugar, com a matéria que lhe pertence e com sua peculiar arte.

51. Nem sejas negligente em tuas ações, nem dificultes tuas conversações, nem em tuas imaginações andes sem rumo, nem, em resumo, pressiones tua alma ou te disperses, nem no transcurso da vida estejas excessivamente ocupado. Matam-te, despedaçam, perseguem com maldições. Que importa isso para que teu pensamento permaneça puro, prudente, sensato, justo? Como se alguém ao passar junto a uma fonte cristalina e doce, e insultasse; nem por isso deixa de brotar potável. Ainda que se jogue barro, esterco, rapidamente os dispersará, se libertará deles e de nenhum modo ficará manchada. Como, pois, conseguirás ter uma fonte perene, e não um simples poço? Caminhe em todo momento à liberdade com benevolência, simplicidade e modéstia.

52. O que não sabe o que é o mundo, não sabe onde está. E o que não sabe para que nasceu, tampouco sabe quem é ele nem o que é o mundo. E o que esqueceu uma só dessas coisas, tampouco poderia dizer para que nasceu. Quem, pois, parece-te que é o que o elogio dos que aplaudem, os quais nem conhecem onde estão, nem quem são?

53. Queres ser enaltecido por um homem que se maldiz três vezes por hora? Queres comprazer um homem que não se compraz a si mesmo? Compraz a si mesmo o homem que se arrepende de quase tudo o que faz?

54. Já não te limites a respirar o ar que te rodeia, mas pense também, a partir desse momento,

em conjunção com a inteligência que tudo o rodeia. Porque a faculdade inteligente está dispersa por todos os lugares e penetrou o homem capaz de atraí-la não menos que o ar no homem capaz de respirá-lo.

55. Em geral, o vício não causa danos em nada ao mundo. E, em particular, é nulo o dano que produz a outro; é unicamente pernicioso para aquele a quem lhe foi permitido renunciar a ele, assim que o deseje.

56. Para minha faculdade de decisão é tão indiferente a faculdade decisória do vizinho com seu hálito vital e sua carne. Porque, apesar de que especialmente nascemos uns para os outros, contudo, nosso individual guia interior tem sua própria soberania. Pois, em outro caso, a maldade do vizinho iria se certamente um mal meu, coisa que Deus não estimou oportuna, a fim de que não dependesse de outro o tornar-me feliz.

57. O sol parece estar difuso e, em verdade, o está por qualquer lugar, mas não esgota. Pois essa difusão é extensão. E assim, suas chispas se chamam “actines” (raios), procedentes do termo “ectenesthai” (estender-se). E que coisa é um raio, poderias vê-lo, se contemplasses através de uma abertura a luz do sol introduzida em uma casa escura. Pois se estende em linha reta e se apóia, de certo modo, no corpo sólido com o que tropece, corpo que lhe separa do ar que vem depois. Ali se detém sem deslizar-se nem cair. Tal, de fato, convém que seja a difusão e dilatação da inteligência, sem esgotar-se em nenhum caso, mas sim estender-se; convém ainda que, frente aos obstáculos com que tropece, não choque violentamente, nem com ímpeto, nem tampouco caia, mas detenha-se e dê brilho ao objeto que a recebe. Porque se privará do resplendor o objeto que a desdenhe.

58. O que teme a morte, ou teme a insensibilidade ou outra sensação. Mas se já não percebes a sensibilidade, tampouco perceberás nenhum mal. E se adquires uma sensibilidade distinta, serás um ser indiferente e não deixarás de viver.

59. Os homens nasceram uns para os outros. Instrua-os ou suporta-os.

60. A flecha segue uma trajetória, a inteligência outra diferente. Entretanto, a inteligência, sempre que toma precauções e se dedica a questionar, avança em linha reta e ao seu objetivo não menos que a flecha.

61. Introduza-te no guia interior de cada um e permita também a outro qualquer que penetre em teu guia interior.

# Livro IX

1. Aquele que comete injustiças é ímpio. Pois dado que a natureza do conjunto universal tem feito os seres racionais para ajudar uns aos outros, de maneira que se favorecessem uns aos outros, segundo seu mérito, sem que em nenhum caso se prejudicassem. Aquele que transgride esta vontade comete, evidentemente, uma impiedade contra a mais excelsa das divindades. Também, aquele que mente é ímpio com a mesma divindade, pois a natureza do conjunto universal é a natureza dos seres, e estes são vinculados com tudo que existe. Mais ainda, esta divindade recebe o nome de verdade e é a primeira causa de todas as verdades. Em conseqüência, o homem que mente voluntariamente é ímpio, assim que ao enganar comete injustiça. Também é ímpio o que mente involuntariamente, porque também está em discordância com a natureza do conjunto universal. E não sem culpa a contraria, mesmo quem se recusa à verdade, descartando os recursos que a natureza dá não sabe distinguir o falso do verdadeiro. E certamente é ímpio também quem persegue os prazeres como se fosse bens ,e evita as fadigas como se fossem males. Porque é inevitável que o homem recrimine constantemente a natureza comum na convicção de que esta faz uma distribuição injusta dos méritos, dado que muitas vezes os males vivem entre prazeres e possuem aqueles meios que os proporcionam, enquanto que os bons caem no pesar e naquilo que o origina. Mais ainda, quem teme os pesares temerá algo que, inevitavelmente, algum dia acontecerá no mundo, e isso já é impiedade. E aquele que persegue os prazeres não se absterá de cometer injustiças; e isso sim que é claramente impiedade. Portanto, em relação a essas duas coisas, a natureza é indiferente (pois não teria criado ambas as coisas, se não tivesse sido indiferente em relação às duas); quem deseja seguir a natureza deve seguir a sua indiferença, no mundo se repetem de maneira igual. Dessa maneira, ímpio é aquele que não se torna indiferente à alegria e aos males, à fama e à infâmia, coisas que a natureza do conjunto universal usa indistintamente. E a natureza comum usa estas coisas indiferentemente, em vez de considerar obra do acaso as coisas que acontecem; e que tudo é motivado devido a um primeiro impulso da Providência, segundo a qual, de um princípio, empreendeu esta organização atual do mundo mediante a combinação de certas razões das coisas futuras e assinalando as potências geratrizes das substâncias, as transformações e sucessões desta índole.

2. Próprio de um homem puro seria afastar-se dentre os homens sem ter gostado da falácia, e todo tipo de hipocrisia, simulação e orgulho. Mas expirar, uma vez criado asco destes vícios, seria, de certa forma, chegar bem ao termo da viagem. Ou preferes estar envolvido nesses vícios e ainda não te incitas a fugir de tal peste pela experiência? Pois a corrupção da alma é

uma peste muito maior que uma infecção e alteração semelhante deste ar que está esparso em torno de nós. Porque esta peste é própria dos animais, assim como animais; mas aquela é própria dos homens, enquanto homens.

3. Não desdenhe a morte; antes, acolhe-a gostosamente, na convicção de que ela também é uma das coisas que a natureza quer. Porque como é a juventude, a velhice, o crescimento, a plenitude da vida, o nascer dos dentes, a barba, a procriação, a gestação, o parto, e as demais atividades naturais que levam as estações da vida, tal é também sua própria dissolução. Por conseguinte, é próprio de um homem dotado de razão comportar-se ante a morte não com hostilidade, nem com veemência, nem com orgulho, a não ser aguardá-la como uma das atividades mais naturais. E, igualmente a ti aguarda o momento em que saia do ventre de tua mulher o recém-nascido, assim também aguarda a hora em que tua alma se desprenderá desse envoltório. E se também queres um conselho simples, que anime teu coração e te torne sereno diante da morte, analisa as coisas e o gênio dos homens de que te livrarás, os quais não se mesclará a tua alma. Porque absolutamente é preciso conviver com esses homens, tratando-os com doçura, e não hostilizando-os; recorda, entretanto, que te verás livre de homens que apenas pensam diferente de ti. Verdadeiramente, a única coisa que nos prenderia à vida seria a convivência com quem sentisse e pensasse como nós. Mas sabes muito bem quão penosa é a desarmonia e a discórdia na vida em comum, até o ponto de dizer: “Oxalá, chegasse quanto antes, ó morte! Antes que eu perca o domínio de mim mesmo!”

4. Quem transgride a lei, fere a si mesmo; quem comete uma injustiça, comete contra si mesmo, e a si mesmo se torna mau.

5. Tanto na omissão quanto na ação pode-se constituir uma injustiça

6. De nada mais precisarás se tua opinião presente for verdadeira, se tua ação presente for útil à sociedade e se tua disposição for de acolher de bom grado tudo o que for de causa exterior.

7. Possuir comportamento íntegro, conter o instinto, apagar o desejo, conservar em ti o guia interior.

8. Uma só alma foi distribuída entre os animais irracionais, uma alma inteligente foi dividida entre os seres racionais, igualmente uma é a terra de todos os seres terrestres, e com uma só luz vemos, e com o mesmo ar respiramos, todos que vemos e vivemos.

9. Todos os seres que participam de algo em comum tendem, igualmente, ao que é de seu mesmo gênero. Todo o terrestre se inclina para a terra, tudo o que é aquoso conflui ao úmido, de igual modo o ar tende ao aéreo, também o fogo tende para o alto devido ao fogo elementar, e está disposto a unir-se com todo fogo; pois toda matéria, embora esteja um pouco úmida, é facilmente inflamável por não possuir muito aquilo que impede a sua ignição. E conseqüentemente, tudo o que participa da natureza intelectiva tende com o mesmo afã para

seu semelhante ou até mais. Porque, quanto mais aperfeiçoado e sutil é um ser em relação a outros, mais disposto se acha a fundir-se e confundir-se com seu semelhante. Até mesmo os seres irracionais como, enxames, rebanhos, bezerros, ninhadas, em suas relações, são bem parecidos; porque também têm alma. E mais intensamente se encontra nos seres superiores, coisa que não ocorre nas plantas, nem nas pedras, ou nos troncos. E entre os seres racionais se encontram constituições, amizades, famílias, reuniões e, nas guerras, alianças e tréguas. E nos seres ainda superiores, inclusive em certo modo separados, subsiste uma unidade, como entre os astros. De igual modo, a progressão para o superior pode produzir simpatia, inclusive entre seres distanciados. Observa, porém, o que ocorre agora: unicamente os seres dotados de inteligência esqueceram agora o afã e a inclinação mútua, e não se nota uma colaboração entre eles. Embora tentem fugir dessa força, são reagrupados, porque prevalece a natureza. E compreenderás se guardares o que digo: é mais fácil encontrar um punhado de terra isolado da terra do que um homem isolado do homem.

10. Produz seu fruto o homem, Deus e o mundo. Cada um o produz em seu próprio tempo. Mas se, habitualmente, esse ditado foi mais utilizado no sentido aplicado às árvores e seus frutos, não tem importância. A razão tem também um fruto comum e particular, e do mesmo fruto nascem outros semelhantes como a própria razão.

11. Se puder, educa o homem; mas se não, recorda que te foi dada a benevolência para este fim. Também os deuses são benévolos com as pessoas com atitudes assim. E em certas facetas colaboram com eles para conseguir a saúde, a riqueza, a fama. Até tal extremo chega a bondade divina! Também você tem esta possibilidade; ou diga-me, quem o impede disso?

12. Não te esforce como um desventurado, nem como quem quer ser compadecido ou admirado; que antes seja teu único desejo agir de acordo com justiça em função do Todo.

13. Hoje me livrei de toda circunstância difícil, melhor dizendo, joguei fora de mim todo problema, porque este não estava fora de mim, a não ser dentro, em meus pensamentos.

14. Tudo é o mesmo e se repete: habitual pela experiência, efêmero pelo tempo e ruim por sua matéria. Tudo se repete como o tempo daqueles que já foram sepultados.

15. As coisas permanecem estáticas fora de nós, fechadas em si mesma, sem saber e sem julgar nada a respeito de si mesma. Quem então as conhece? A razão.

16. O bem e o mal não radicam no sofrimento, a não ser na atividade do ser racional e social, como tampouco sua excelência e seu defeito estão no sofrimento, a não ser na ação.

17. Para a pedra jogada para o alto, a subida e a descida não a prejudica.

18. Penetra em teu guia interior, e verás a que juizes teme, que classe de juizes são respeito a se mesmos.

19. Tudo está em transformação; tu também estás em contínua transformação e, em certo modo, destruição, e igualmente o mundo inteiro.

20. É preciso deixar de lado a falha alheia.

21. A conclusão de uma atividade, repouso de um instinto ou de uma opinião, não são nenhum mal. Passa agora às idades, por exemplo: a infância, a adolescência, a juventude, a velhice; porque também toda mudança destas é uma morte. Acaso é terrível? Passa agora à etapa de tua vida que passou aos cuidados do teu avô; depois sob a autoridade de tua mãe; e a seguir sob a autoridade de teu pai. E ao passares por outras muitas transições, mudanças e interrupções, faça a ti mesmo esta pergunta: Acaso é terrível? Da mesma maneira não será o fim de tua vida, a transformação final?

22. Corre ao encontro de teu ser, do ser do conjunto universal , e do ser que está dentro de cada homem. Do teu, para torná-lo justo e inteligente. Do que corresponde ao conjunto universal, para que rememore de quem fazes parte; do que está nos homens, para que saiba se existir ignorância ou reflexão nele, e lembrar-te que ele é teu irmão.

23. Igual a ti é um membro complementar do sistema social. Assim também toda tua atividade seja complemento da vida social. Por conseguinte, toda atividade tua que não se relacione, de perto ou de longe, com o fim comum, transtorna a vida e não permite que exista unidade, e é caótica, de igual modo é quem retira sua contribuição pessoal à harmonia comum.

24. Aborrecimentos e jogos de meninos, frágeis almas que transportam cadáveres, é o que Homero nos mostra ao vivo na “Evocação dos mortos”.

25. Pensa na qualidade da causa e, isolando-a da matéria, procura contemplá-la em si mesma. Logo observa o tempo máximo que dura o objeto individual.

26. Suportaste uma infinidade de males por não te haveres resignado de desempenhar a função para que foste designado. Dê um basta agora.

27. Sempre que outro te insulte, odeie, ou profira palavras semelhantes, penetra em suas pobres almas, entra nelas e observa que classe de gente são. Verás que não deves te angustiar pelo que eles pensam de ti. Entretanto, terás que ser benevolente com eles, porque são, por natureza, teus amigos. E inclusive os deuses lhes dão ajuda total, por meio de sonhos, oráculos para que, apesar de tudo, consigam aquelas coisas que motivam neles desavenças.

28. As circunvoluções do mundo, de cima abaixo, de século em século são sempre as mesmas. Sendo assim, ou a inteligência do conjunto universal impulsiona a cada um - feito que, se assim for, deves submeter teu coração aos seus desígnios e impulsos - ou de uma só vez deu o impulso, e o restante se seguiu por consequência. Pois, em certo modo, são átomos ou coisas indivisíveis. Em síntese, ou há um Deus inteligente e providente, e tudo está bem, ou tudo se

rege pelo acaso. Não te deixes ser governado pelo acaso. Logo a terra cobrirá a todos nós, logo também ela se transformará e, junto, aquelas coisas se transformarão até o infinito e assim sucessivamente. Levando em consideração o fluxo das transformações e alterações e sua rapidez, todo o mortal é desprezado.

29. A causa do conjunto universal é uma corrente impetuosa. Tudo o arrasta. Quão vulgares são esses homenzinhos que se dedicam aos assuntos da política e imaginam governar como filósofos! Estão cheios de sujeiras! Faz o que agora exige a natureza. , indiferente se alguém saiba ou não. Não tenhas esperança na República de Platão; antes, contenta-te com qualquer progresso, o mínimo que seja, e pensa que este resultado não é uma insignificância. Quem, entretanto, conseguirá mudar a mentalidade dos homens? Não mudando o pensamento deles, o que podes fazer, senão torná-los escravos que gemem e fingem obedecer?

Repara então em Alexandre, Filipe e Demétrio de Falera. Eu lhes seguirei se tiverem compreendido qual é o desejo da natureza comum e se educaram a eles mesmos. Mas se fingirem aparências, ninguém me obrigará a imitá-los. Singela e respeitável é a missão da filosofia. Não me induza à vaidade.

30. Contempla ,como se estivesses de cima esses inumeráveis rebanhos humanos, sua infinidade de ritos e todo tipo de navegação marítima em meio a tempestades e calmarias, diversidade de seres que nascem, convivem e se vão. Reflete também sobre a vida por outros vivida tempo atrás, sobre os que viverão posteriormente a ti e sobre os que atualmente vivem em outros países; e quantos homens nem sequer conhecem teu nome, e quantos o esquecerão instantaneamente; quantos, que talvez agora lhe elogiam,mas em breve te insultarão. Nem a lembrança, nem a fama, nem nenhuma outra coisa que disso sobra de nada vale.

31. Diante de uma causa que provém de algo exterior, mantém a impassibilidade; diante de uma causa que provém de ti, mantém a retidão. Em suma, determinação e ação visando ao bem da sociedade, que é o que pede a tua natureza.

32. Podes acabar com muitas coisas que te afetam, pois muitas dessas coisas se encontram em tuas concepções. E conseguirás, desde este momento, um imenso e amplo campo para ti, abrangendo com o pensamento o mundo todo, refletindo sobre o tempo infinito e pensando na rápida transformação de cada ser em particular. Quão breve é o tempo que separa o nascimento da dissolução, quão imenso é o período anterior ao nascimento e quão ilimitado é, igualmente, o período que se seguirá à dissolução.

33. Tudo o que vês, muito em breve, será destruído; e os que presenciaram a destruição dessas coisas, dentro de muito pouco, serão também destruídos. De nada se avantaja quem morreu na velhice daquele que morreu prematuramente.

34. Que motivação é a desses homens! O que buscam?! Por que razões amam e estimam?!

Observa as suas pequenas almas desnudas. Que presunção, quando pensam em te injuriar ou te favorecer te celebrando!

35. A perda não é outra coisa que uma transformação. E nisso se regozija a natureza do conjunto universal. Segundo ela, tudo acontece para a eternidade. Sempre aconteceu e continuará acontecendo até o infinito. Por que, então, dizes que todas as coisas se produziram mau? Que será sempre assim, que entre tão grande número de deuses, nenhum teve poder para corrigir tais erros , mas sim o mundo está condenado a estar imerso em males incessantes?

36. A parte corruptível da substância de cada ser é água, pó, ossos, fetidez. Os mármores são calosidades da terra; o ouro e a prata são sedimentos; as roupas são como se fossem pelos; a púrpura, sangue, e outro tanto todo o resto. O próprio sopro vital não é diferente, pois que passa de um a outro ser, vitalizando-os.

37. Chega desta vida miserável, de lamentações, de astúcias. O que te perturba? Que novidade há nisso? O que te tira do centro? A causa? Examina-a. A matéria? Examina-a. Fora disso nada existe. Mas, a partir de agora, seja tua relação com os deuses mais singela e melhor. Ter visto tudo isso em cem ou três anos não altera nada.

38. Fora da lei está o mau e é um erro. Mas talvez não haja errado.

39. Tudo provém de uma só fonte inteligente, como se tudo procedesse para um único corpo. Dessa maneira não é preciso que a parte se queixe do que acontece em favor do conjunto universal. Ou só existem átomos, e nenhuma outra coisa a não ser confusão e dispersão. Por que, então, queixa-te? Pergunta à tua alma: “Morreste? Foste destruída? Converteste-te em besta? Interpretas um papel? Formas parte de um rebanho de massas?”

40. Ou nada podem os deuses ou tudo pode. Se efetivamente não têm poder, por que suplicas? E se o têm, por que não lhes pede precisamente que te concedam não temer nada, nem desejar nada, nem te afligir por nenhuma dessas coisas, antes que lhes pedir que te dêem isto ou aquilo? Porque, sem dúvida, se podem colaborar com os homens, também nisso podem colaborar. Mas possivelmente dirás: «Em minhas mãos os deuses depositaram essas coisas.» Então, não é melhor usar o que está em tuas mãos com liberdade que disputar com escravidão e estupidez o que não depende de ti? E quem te disse que os deuses não cooperam tampouco nas coisas que dependem de nós? Começa, pois, a lhes suplicar a respeito destas coisas, e verás. Alguém pede: “Como poderei conseguir aquela mulher?” E tu: “Que nunca eu deseje aquela mulher!” Outro: “Como posso me livrar de fulano?” E tu: “Como me afastar dele?” Outro: “Como não perder meu filhinho?” E tu: “Como não sentir medo de perdê-lo?” Em suma, troca tuas súplicas neste sentido e observa os resultados.

41. Epicuro disse: “Quando estava enfermo, não falava dos meus sofrimentos corporais, nem mesmo com os meus visitantes ,acrescenta, tinha bate-papos deste tipo; mas sim seguia me

ocupando dos princípios relativos a assuntos naturais, e, além disso, de ver como a inteligência, embora participa das comoções que afetam à carne, segue imperturbável atendendo a seu próprio bem; tampouco dava aos médicos, afirma, oportunidade de se exibir de sua contribuição, mas sim minha vida discorria feliz e nobremente." Faze o mesmo, na enfermidade quando estiveres doente, e em qualquer outra circunstância. Porque, manter-se fiel à filosofia em todas as conjunturas, sem desarrazoar como os néscios e os ignorantes, é preceito comum a todas as escolas. Cuida apenas do que no momento fazes e dos meios que empregas para isso.

42. Sempre que tropeçares por conta da imprudência, imediatamente te pergunte: "Pode realmente não haver imprudentes no mundo?" Não é possível. Não peça, pois, impossíveis, porque esse é um daqueles imprudentes que necessariamente deve existir no mundo. Tenha à mão também esta consideração a respeito de uma má pessoa, a uma pessoa desleal e a todo tipo de delinqüente. Pois, no preciso momento que lembrares que a estirpe de gente assim é impossível que não exista, serás mais benévolo com cada um em particular. Muito útil é também pensar em seguida que virtude concedeu a natureza ao homem para remediar essas falhas. Porque lhe concedeu, como antídoto, contra o homem ignorante, a mansidão; e contra outro defeito, outro remédio possível. Dessa forma, procura sempre reconduzir ao bom caminho o transviado, já que quem comete alguma falta afasta de seu objetivo e se desvia da natureza. E no que foste prejudicado? Porque a nenhum desses com dos quais te queixas, poderás culpar por ter tornado a tua alma pior. Só nisso consiste o teu mal e o teu prejuízo. E o que tem de mau ou estranho que a pessoa sem educação faça coisas próprias de um ignorante? Deveria culpar, primeiramente, a ti mesmo por não preveres que ele cometeria uma falta, porque possuías recursos da razão para te certificar de que é natural que esse cometesse tal erro; e apesar de teu esquecimento, surpreende-te do engano. E sobretudo, sempre que censurar a alguém como desleal ou ingrato,

recolha- te em ti mesmo. Porque, obviamente, tua é a falta se acreditares que tal homem possa se manter fiel à sua palavra, ou se lhe pedires um favor, ele o fará de boa vontade sem esperar nenhuma recompensa. Pois, o que mais pode beneficiar um homem ao haver praticado o bem? Não basta apenas agir segundo a sua natureza, mas sim buscas uma recompensa? Como se o olho reclamasse alguma recompensa porque vê, ou os pés porque caminham. Porque, igual a estes membros - que foram feitos para uma função concreta, e ao executar estar de acordo com sua particular constituição, pois cumprem sua missão peculiar - assim também o homem, benfeitor por natureza, sempre que fizer uma ação benéfica ou simplesmente coopere em coisas indiferentes, também obtém seu próprio fim.

# Livro X

1. Ó ,minha alma! Serás algum dia boa, singela, única, pura, mais potente que o corpo que te circunda? Provarás algum dia a disposição que te incitas a amar e a querer? Serás algum dia completa, sem necessidades, sem desejar nada de menos, sem ambicionar nada demais - nem animado nem inanimado - para desfrute de teus prazeres, sem desejar sequer um prolongamento do tempo no transcurso que perdure tua diversão, nem tampouco um lugar, uma região, um ar mais aprazível, nenhuma boa harmonia entre os homens? Estarás conformada com tua presente disposição? Estarás satisfeita com todas tuas circunstâncias presente? Convencerás a ti mesma que tudo vai bem, já que tudo te é enviado pelos deuses, e é sempre um bem o que aos deuses convém promover para a conservação do ser perfeito, bom, belo e justo que gera todas as coisas e a todas contém e recebe ao se dissolverem para se transformarem em outras semelhantes? Será algum dia tal, que possa conviver em harmonia com os deuses e com os homens, até o extremo de não lhes fazer nenhuma censura nem ser condenado por eles?

2. Observa atentamente o que exige tua natureza, na convicção de que só ela te governa; continuando, ponha em prática e aceita isso que te exige desde que não sofra a tua índole de ser vivo. Seguidamente, deves observar o que pede a tua natureza de ser vivo, dessa forma, deves aceitar o que exige, a não ser que corrompa a tua natureza de ser racional, que é também um ser sociável. Sirva-te pois dessas regras e com nada mais te preocupe ou deseje.

3. Tudo o que te acontece poderá ser suportável ou não pela tua natureza. Se, pois, acontece-te algo que por natureza pode suportar, não te incomodes; ao contrário, já que tem dotes naturais, suporta-o. Mas se te acontece algo que não pode por natureza suportar, tampouco te incomodes, pois antes te consumirá. Entretanto, tenha consciência de que possuis dotes naturais para suportar tudo aquilo que tua opinião entender como suportável, convencendo-te de que nisso reside o teu interesse e o teu dever.

4. Se alguém comete um deslize, instrua-o benevolamente e lhe indique sua negligência. Mas se for incapaz, recrimina a ti mesmo - ou nem a ti mesmo.

5. Algo que te aconteça, desde a eternidade, já estava preestabelecida para ti. E tudo que te aconteça provém do encadeamento de causas.

6. Existam átomos ou natureza, admita-se de entrada que sou parte do conjunto universal que governa a natureza; logo, sou parente das outras partes que a mim se assemelham. Porque,

tendo isto presente, em tanto que sou parte, não me contrariarei com nada do que me é atribuído pelo conjunto universal. Porque este nada tem que não convenha a si mesmo, dado que todas as naturezas têm isto em comum e, entretanto, a natureza do mundo se adotou o privilégio de não ser obrigada por nenhuma causa externa a gerar nada que a si mesmo prejudique. Precisamente, tendo isto presente, ou seja, que sou parte de um conjunto universal de tais características, acolherei com prazer todo sucesso. E na medida em que tenho certo parentesco com as partes de minha mesma condição, nada contrário ao conjunto executarei, mas sim ao bem meu objetivo tenderá para meus semelhantes. E para o que é proveitoso ao todo, encaminharei todos meus esforços, abstendo- me do contrário. E se assim se cumprem estas premissas, forçosamente, minha vida terá um curso feliz, do mesmo modo que também conceberias próspera a vida de um cidadão que transcorresse entre atividades úteis aos cidadãos e que aceitasse gostosamente o encargo que a cidade lhe atribuísse.

7. É necessário que se destruam as partes do conjunto universal, que, pela natureza, foram colocadas no mundo. Quero dizer com isso que serão alteradas. E se por natureza for um mal esta alteração para aquelas partes, não discorreria bem o conjunto universal, dado que suas partes tenderiam a alterar-se e estariam dispostas de diversas maneiras a serem destruídas. Acaso a natureza, por si mesma, tratou de machucar as suas próprias partes, deixando-as expostas a cair no mal e inclinadas necessariamente a fazer o mal, ou lhe surgiram assim sem dar-se conta? Nenhuma nem outra coisa merece crédito. Se alguém explicasse estas coisas a tenor de sua constituição natural, seria ridículo que manifestasse que as partes do conjunto universal nasceram de uma vez para transformar-se e, ao mesmo tempo, o que fique surpreso com o que acontecesse, ou se irritasse disso, sobre tudo, quando a dissolução se produz com vistas à libertação dos elementos constitutivos de cada ser. Pois ou se trata de uma dispersão de elementos, a partir dos quais foi composto, ou é uma volta do que é sólido em terra, pelo que é rarefeito em ar, de modo que estes elementos possam ser reassumidos na razão do conjunto universal, para que os consuma o fogo, caso o universo seja sujeito a incinerações periódicas, ou os aproveite a renovação, caso ele seja contínuo e eterno. E não imagines que os elementos físicos e o teu sopro vital foram provenientes de tua mãe; ambos provem dos alimentos que absorvessem ou do ar que respiraste. O que se transforma é o que da natureza provém, e não do que tua mãe gerou. Mesmo supondo que tua personalidade fique presa ao que veio de tua mãe, o teu ser não se enfraquece.

8. Depois de merecer tais epítetos: bom, reservado, veraz, prudente, resignado, magnânimo, procura não trocar nunca de nome, e, se perderes ditos nomes, empreende um resgate a toda pressa. E tenha presente que o termo “prudente” significa em ti a atenção para captar cabalmente cada coisa e a ausência de negligência; o termo “resignado”, a voluntária aceitação do que atribui a natureza comum; “magnânimo”, a supremacia do espírito sobre as convulsões suaves ou violentas da carne, sobre a vangloria, a morte e todas as coisas desta índole.

Portanto, se aposse destes nomes, sem desejar ser chamado assim por outros, serás diferente e entrarás em uma vida nova. Porque, continuar sendo o que foste até agora, e em uma vida como esta, ser desgarrado e impuro é muito próprio de um ser insensato, apegado à vida e semelhante aos gladiadores devoradores que, coberto de feridas e de sangue misturado com pó, apesar disso, suplicam que os deixem viver para o dia seguinte, a fim de serem jogados no mesmo estado às mesmas garras e mordidas das feras. Busca, pois, a obtenção destes poucos nomes. E se consegues permanecer neles, fica onde estás , como transportado a umas ilhas dos bem-aventurados. Mas se fracassas e percebes que não os possuis, busca impetuosamente algum retiro onde possa reconquistar De outra feita, sai de vez da vida, não enfurecido, mas simples, livre e modestamente, tendo feito ao menos uma boa coisa na tua existência: essa partida. Para jamais esqueceres essas virtudes, será muito útil a lembrança dos deuses, que não gostam que os bajulem, mas sim, que os imitem os seres racionais. Assim, que a figueira se conduza como figueira, o cão como cão, o homem como homem.

9. A farsa, a guerra, o temor, a estupidez, a escravidão irão apagando, dia a dia, aqueles princípios sagrados que tu, homem estudioso da natureza, imaginas e acatas. É preciso que olhes o todo e faça de tal modo, que simultaneamente cumpra o que é dificultoso e de uma vez ponha em prática o teórico; e conservando em ti, íntima porém visível, a satisfação que vem do conhecimento de cada coisa. Porque, quando gozarás da simplicidade? Quando da gravidade? Quando do conhecimento de cada coisa? E quando poderás discernir o que é em essência cada coisa que compõe o mundo e quanto tempo está disposto pela natureza e que elementos a compõem? A quem pode pertencer? Quem pode outorgá-la e tirá-la?

10. Uma pequena aranha se orgulha de ter caçado uma mosca; outro, uma lebre; outro, uma sardinha na rede; outro, leitões; outro, ursos; e o outro, Sármatas. Não são todos eles uns bandidos, se examinar atentamente seus princípios?

11. Adquire um método para contemplar como todas as coisas se transformam umas nas outras; e sem cessar , aplica e exercita a filosofia, já que nenhuma outra eleva a alma. Quem se dedica como quem se despiu de seu corpo, considerando que dentre e breve deverá abandonar todas estas coisas e afastar-se dos homens, entrega-se inteiramente à justiça nas atividades que dependem dele, e à natureza do conjunto universal. O que se dirá dele, ou o que se imaginará, ou o que se fará contra ele, não o preocupa, pois só estas duas coisas busca: fazer com retidão o que atualmente lhe compete e amar a parte que agora lhe atribuída, renunciando a toda atividade e afã. E não quer outra coisa que não seja cumprir com retidão segundo a lei e seguir a Deus que se movimenta pelo reto caminho.

12. Que necessidade de receios, quando te é possível examinar o que deves fazer? Caso veja em o rumo, caminha por este caminho tranquilamente e sem desvios ou receios. Mas, caso contrário, detenha e recorre aos mais sábios; e acaso outras diversas travas criem obstáculos à

missão a que te conduz, segue adiante segundo os recursos ao teu alcance, tendo presente em teus cálculos o que te parece justo. Porque o melhor é alcançar este objetivo, e o contrário é causa de todos os males. Tranquilo e entretanto resoluto, alegre e entretanto sério é aquele que segue sempre a razão.

13. Assim que acordares, pergunta-te: “Importa-te que outro te reprove ações justas e boas?”. Não te importará. Tem esquecido como esses que alardeiam com louvores e censuras a outros se comportam na cama e na mesa, que coisas fazem, o que evitam, o que perseguem, o que roubam, o que arrebatam - não com suas mãos e pés a não ser com a parte mais valiosa de seu ser, da que nascem confiança, pudor, verdade, lei e uma boa consciência?

14. À natureza que tudo dá e tudo toma, diz o homem educado e respeitoso: “dê-me o que queira, recupera o que queira”. E não o diz com orgulho, senão com submissão e benevolência.

15. Pouco tempo te resta. Vive como numa montanha, pois nada importa o ali ou aqui, ou em qualquer parte mundo, como numa cidade. Que os homens observe e estudem um homem que vive de verdade em consonância com a natureza. Se não lhe suportarem, que lhe matem. Porque melhor morre do que viver uma vida igual a sua.

16. Não siga discutindo a respeito de que tipo de qualidades deve possuir um homem de bem, mas trata de sê-lo.

17. Imagina sem cessar a eternidade em seu conjunto e a substância, e que todas as coisas em particular são, em relação à substância, como um grão infinitesimal; e a respeito do tempo, como um giro de uma broca.

18. Detenha em cada uma das coisas que existem, e concebe-a já em estado de dissolução e transformação, e como evolui à putrefação ou à dispersão. Considera que cada coisa nasceu para morrer.

19. Como são os homens quando comem, dormem, quando dormem com uma mulher, e quando se entregam às necessidades animais! Logo, como são quando se mostram altivos e orgulhosos, ou quando se zangam e, apoiando-se em sua superioridade, humilham a outros. Há pouco tempo eram escravos de quantos senhores e por que motivos. E dentro de pouco se encontrarão em circunstâncias parecidas.

20. Convém a cada um o que lhe contribui a natureza do conjunto universal, e convém precisamente no momento em que aquela o contribui.

21. A terra deseja a chuva; deseja- a também o venerável ar. Também o mundo deseja fazer o que deve acontecer. Digo, pois, ao mundo: Meus desejos são os teus. Não o diz aquela frase proverbial: “isso deseja chegar a ser”?

22. Ou vive aqui, por já está acostumado; ou te afasta, que é o que querias; ou morre, se

cumpriste tua missão. Fora disso, nada mais existe. Por conseguinte, tenha bom ânimo.

23. Que fique claro para ti que a vida não seria melhor nos campos, ou nas campinas; e como tudo o daqui é igual ao que está no campo ou no monte ou na costa ou onde queira. Acabarás concordando coma as palavras de Platão: "...num palácio como numa cabana na montanha, tirando leite das ovelhas...".

24. O que significa para mim meu guia interior? E o que faço dele agora, e para que o utilizo atualmente? Por ventura está vazio de inteligência, desvinculado, e separado da sociedade, fundido e misturado com a carne, até o ponto de poder modificar-se com esta?

25. Quem foge do seu senhor é um desertor. A lei é nosso senhor, e quem a transgride é um desertor. E de uma vez, também quem se aflige, irrita ou teme, e não aceita o que tenha lhe acontecido pela lei, também é um desertor.

26. O pai depositou o sêmen no útero e se retirou; a partir deste momento outra causa interveio elaborando e aperfeiçoando o feto. Que causa, de que origem?Depois a criança deglute o alimento: outra causa intervém e produz a sensação, o instinto e, em uma palavra, a vida. Contempla tais maravilhas, que se processam ocultamente, reconhece o poder que as opera, como reconhecemos o que faz cair ou erguer os corpos, embora seja evidente que com os olhos nada disso vemos.

27. Reflete que tudo que agora está feito, antes também se fez e sempre se fará. Ponha diante dos olhos os dramas e cenas semelhantes que conheceste por própria experiência ou por narrações históricas mais antigas, como, por exemplo, toda a corte de Adriano, toda a corte de Antonino, toda a corte de Filipe, de Alexandre, de Crésus. Todos aqueles espetáculos tinham as mesmas características, só que com outros atores.

28. Todo homem que se aflige ou se revolta parece-te como um leitão que se debate e grunhe ao ser imolado. Pois se iguala aquele que, sozinho, em seu leito, em voz baixa se lamenta dos laços que o prendem. Pensa que só ao ente racional foi dado obedecer voluntariamente, conquanto seja imperativo obedecer simplesmente.

29. Detenha particularmente em cada uma das ações que praticas e te pergunte se a morte for terrível porque te priva disso.

30. Sempre que uma falta de alguém te escandalizar, pensa que falta semelhante cometeste; por exemplo, ao considerar que o dinheiro é um bem, ou o prazer, ou a fama, ou outras coisas deste estilo. Porque se assim agires, rapidamente esquecerás a irritação, e então dareis conta de que ele foi forçado a fazer isso. E o que pode fazer? Se puderes fazer algo, livra-o do que o obriga.

31. Ao ver Sátiro, Eutiquio ou Himenio, evoca um socrático; e ao ver Eufrates, imagina Eutiquio ou Silvano; ao ver o Aleifrônio, imagina Tropeóforo; e ao ver Xenofonte, imagina

Critão ou Severo; volta também os olhos sobre ti mesmo e imagina a um dos Césares; e sobre cada um deles imagina no se assemelhas. Continuando, sobrevenha a seu pensamento a seguinte consideração: Onde estão estes homens? Em nenhuma parte ou em qualquer lugar. Pois desta maneira concluirás constantemente que as coisas humanas são fumaça e nada mais. Mesmo assim recorda-te de que quem uma vez se transformou jamais, em todo o tempo infinito, voltará ao que era. Então, por que te atormentas? Não te é suficiente atravessar dignamente o curto espaço que te foi concedido? Quantas vezes deixaste de agir e refletir! Porque, o que é tudo a não ser exercícios da razão que viu ,exatamente, segundo a ciência da natureza, as vicissitudes da vida? Persiste, pois, até que te tenha familiarizado também com estas considerações, como o estômago forte assimila todos os mantimentos e como o fogo brilhante reduz a chama e resplendor algo que lhe jogue.

32. Que ninguém possa dizer-te, verdadeiramente, que não és um homem singelo e bom. Pelo contrário, quem blasfemar contra ti, que seja tido com um mentiroso. Tudo isto só depende de ti. Pois quem te impede de ser singelo e bom? Se, todavia, não o puderes ser, não queira mais viver, já que nem a razão na vida te reterá.

33. Em minhas atuais circunstâncias, que de melhor se pode dizer ou fazer? Porque, seja o que for, é possível fazê-lo ou dizê-lo, e não alegues obstáculos, nunca. Não cessarás de gemer até que tenhas consciência de que igual à brandura corresponde aos que se entregam aos prazeres. Incumbe-te de fazer o que é próprio da condição humana. Porque é preciso considerar como desfrute tudo o que te é possível executar de acordo com a tua particular natureza; e em todas partes te é possível. Em efeito, não se permite ao cilindro desenvolver sempre seu movimento particular, tampouco lhe permite à água, nem ao fogo, nem a outros objetos que são regidos por uma natureza ou alma irracional. Porque são muitas as travas que os retêm e contêm. Entretanto, a inteligência e a razão podem transpassar todo obstáculo de conformidade com seus dotes naturais e seus desejos. Ponha diante dos olhos esta facilidade, segundo a qual a razão cruzará todos os obstáculos em qualquer direção, seja igual ao fogo que sobe, a pedra que cai, ao cilindro que se desliza por um eixo, e nada a impede de seguir. Porque os obstáculos pertencem somente ao corpo, esse cadáver, que se não fosse a opinião ou a razão que o sustentasse, o que seria? Se não fosse assim, seriam corrompidos aqueles que fossem vitimados, como acontece com todas as outras produções da natureza ou da arte, que os acidentes deterioram. Ao contrário, o homem fica mais digno quando faz uso dos obstáculos com os quais se deparam, sejam eles quais forem. Em suma, lembra-te que nada é nocivo ao cidadão que não seja nocivo à cidade, e que nada é nocivo à cidade que não seja também nocivo à lei, e que a adversidade em nada ofende à lei. Não a ofendendo, não ofende a cidade e tampouco ao cidadão.

34. Aquele que foi tocado pelos verdadeiros princípios, basta uma simples palavra e a mais coloquial para lhe dissipar a tristeza e o temor. Por exemplo: “Derruba pelo chão o vento as

folhas, assim também a geração dos homens". Também são folhas caídas teus filhos; folhas caídas deste mudo são também estes pequenos seres que te clamam sinceramente e te exaltam ou ,pelo contrário, te amaldiçoam, ou em segredo te censuram e te burlam; e também são folhas caídas os que celebrarão a fama póstuma. Porque tudo isto "ressurge na estação primaveril". Logo, o vento as derruba; continuando, outras folhas brotam em substituição daquelas. Comum a todas as coisas é a fugacidade. São efêmeras todas as coisas, mas tu, entretanto, as evitas ou as buscas como se fossem eternas. Um pouco mais e ficarás cego. E ao que te prantear, logo outro pranteará.

35. É preciso que o olho são veja todo o visível e não diga: "quero que isso seja verde". Porque isto é próprio de um homem doente da visão. E o ouvido e o olfato sãs devem estar dispostos a perceber todo som e todo aroma. E o estômago são deve digerir todos os alimentos, da mesma maneira como um moinho que tritura os grão que lhe foi concedido a moer. Por conseguinte, também a inteligência sã deve estar disposta a confrontar tudo o que lhe sobrevenha. E quem diz: "Que se salvem os meus filhos" e "Que todos elogiem o que faço" é como um olho que busca o verde, ou um dente que reclama mastigar.

36. Ninguém é tão afortunado que, no momento da morte, ninguém se regozije desse momento. Era diligente e sábio. Em último término haverá algum que diga para si: "Enfim, iremos respirar livres deste mestre". "Certamente, com nenhum de nós era severo, mas no seu íntimo censurava-nos". Isso nota-se a um homem diligente. Quanto a nós, quantos motivos não há para que mais de um queira se ver livre de nós! Esta reflexão farás perto da morte, e te despedirás deste mundo com ânimo bastante mais plácido se te fizer essas considerações: "Deixo uma vida na qual até meus concidadãos, por quem tanto trabalhei, tantos votos fiz, tantos cuidados passei, chegam a desejar a minha ausência, esperando que dela lhes venha algum proveito". Então, qual motivo me faz demorar mais aqui? Mas não por isso deves ser menos benevolente com eles; antes bem, conserva teu próprio caráter: amistoso, benévolo, favorável, e não, ao contrário, como se fosse arrancado daqui, mas sim, do mesmo modo que em uma boa morte a alma se desprende facilmente do corpo, assim também deves preparar-te tua viagem daqui. Porque foi com eles que a natureza te uniu. "Mas agora te separa deles". Separo-me de meus íntimos sem oferecer resistência, sem violência. Porque também isto é um dos fatos conforme à natureza.

37. Em toda ação feita por qualquer um, acostume- te, na medida de tuas possibilidades, a perguntar-te: "Com que finalidade realiza essa ação?". Mas começa primeiro contigo mesmo. Examina primeiro as tuas ações.

38. Tenha presente que o que te move como uma boneco é certa força oculta em seu interior; esta força é a eloqüência, é a vida, é, se terá que dizê-lo, o homem. Nunca imagina confundida com o recipiente que a contém nem com os membros modelados em torno dele. Porque são

semelhantes aos pequenos arranjos, e unicamente diferentes, em tanto que são inatos. Porque nenhuma utilidade se deriva destas partes sem a causa que os move e dá vigor superior, assim como a lançadeira sem a tecelã, o lápis sem o escritor e o chicote sem o cocheiro.

# Livro XI

1. As propriedades da alma racional são estas: ver a si mesma; analisar a si mesma; tornar-se o que quiser ser; recolher, ela mesma, o próprio fruto que produz (porque os frutos das plantas e os produtos dos animais são recolhidos por outros). Alcançar teu próprio fim, em qualquer momento que a tua vida termine. Quando cortada, toda ação fica defeituosa, tanto nas danças, nas comédias e outras representações. Mas a alma, em qualquer momento que a morte a surpreenda, terá sempre cumprido e completado o seu objetivo: "Tenho tudo o que me pertence". Mais ainda percorre o mundo inteiro o vazio que o circunda e sua forma; estende-se na infinidade do tempo, acolhe em torno dele o renascimento periódico do conjunto universal, calcula e se dá conta de que nada novo verão nossos descendentes, e tampouco igual viram nossos antepassados de extraordinário, tanto é que, de certo modo, o homem que viveu quarenta anos, por pouca inteligência que tenha, viu todo o passado e o futuro segundo a uniformidade das coisas. Próprio também da alma racional é amar ao próximo, como também a verdade e o pudor, e não superestimar nada por cima de si mesmo, característica também própria da lei. Portanto, como é natural, em nada diferem a reta razão e a razão da justiça.

2. É necessário que desprezes as delícias do canto, da dança, da ginástica, caso decomponhas, por exemplo, a voz harmoniosa em seus sons e, a cada um, indagares: "Será que este me encanta?", pois te envergonharás conhecê-lo. Igualmente se decompuseres a dança em seus movimentos, em suas diversas posturas, e fizeres o mesmo com os exercícios da ginástica. Consequentemente em tudo, salvo na virtude e no que dela vem, lembra-te de percorrer uma por uma as partes para ver como valem pouco. Aplica essa regra para toda a vida.

3. Que alma se encontra preparada para se separar do corpo, ou extinguir-se, ou dispersar-se, ou entrar numa outra existência?! Mas esta disposição, que proceda de uma decisão pessoal, e não de uma simples imposição, como os Cristãos, a não ser fruto de uma reflexão, de um modo sério e sem teatralidade para convencer a outros.

4. Realizei algo útil à comunidade? Ou só a mim mesmo servi? Sempre reflita sobre estas duas idéias para te ajudar a perseverar no bem.

5. Qual é teu ofício? Ser um homem de bem. E como se consegue sê-lo, a não ser mediante as reflexões, umas sobre a natureza do conjunto universal, e outras, sobre a constituição peculiar do homem?

6. Em primeiro lugar, foram encenadas as tragédias para representar os acontecimentos

humanos e como são naturais na vida, e também para que não lhes aflijam num cenário maior com os dramas que os seduziram nas cenas. Porque se vê a necessidade de que isto acabe assim, e que o suportam quem grita: “Ó Citero!”. E dizem os autores de dramas algumas máximas úteis. Por exemplo: “Se meus filhos e eu fomos abandonados pelos deuses, também isso tem sua justificativa”. E esta outra: “Não irritar-se com os fatos”. E: “Ceifar a vida como uma espiga fecunda”, e outras tantas máximas semelhantes. E depois da tragédia, representou-se a comédia antiga, que contém uma liberdade de expressão instrutiva e nos sugere, por sua própria franqueza, não sem utilidade, evitar a arrogância. Com vistas a um pouco parecido, em certo modo, também Diógenes se utilizou dela. Reflita por que foi acolhida a comédia que chamamos de média, e mais tarde, a nova, que, em pouco tempo, acabou sendo artificiosa imitação. Que seus autores disseram coisas úteis é inegável. Mas qual a finalidade dessa poesia, dessas composições dramáticas?

7. Como fica evidente o fato de que não existe outra situação tão adequada para a prática da filosofia como essa em que agora te acha!

8. Um ramo que se separa do seu vizinho, também se separa da árvore inteira. De igual modo, um homem, ao ficar separado de um homem, ficou excluído da humanidade inteira. Em efeito, um ramo é arrancado por alguém, enquanto o homem se separa ele mesmo de seu vizinho quando lhe odeia e sente aversão, e não se dar conta de que se afastou ao mesmo tempo da sociedade inteira. Mas ao menos existe aquele dom de Júpiter, que construiu a comunidade, posto que nos é possível nos unir de novo com o vizinho e ser novamente uma das partes que ajudam a completar o conjunto universal. Entretanto, se muitas vezes se der tal separação, resulta difícil unir e restabelecer a parte separada. Em suma, não é igual o ramo que, desde o começo, germinou e seguiu respirando com a árvore, e aquele que se enxerta na árvore, alterando-lhe a forma, porque fora cortado uma vez.

9. Aqueles que são obstáculos à tua reta razão não poderão te impedir de agir, nem te induzir a desviar-te da prática do bem. Pelo contrário, mantém-te firme em relação a ambas as coisas : não só mantendo-se inabalável na firmeza de teus juízos e atos, como também na mansidão com os que tentam te pôr dificuldades, ou te incomodam. Porque é também sinal de debilidade zangar-se com eles, e de igual modo o ceder e acovardar, pois aquele que se amedronta e o que renega seus naturais parentes e amigos, são ambos desertores.

10. Nenhuma natureza é inferior à arte, porque as artes imitam as naturezas. E se assim é, a natureza mais perfeita de todas e a que abrange mais estaria a uma altura superior à engenhosidade artística. E certamente todas as artes fazem o inferior com vistas ao superior. portanto, também procede assim a natureza universal, e precisamente aqui nasce a justiça e desta procedem as demais virtudes. Porque quem não for indiferente às coisas sem importância, quem se deixar levar pelas aparências, quem for precipitado ou leviano em seus

julgamentos, não pode ser considerado justo.

11. Não são as coisas que te perturbam com temor e cobiça que te buscam, mas és tu que as buscas. Se com serenidade contemplares, também essas coisas se tranqüilizarão, e não serás mais atormentado pelo temor e a cobiça

12. A esfera da alma é semelhante a si mesma, quando não se estende em busca de algo exterior, nem se emaranha em si mesma, nem se dispersa, nem se retrai, mas brilha com uma luz graciosa que contempla a verdade de todas as coisas em seu interior.

13. Alguém me desprezará? Ele verá. Eu, da minha parte, estarei à expectativa para não ser surpreso fazendo ou dizendo algo merecedor de desprezo. Ele me odiará? Ele verá. Mas eu serei benévolo e afável com todo mundo, e inclusive com ele mesmo estarei disposto a lhe demonstrar o seu erro, sem insolência, sem tampouco fazer alarde de minha tolerância, a não ser sincera e amigável como o ilustre Fócion, se é que ele não o fazia por alarde. Pois tais sentimentos devem ser profundos e os deuses devem ver um homem que não se indigna por nada e que nada leva a mau. Porque, que mal te sobrevirá se fizer agora o que é próprio de tua natureza e aceita o que é oportuno agora à natureza do conjunto universal, tu, um homem que aspira a conseguir pelo meio que seja o que convém à comunidade?

14. Desprezando-se mutuamente, lisonjeiam-se uns aos outros, e querendo alcançar a supremacia mutuamente, cedem-se o passo uns aos outros.

15. Dizer a alguém: “resolvi ser franco contigo” é uma corrupção, pura hipocrisia. Que fazes, homem? Para que esse preâmbulo? Pelas provas será comprovado, sem necessidade de palavras. Na tua fronte está inscrita o que dizes, pois é coisa de tal natureza que transparece nos olhos, no simples olhar. O home bom e virtuoso é percebido assim que se aproxima, quer queira ou não. Mas a afetação da simplicidade é uma arma de duplo fio. Nada é mais abominável que a amizade do lobo. Acima de tudo evita isso. O homem bom, singelo e benévolo tem estas qualidades nos olhos e não as ocultam.

16. Viver da maneira mais formosa. Essa faculdade radica na alma, caso seja indiferente às coisas indiferentes. E permanecerás indiferente, sempre que observares cada uma delas em separado. E em conjunto, tendo presente que nenhuma nos imprime uma opinião a respeito dela, nem tampouco nos sai ao encontro, mas sim estas coisas permanecem quietas, e nós somos quem produz os julgamentos sobre elas mesmas e, por assim dizê-lo, gravamo-las em nós mesmos, sendo possível também não gravá-las, se o fizemos inadvertidamente, nos sendo possível as apagar imediatamente. Porque será pouco duradoura semelhante atenção, e a partir desse momento terá terminado a vida. Mas, o que tem de mau que essas coisas sejam assim? Se, pois, é acorde com a natureza, te alegre com isso e seja fácil para ti. E se for contrário à natureza, indaga o que te corresponde de acordo com sua natureza e te trabalhe em excesso em

buscá-lo, embora careça de fama. Pois toda pessoa que busca seu bem particular tem desculpa.

17. De onde veio cada coisa e de que elementos está formada, e no que se transforma, e como será, uma vez transformada, e como nenhum mal sofrerá.

18. E em primeiro lugar, qual a minha opinião em relação aos homens. Pois nascemos uns para os outros, e eu pessoalmente nasci, por outra razão, para me pôr à frente deles, como o camelo está à frente do rebanho e o touro à frente da vacaria. E te remonte mais acima partindo desta consideração: "Se não são os átomos, é a natureza que governa o conjunto universal." Se for assim, os seres inferiores por causa dos superiores, e estes uns para os outros. E em segundo lugar, como se comportam na mesa, na cama e no resto. E, sobretudo, que necessidades suas opiniões os escravizam, e de quais vaidades precisam! Em terceiro lugar, se com retidão fazem isto, não terás que incomodar-te, mas se não for assim, evidentemente o fazem contra sua vontade e por ignorância. Porque toda alma se priva contra sua vontade tanto da verdade como também de comportar-se em cada situação segundo seu valor. Por conseguinte, é pesado ouvir deles chamados injustos, insensatos, ambiciosos e, em uma palavra, capazes de faltar ao próximo. Em quarto lugar, que também tu cometes numerosas falhas e é uma característica também tua. E, embora é verdade que te abstém de certas faltas, tem, entretanto, uma disposição que te induz a cometê-las, embora por covardia, orgulho ou algum defeito te abstenha das mesmas. Em quinto lugar, nunca se sabe o certo quando os homens cometem erros, pois muitas de suas ações, que parecem perversas, são feitas com boas intenções, ou pelo menos sem más intenções. É preciso conhecer várias circunstâncias antes de te pronunciares com segurança contra uma falta alheia. Em sexto lugar, pensa que a vida do homem é muito curta e dentro de pouco tempo, todos estaremos enterrados. Em sétimo lugar, que não nos incomodam ações alheias, pois ficam com seus agentes, a não ser nossas opiniões. Elimina, pois, e seja teu propósito te desprender do julgamento, como se tratasse de algo terrível, e livra-te da cólera. Pensando que não te prejudica o que fazem os outros. Além de teu próprio vício, se alguma coisa te pudesse prejudicar, muitos erros forçosamente cometerias, serias um bandido, capaz de praticas vários crimes. Em oitavo lugar, quantas dificuldades nos procuram os atos de cólera e as aflições que dependem de nós que aquelas mesmas coisas pelas que nos encolerizamos e afligimo-nos. Em nono lugar, que a benevolência seria invencível se fosse nobre e não zombadora nehum hipócrita. Porque, o que te faria o homem mais insolente, se fosses benévolo com ele e se, dada a ocasião, exortasse-lhe com doçura e lhe lecionasse pacificamente no preciso momento em que trata de te fazer um mal? "Não, filho; nascemos para outra coisa. Não temo que me danifique, é tu quem te prejudicas, filho." E lhe demonstre com delicadeza e inteiramente que isto é assim, que nem sequer o fazem as abelhas, nem tampouco nenhum de quão animais nasceu para viver em manada. E deve fazê-lo sem ironias nem recriminações, a não ser com carinho e sem exacerbação de ânimo, e não como na escola, nem tampouco para que outro que se encontra a seu lado, admirem. Antes bem, dirija-te a ele

exclusivamente, inclusive no caso de que outros lhe rodeiem. Lembra-te destes nove preceitos capitais como dons recebidos das musas, e começa algum dia a ser homem, em tanto vivas. Deves te guardar por igual de te encolerizar com eles e de lhes adular, porque ambos os vícios são contrários à sociabilidade e comportam dano. Recorda nos momentos de cólera que não é viril irritar-se, mas sim o é a tranqüilidade e a serenidade que, ao mesmo tempo que é mais própria do homem, é também mais viril; e participa o homem do vigor, dos nervos e valentia, não o que se indigna e está descontente. Porque quanto mais familiarizado esteja com a impassibilidade, tanto maior é sua força. E igual à aflição é sintoma de debilidade, assim também a ira. Porque em ambos os casos estão feridos e cedem. E se quiser, toma também um décimo bem do Musageta: que é próprio de loucos não admitir que os malvados cometam faltas, porque é uma pretensão impossível. Entretanto, convir que se comportem assim com outras pessoas e pretender que não faltem contigo, é algo absurdo e próprio de tirano.

19. Principalmente devemos guardamo-nos, sem cessar, de quatro separações do guia interior; e quando as descobrir, deves apartá-las falando com cada uma delas nestes termos: “Esta idéia não é necessária, esta é degradante da sociedade, esta outra que vais manifestar não surge de ti mesmo”. Porque manifestar o que não provém de ti mesmo, considera-o entre as coisas mais absurdas. E a quarta separação, pela que reprovarás a ti mesmo, consiste em que a parte mais divina que se acha em ti, esteja submetida e inclinada à parte menos valiosa e mortal, a de teu corpo e de teus rudes prazeres.

20. Todo calor e éter que em ti há, embora por natureza tendem a elevar-se, estão, entretanto, submissos à ordem do conjunto universal, reunidos em teu corpo. E todo o terrestre e aquoso que se encontra em ti, apesar de que tende para baixo, entretanto, levanta-se e mantém em pé em sua posição não natural. Assim, pois, também os elementos estão submetidos ao conjunto universal, uma vez lhes atribuiu um posto em algum lugar, e ali permanecem até que desde aquele lugar seja indicada de novo o sinal de dissolução. Não é terrível, pois, que só sua parte mental seja desobediente e se indigne com a posição que lhe atribuiu? E na verdade nada violento lhe atribui, a não ser exclusivamente tudo aquilo que é para essa parte mental conforme à natureza. Mas não só não o tolera, mas também se encaminha ao contrário. Porque o movimento que a alça aos atos de injustiça, ao desenfreio, à ira, à aflição, não é outra coisa que dum defeito da natureza. Também, quando o guia interior está afetado com algum dos acontecimentos, abandona seu posto, porque foi constituído não menos para a piedade e o respeito aos deuses que para a justiça. Porque estas virtudes constituem e formam a sociabilidade e som mais veneráveis que as ações justas.

21. Quem não tem um só e único objetivo na vida, é impossível que persista durante toda ela em unidade. Não basta o dito, se não acrescentar isto: Qual deve ser esse objetivo? Porque, do mesmo modo que não é igual a opinião relativa a todas as coisas que parecem, em certo modo, boas ao vulgo, a não ser unicamente a respeito de algumas, como, por exemplo, as referentes à

comunidade, assim também terá que propor-se como objetivo o bem comum o cidadão. Porque quem represa todos seus impulsos particulares a esse objetivo, corresponderá com ações semelhantes, e segundo isso, sempre será o mesmo.

22. O camundongo do monte e o da cidade; seu temor e sua confusão.

23. Sócrates chamava as crenças do vulgo de espantalhos de meninos.

24. Os lacedemônios, em suas festas, estavam acostumados a colocar os assentos para os estrangeiros à sombra, mas eles se sentavam em qualquer sítio.

25. Sócrates explica ao Perdicas que o motivo de não ir a sua casa era: "para não perecer a morte mais desgraçada", quer dizer, por temor a não poder corresponder com os mesmos favores que lhe teria dispensado.

26. Nos escritos dos efésios se encontrava uma máxima: "recordar constantemente a qualquer de como antigos praticaram a virtude".

27. Os pitagóricos aconselhavam elevar os olhos ao céu ao amanhecer, a fim de que recordássemos aos que cumprem sempre segundo as mesmas normas e de igual modo sua tarefa, e também sua ordem, sua pureza e sua nudez; pois nada envolve aos astros.

28. Qual Sócrates envolto em uma pele, quando Xantipa tomou seu manto e saiu. E o que disse Sócrates a seus companheiros ruborizados e que se apartaram, quando lhe viram assim vestido.

29. Na escritura e na leitura não iniciará a outro antes de ser você iniciado. Isto mesmo ocorre muito mais na vida.

30. "Escravo nasceste, não te pertence a razão".

31. "Meu querido coração sorriu".

32. "Censurarão a virtude proferindo palavras insultantes".

33. "Pretender um figo no inverno é de loucos. Tal é o que busca um filho, quando, ainda, não é tempo".

34. Ao beijar teu filho, dizia Epíteto, deve dizer-te: "Amanhã talvez morra." "Isso é mau presságio". "Nenhum mau presságio, respondeu, a não ser a constatação de um fato natural, ou também é mau presságio ter segado as espigas."

35. "Uva verde, uva amadurecida, passa, tudo é mudança, não para o não ser, a não ser para o que agora não é".

36. "Não se chega a ser bandido por livre intuito." A máxima é do Epíteto.

37. "É preciso, disse, encontrar a arte de assentir, e no terreno dos instintos, velar pela

faculdade da atenção, a fim de que com reserva, úteis à comunidade e acordes com seu mérito, controlem-se em seus impulsos e não sintam aversão por nada do que não depende de nós.”

38. “Não trata, em efeito, o debate de um assunto de azar, disse, a não ser a respeito de estar loucos ou não.”

39. Dizia Sócrates: “O que querem? Ter almas de seres racionais ou irracionais? De seres racionais. De que seres racionais? Sãs ou maus? Sãs. por que, pois, não as buscam? Porque as temos. Por que então lutam e disputam?”

# Livro XII

1. Todos os objetivos que desejas alcançar em teu progresso, podes já os ter se não prejudicar a ti mesmo. Quer dizer: caso abandones todo o passado, deposita na providência o futuro e cuida apenas do presente, segundo as regras da piedade e da justiça, exclusivamente. Para a piedade, que ame o destino que te foi atribuído, pois a natureza te proporcionava isso e foste escolhido para isto. Para a justiça, diz a verdade livremente e sem artifícios e faça as coisas conforme à lei e de acordo com a importância das coisas, não te permitindo deter pela malícia alheia nem pela opinião ou discursos de quem quer que seja, tampouco pelos apelos das sensações do corpo que te aprisiona. Se, pois, no momento em que chegar o término de tua vida, abandona todo o resto, exclusivamente as honras, em função do teu guia interior e à divindade que está dentro de ti; se temeres não começar a viver segundo a natureza, serás um homem digno do mundo que te engendrou e deixarás de ser um estranho para a tua pátria e também de admirar como coisas inesperadas os sucessos cotidianos, e de estar dependente disto e daquilo.

2. Deus vê as almas em sua pureza, livres de todos seus envoltórios materiais, de suas cascas e de suas impurezas; porque graças a sua inteligência exclusiva, tem contato só com as coisas que derivaram e emanaram dele, desde o princípio. E se também te acostumas a fazer isso, diminuirás muito os teus anseios. Pois o que não se dedica em atender o envoltório de carne que lhe circunda, não perderá tempo contemplando vestidos, casa, fama, ou outros adornos supérfluos.

3. Três são as coisas que te integram: corpo, sopro de vida e inteligência. Destas, apenas duas coisas te pertencem, na medida em que deves te ocupar delas. Só a terceira é propriamente tua. Caso expulsares de ti, isto é, de teu pensamento, tudo quanto os outros fazem ou dizem, ou quanto tu mesmo fizeste ou disseste; e tudo quanto ,no futuro, te perturba e, independente de tua vontade, está vinculado ao corpo que te rodeia ou ao teu sopro de vida; e também tudo o que vem do turbilhão exterior que agita ao teu redor, de maneira que tua força inteligente, liberta do destino, pura e sem ataduras possa viver praticando a mesma justiça, aceitando os acontecimentos e professando a verdade; se retiras, separando de tua alma, tudo o que provem dos desejos, o futuro e o passado, e faz a ti mesmo, como Empédocles, “uma esfera redonda, perfeita e satisfeita na sua plenitude solitária”, e te ocupas em viver exclusivamente o presente, poderás ao menos viver o resto de tua vida até a morte, sem confusão, benévolo e propício com tua divindade interior.

4. Muitas vezes me perguntei, com admiração, como cada um leva mais em consideração a

opinião dos outros do que a de si mesma. E, por exemplo, se um Deus ou um sábio mestre ordenasse a alguém que refletisse o seu interior e traduzisse em palavras tudo quanto concebesse ou pensasse, nem sequer um só dia aguentaria, tanto prezamos mais pela opinião dos outros do a nossa.

5. Será que os deuses, que um dia dispuseram em ordem todas as coisas harmoniosamente e com amor para os homens, puderam descuidar só este detalhe, ou seja, que alguns homens extremamente bons, depois de ter estabelecido com a divindade vários pactos e depois, graças a sua piedosa atuação e a seus sagrados cultos, foram por muito tempo ligados à divindade, uma vez que morreram, já não retornam de novo, pois se extinguiram para sempre? Sendo a condição humana dessa maneira, saiba que se fosse diferente e os deuses precisassem proceder de outro modo, assim fariam. Porque se tivesse sido justo, teria sido também possível, e se fosse de acordo com a natureza, esta faria da mesma maneira. Portanto, se as coisas não procedem dessa maneira – e de fato não procedem – convence-te de que não é preciso que aconteça desse modo. Porque tu mesmo vês também que ao desejares da tua maneira as coisas que acontecem, disputas com a divindade, e não dialogaríamos assim com os deuses, por não ser eles muito bons e muito justos. E se isto é assim não teriam permitido que ficasse descuidado injustamente e sem razão nada pertencente à ordem do mundo.

6. Procura adquirir habilidade naquilo que te achas desajeitado, porque também a mão esquerda, devido a sua falta de costume, é inábil, e, entretanto, sustenta com mais poder o freio que a direita, pois foi habituada a isso.

7. Qual o estado de corpo e de alma um homem deve se encontrar quando for surpreendido pela morte? Pensa na brevidade da vida, no abismo do tempo futuro e passado, na fragilidade de toda matéria.

8. Contempla as causas nuas de suas aparências; a finalidade das ações. O que é a dor, o que é o prazer, o que é a morte, o que é a fama? Quem não é o culpado do seu próprio sofrimento? Ninguém causa obstáculos a ninguém. Por isso tudo é opinião.

9. Na prática dos princípios é preciso ser semelhante ao lutador de pancrácio, e não ao gladiador, porque se este deixa a espada da qual se serve cair, está morto; enquanto que aquele sempre tem à mão a espada e não precisa outra coisa a não ser serrar o punho e atacar.

10. Ver o que são as coisas em si mesmas, analisando-as em sua matéria, em sua causa e em sua relação.

11. Grande é o homem que cuida de não fazer o que vai contra a divindade, e aceitar tudo o que Deus lhe atribua. Isso é estar em harmonia com a natureza!

12. Não deves te queixar dos deuses; porque nenhuma falta cometem voluntária ou involuntariamente. Tampouco se queixar dos homens, porque não falham voluntariamente.

Dessa maneira, a ninguém deves te queixar.

13. Quão ridículo e estranho é o homem que se admira por algo que acontece na vida.

14. Ou uma necessidade do destino e uma ordem inviolável, ou uma providência compassiva, ou um caos fortuito, sem direção. Se, pois, trata-se de uma necessidade inviolável, a que oferece resistência? E se uma providência que aceita ser compassiva, faça a ti mesmo merecedor do socorro divino. E se um caos sem guia, conforma- te, porque em meio de um fluxo de tal índole dispõe em seu interior de uma inteligência guia. Embora o fluxo te arraste, arraste tua carne, teu sopro vital, e o resto, porque não arrastará tua inteligência.

15. A luz de um lamparina, até extinguir-se, brilha e não perde seu fulgor. Desaparecerão com antecedência a verdade que em ti reside, a justiça e a prudência?

16. Ao achares que alguém cometeu alguma falta: “O que sei eu se isso é mesmo uma falta?” E se realmente cometeu uma falta: “ele mesmo já se condenou”. E assim isto é semelhante a rasgar-se o próprio rosto. Não querer que o mal cometa falta, assemelha-se ao que não aceita que a figueira leve leite nos figos, que os recém-nascidos chorem, que o cavalo relinche e quantas outras coisas são inevitáveis. O que pode acontecer quando a gente tem uma disposição tal? Se em efeito é veemente, cuida essa maneira de ser.

17. Se algo não é justo, não o faz; se não for verdade, não o diga; provenha de ti este impulso.

18. Em tudo ver sempre o que te causa as impressões das coisas e tratar de desenvolvê-las, analisando-as em sua causa, em sua matéria, em sua finalidade, em sua duração temporária, no transcurso da qual será preciso que tenha seu fim.

19. Procura garantir ,cada vez mais, que um pouco mais poderoso e mais divino possuis em teu próprio interior, algo maior do que as paixões, que te agita como uma marionete. Qual é agora meu pensamento? É o temor? É o receio? É a ambição? É outra paixão semelhante?

20. Em primeiro lugar, não fazer nada ao acaso, nem tampouco sem uma finalidade. Em segundo lugar, não projetar tuas ações a outro fim que não seja o bem comum.

21. Em breve ninguém estará mais em nenhuma parte, nem tampouco verás nenhuma dessas coisas que agora estás vendo, nem nenhuma dessas pessoas que na atualidade vivem. Porque todas as coisas nasceram para transformar-se, alterar-se e destruir-se, a fim de que nasçam outras a seguir.

22. Que tudo é opinião e esta depende de ti. Acaba, pois, quando quiseres com tua opinião, e do mesmo modo que um marinheiro atravessa a tormenta do cabo, surge a calma e tudo fica quieto e o golfo sem ondas.

23. Nenhuma ação que cessou no momento oportuno nenhum mal sofre por ter cessado;

tampouco quem executou esta ação sofre mal algum. Do mesmo modo, em efeito, o conjunto de todas as ações, que constituem a vida, quando cessa no momento oportuno, nenhum mal experimenta pelo fato de ter cessado, nem tampouco o que pôs fim oportunamente a este encadeamento, sofre mau algum.É a natureza que marca esse prazo, esse limite. Às vezes a natureza particular do ser, pela velhice, às vezes a natureza do Todo, pela renovação das partes, que lhe permite que lhe permite conservar o verdor e a juventude constantes do mundo na sua totalidade. E tudo o que convém ao conjunto universal é sempre belo e está em maturação. Assim, pois, o término da vida para cada um não é um mal, e tampouco uma injustiça, pois não está sujeito a nossa eleição e não machuca à comunidade, e sim é um bem, porque é oportuno ao conjunto universal, vantajoso e adaptado a ele. Assim, que se comporta de acordo com Deus em tudo, é inspirado por um sopro divino e é levado, graças a sua reflexão, a seus mesmos objetivos.

24. Preciso é ter em mão três pensamentos. O primeiro é em relação ao que tens que fazer. Tudo queo fizer, que não seja sem nenhum plano, nem contrariamente à justiça. Em relação aos sucessos exteriores, pensa que acontecem ou por acaso, ou por uma providência, e não deve censurar ao acaso nem recriminar à providência. Em segundo lugar, pensa como é cada um desde que é engendrado até a posse da alma, e desde esta até a devolução da mesma. Pensa também de que elementos se compõe e em quais se dissolverá. Em terceiro lugar, pensa que se pudesses te elevar aos ares, examinarias as coisas humanas em sua diversidades, e simultaneamente a multidão de seres que povoam os espaço; e quantas vezes subisses, tantas verias as mesmas coisas, repetidas e fugazes. De que vale a vaidade humana?

25. Expulsa a opinião e estarás livre. Quem, pois, te impede de expulsá-la?

26. Sempre que te incomodares com algo, estás esquecendo que tudo se produz de acordo com a natureza do conjunto universal, e também que a falta é alheia a esse conjunto. Além disso, que tudo o que está acontecendo, assim sempre acontecia e acontecerá, agora e em qualquer parte. O homem se liga a todo gênero humano não pelo sangue ou pelo nascimento, mas pela comunhão da inteligência. E esqueces deste modo que a inteligência de cada um é um deus e emana da divindade. Que nada é patrimônio particular de ninguém; antes bem, que filhos, corpo e também a mesma alma vieram de Deus. Esqueces também que tudo é opinião; que cada um vive unicamente o momento presente, e isso é o que se perde.

27. Lembra-te sem cessar aos que se indignaram em excesso por algum motivo, aos que alcançaram a plenitude da fama, das desgraças, dos ódios ou dos azares de toda índole. Seguidamente, pergunta-te: “Onde estão agora?”. Fumaça, cinzas, lenda ou nem sequer lenda. Recorda-te de quantos casos assim, quem foi Fábio Catulino na campanha, Lucio Lupo em seus jardins, Estertínio em Bagos, Tibério no Capri, Vélio Rufo e, em soma, a superioridade presunçosa em qualquer assunto. Quão mesquinho era todo o objetivo de seus esforços. E é

próprio de um filósofo ser justo, moderado, oferecer-se simplesmente submisso aos deuses na matéria concedida! Porque a vaidade que se exalta sob capa de modéstia é a mais insuportável de todas.

28. Aos que perguntam: “Onde viste os deuses, ou de onde chegaste à conclusão de que existem, para venerá-los assim?”. Em primeiro lugar, são visíveis a nossos olhos. E logo, tampouco eu vi alma e, entretanto, honro-a; assim também em relação aos deuses, pelas mesmas razões que comprovo seu poder repetidas vezes, por estas constato que existem e os respeito.

29. A salvação da vida consiste em ver inteiramente o que é cada coisa em si mesma, qual é sua matéria e qual é sua causa. Em praticar a justiça com toda a alma e em dizer a verdade. O que fica então a não ser desfrutar da vida, travando uma boa ação com outra, até o ponto de não deixar entre elas o mínimo intervalo?

30. Uma só é a luz do sol, embora a obstaculizem muros, montes, incontáveis barreiras; única é a substância comum, embora esteja dividida em inumeráveis corpos de qualidades peculiares; una é a alma, embora esteja dividida em infinidade de naturezas e delimitações particulares. Uma só é a alma inteligente, embora pareça estar dividida. As restantes parte mencionadas, como os sopros e os objetos sensíveis, carecem de sensibilidade e não têm relação de parentesco mútuo; entretanto, também aquelas contém o poder unificador e o peso que as faz convergir. E a inteligência em particular tende ao que é de seu mesmo gênero, e lhe une, e esta paixão comunitária não encontra impedimentos.

31. O que pretendes? Seguir vivendo? Perceber as sensações, os instintos? Crescer? Cessar de novo? Utilizar a palavra? Pensar? Que coisa entre essas te parece que vale a pena sentir falta? E se cada uma delas te parece bem desprezível, inclina- te finalmente a ser submisso à razão e a Deus. Conquanto tal culto seja incompatível com o temor de ser privado do resto pela morte.

32. Que parcela do tempo infinito foi concedida a cada um de nós? Pois rapidamente se desvanece na eternidade. E que pequena parte do conjunto da substância, e que ínfima também do conjunto da alma? E em que diminuto torrão do conjunto da terra te arrasta? Considera todas essas coisas e imagina que nada é importante, a não ser atuar como tua natureza indica e experimentá-lo como a natureza comum suporta.

33. Como se serve de ti o guia interior? Que nisso radica tudo. E o resto, dependa ou não de sua livre eleição, é cadáver e fumaça.

34. O que mais inca a desprezar a morte é o fato de que os que julgam o prazer um bem e a dor um mal, desprezaram-na, entretanto, também.

35. Para a pessoa que considera bom unicamente o oportuno, e para quem é igual executar muitas ações ou poucas de acordo com a reta razão, e para quem não importa viver no mundo

mais ou menos tempo, essa não teme a morte.

36. Bom homem, foste cidadão nesta grande cidade! O que te importa, se foram cinco ou três anos? Porque o que é conforme às leis, é igual para todos e cada um. Por que seria terrível que te desterrasse da cidade, não um tirano, nem um juiz injusto, a não ser a natureza que te introduziu? É algo assim como se um empresário que contratou a um comediante, despedisse-o da cena. “Mas não representei os cinco atos, a não ser só três”. “Tens razão, mas na vida os três atos são um drama completo”. Quem lhe marca o final é aquele mesmo que outrora foi autor da criação e hoje é o senhor da dissolução. Não concorreste tu nem para uma nem para outra. Então, serenamente, como sereno é quem te despede, vai-te.

# Publicidade

## Editora Kiron

Brasília (DF)
C-01 lote 01/12 sala 434 - Ed. TTC
Taguatinga - CEP: 72.010-010
Fone: (61) 3563.5048

João Pessoa (PB)
Av. Monteiro da Franca, 936
Manaíra - CEP: 58.038-323

editora@editorakiron.com.br
www.editorakiron.com.br




Hoje é muito mais fácil publicar um livro do que se imagina. A Editora Kiron é a solução para autores que desejam publicar seu livro em grande e pequenas quantidades, com um custo acessível e boa qualidade.

Com um processo inovador de produção de livro por demanda (pequenas quantidades), o autor pode realizar o sonho de publicar uma obra. Com a assessoria dos nossos profissionais, você pode ter sucesso e obter um bom retorno.

Conheça as publicações da Editora Kiron no site:
www.editorakiron.com.br

*Coleção Filosofia à Maneira Clássica*

# Meditações

*Marco Aurélio*

Os escritos de Marco Aurélio apresentam bem as ideias estóicas que giram em torno da negação de uma emoção, de uma habilidade, que, segundo o imperador, libertarão o homem das dores e dos prazeres do mundo material. A única maneira de um homem ser atingido pelos outros seria se ele permitisse que sua reação tomasse conta de si. Marco Aurélio não mostra qualquer fé religiosa em particular nos seus escritos, mas parecia acreditar que algum tipo de força lógica e benevolente organizasse o universo de tal maneira que até mesmo os acontecimentos "ruins" ocorressem para o bem do todo.

EDITORA KIRON

ISBN 978-85-61341-58-9

9 788561 341589